

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

**MARIGILDA ANTÔNIO CUBA**

**ATLAS LINGUÍSTICO DA MESORREGIÃO SUDESTE DE  
MATO GROSSO**

**VOLUME I**

**Campo Grande- MS  
2009**

**MARIGILDA ANTÔNIO CUBA**

**ATLAS LINGUÍSTICO DA MESORREGIÃO  
SUDESTE DE MATO GROSSO**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, área de concentração Linguística e Semiótica.

Orientadora: Profª Drª Aparecida Negri Isquerdo.

Campo Grande-MS  
2009

**MARIGILDA ANTÔNIO CUBA**

**ATLAS LINGUÍSTICO DA MESORREGIÃO SUDESTE DE MATO  
GROSSO**

Aprovada por:

---

**Aparecida Negri Isquierdo, Doutora (UFMS)**

---

**Albana Xavier Nogueira, Doutora (UFMS)**

---

**Vanderci de Andrade Aguilera, Doutora (UEL)**

Campo Grande, MS, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## Dedicatória

*Ao meu irmão Luís Waithmann Antônio, meu primeiro mestre, com quem aprendi as primeiras palavras, e a quem Deus levou para junto de si antes da conclusão deste estudo.*

## AGRADECIMENTOS

Se os desafios foram grandes, as motivações, somadas às espontâneas generosidades que fizeram possível a transformação de momentos de angústia em uma estrada larga, margeada de flores, foram grandiosas. Portanto, agradeço a todos os que caminharam comigo e em especial:

a Deus, acima de tudo, fonte inesgotável de sabedoria, que me ajuda a vencer cada etapa da minha vida;

à minha querida orientadora, Prof<sup>a</sup> Dra. Aparecida Negri Isquerdo, pelo carinho com que me recebeu em sua vida. Somente quem já passou pela felicidade e pelas angústias de uma pós-graduação sabe o quanto é importante a orientação teórica, metodológica, psicológica; enfim, teria sido impossível realizar uma tarefa como esta que agora se conclui, sem contar com uma pessoa tão especial. A ela todos os júbilos desta realização;

ao meu amado esposo Cuba, meu anjo da guarda, que sempre me incentivou, me acompanhando nas viagens, garimpando informantes, me auxiliando no computador, ou simplesmente me fazendo companhia nas longas madrugadas em que estive estudando;

aos meus amados filhos, Alex e Luciano, que são o sustentáculo das minhas realizações, e dos quais, por tantas vezes, abdiquei da companhia em prol desta pesquisa. Obrigada pela compreensão e pelas orações;

às minhas filhas do coração, Andréia e Estefânia pelo incentivo e carinho;

a cada um dos informantes que fomentou esta pesquisa, pela disponibilidade com que se colocou à nossa frente. Sem eles, não seria possível o trabalho dialetológico;

à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Suzana Alice Marcelino Cardoso e à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanderci de Andrade Aguilera, não somente pelas oportunas observações sobre este trabalho, na banca de qualificação, mas também, pela colaboração em outros momentos, com envio de textos e de sugestões importantes, quando consultadas;

aos professores do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens, pela forma com que colaboraram no meu aprendizado em outras áreas do conhecimento;

às mentoras da banca examinadora, Prof<sup>a</sup> Dra. Albana Xavier Nogueira e Prof<sup>a</sup> Dra. Vanderci de A. Aguilera, por terem nos concedido essa honra;

aos colegas de Mestrado, companheiros de todos os momentos em Campo Grande, dos quais jamais me esquecerei, e, em especial, ao Renato, que se tornou um grande amigo;

à Daniela, secretária do Programa de Mestrado da UFMS, pelo auxílio administrativo;

à amiga Regiane Reis, pela colaboração nas entrevistas em Alto Araguaia, pela doação de textos tão preciosos para fundamentar esta pesquisa, pelo carinho e amizade;

à Greize Alves da Silva e à sua equipe colaboradora, pelo profissionalismo com que se dedicaram às transcrições dos inquéritos;

à Gleidy Aparecida Milani, pela dedicação com que elaborou o modelo de carta que originou as outras cartas linguísticas;

ao Gilberto de Oliveira e à sua esposa, Shirley, pela criação do designer das cartas linguísticas;

à CAPES, pelo incentivo financeiro.

Há muitos mais a quem agradecer. A todos aqueles que, embora não nomeados, me brindaram com seus inestimáveis apoios em distintos momentos e por suas presenças afetivas, o meu reconhecido e carinhoso muito obrigada!

Todos vocês são co-autores deste trabalho.

# SUMÁRIO

## VOLUME I

Lista de abreviaturas	i
Lista de ilustrações	li
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	<b>21</b>
<b>A ÁREA INVESTIGADA NO CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO</b>	
1.1. O desenvolvimento ocupacional de Mato Grosso.	21
1.2. A Mesorregião Sudeste de Mato Grosso	28
1.3. Uma visão geral do povoamento da área pesquisada	34
1.3.1. Campo verde	34
1.3.2. Dom Aquino	36
1.3.3. Tesouro	38
1.3.4. Poxoreo	40
1.3.5. Guiratinga	42
1.3.6. Rondonópolis	43
1.3.7. Itiquira	46
1.3.8. Alto Araguaia	48
1.4. Os reflexos da migração na Mesorregião Sudeste mato-grossense	51
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>A DIALETOLOGIA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS</b>	<b>54</b>
2.1. Os estudos da variação linguística: o lugar da Sociolinguística e da Dialetoлогия.	63

2.2. A Dialetoologia Pluridimensional	66
2.3. Um olhar sobre as manifestações dialetológicas.	69
2.4. Os estudos dialetológicos em Portugal	72
2.5. Os estudos dialetológicos no Brasil	75
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>METODOLOGIA – CONSTRUINDO CAMINHOS</b>	<b>83</b>
3.1. A escolha da rede de pontos	83
3.2. Perfil dos informantes	88
3.3. O instrumento de coleta de dados: o questionário linguístico	90
3.4. A pesquisa de campo	93
3.5. O registro dos dados	97
3.5.1. A transcrição fonética	97
3.5.2. A transcrição grafemática	98
3.6. Catalogação e armazenamento dos dados	98
<b>CAPÍTULO IV</b>	
<b>ALGUMAS TENDÊNCIAS DO FALAR DA MESORREGIÃO SUDESTE DE MATO GROSSO REGISTRADAS NO ALMESEMT.</b>	<b>100</b>
4.1. Aspectos fonético-fonológicos	101
4.1.1 As vogais pretônicas	101
4.1.2 A monotongação	103
4.1.3 A desproparoxitonização	104
4.1.4 Outros fenômenos observados	105
4.2 Aspectos semântico-lexicais	106
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>116</b>
<b>ANEXO - Ficha do informante</b>	
<b>APÊNDICE A - Questionário linguístico</b>	

**APÊNDICE B** - Modelo da base de dados – cartas fonéticas

**APÊNDICE C** - Modelo da base de dados – cartas lexicais

**APÊNDICE D** – Correspondência entre o ALMS e o ALMESEMT  
– Cartas fonéticas

**APÊNDICE E** – Correspondência entre o ALMS e o ALMESEMT –  
Cartas lexicais

## **VOLUME II**

### **ATLAS LINGUÍSTICO DA MESORREGIÃO SUDESTE DE MATO GROSSO**

<b>APRESENTAÇÃO</b>	126
<b>1 METODOLOGIA</b>	127
1.1 A REDE DE PONTOS	127
1.2 OS INFORMANTES	132
1.3 O QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO	137
1.4 AS CARTAS	138
1.4.1 As cartas fonéticas	140
1.4.1.1 Símbolos fonéticos utilizados e sua descrição	141
1.4.2 As cartas léxicas	145
<b>2 ÍNDICE DAS CARTAS</b>	146
2.1 Cartas introdutórias	146
2.2 Cartas linguísticas	146
2.2.1 Cartas fonéticas	146
2.2.2 Cartas lexicais	150



## LISTA DE ABREVIATURAS

<b>A.C</b>	Antes de Cristo
<b>ADDU</b>	Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai
<b>AIS</b>	Atlas Linguístico e Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional
<b>ALCPR</b>	Atlas Linguístico de Contato no Rio da Prata
<b>ALE</b>	Atlas Linguarum Europae
<b>ALEAç</b>	Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores
<b>ALEPG</b>	Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza
<b>ALERS</b>	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
<b>ALF</b>	Atlas Linguístico da França
<b>ALGR</b>	Atlas Linguístico Guarani-Românico
<b>ALiB</b>	Atlas Linguístico do Brasil
<b>ALiMAT</b>	Atlas Linguístico de Mato Grosso
<b>ALiR</b>	Atlas Linguistic Roman
<b>ALMESEMT</b>	Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso
<b>ALMRP</b>	Atlas Linguístico das Minorias Rio Platenses
<b>ALMS</b>	Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul
<b>ALPB</b>	Atlas Linguístico da Paraíba
<b>ALPI</b>	Atlas Linguístico da Península Ibérica
<b>ALPR</b>	Atlas Linguístico do Paraná
<b>ALS</b>	Atlas Linguístico de Sergipe
<b>ALS II</b>	Atlas Linguístico de Sergipe II
<b>APFB</b>	Atlas Prévio dos Falares Baianos
<b>CEFAPRO</b>	Centro de Formação e Atualização de Profissionais
<b>CEFET</b>	Centro Federal de Educação Tecnológica
<b>EALMG</b>	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IDH</b>	Índice de desenvolvimento habitacional
<b>IPA</b>	Associação Internacional de Fonética
<b>NALF</b>	Nouvel Atlas Linguistique de la France
<b>NI</b>	Não identificada
<b>NP</b>	Não perguntou

<b>NR</b>	Não respondeu
<b>QFF</b>	Questionário fonético-fonológico
<b>QSL</b>	Questionário semântico-lexical
<b>UEL</b>	Universidade Estadual de Londrina
<b>UFBA</b>	Universidade Federal da Bahia
<b>UFMS</b>	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
<b>UFMT</b>	Universidade Federal de Mato Grosso
<b>UNEMAT</b>	Universidade Estadual de Mato Grosso

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura I	Mapa de Mato grosso – localização no Brasil e na América do sul.	21
Figura II	Roteiro de acesso ao território de Mato Grosso – século XVIII	26
Figura III	Divisão mesorregional de Mato Grosso	29
Figura IV	Mesorregião Sudeste de Mato Grosso e suas respectivas microrregiões	30
Figura V	Sub-bacias regionais de Mato Grosso	32
Figura VI	Divisão dialetal proposta por Nascentes	77
Figura VII	Mapa da rede de pontos do ALMESEMT	88
Quadro I	Distribuição da migração na Mesorregião Sudeste de Mato Grosso	52
Quadro II	Realizações da vogal pretônica média anterior e posterior	102
Quadro III	Perfil dos informantes para o ALMESEMT	133

## RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo registrar, por meio de um atlas linguístico, a língua falada na Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, cujo povoamento decorreu de um grande fluxo migratório, entre 1880 e 1920, e que tem uma importância considerável no contexto político-econômico e social do estado de Mato Grosso. A pesquisa foi realizada em uma rede de oito pontos (Alto Araguaia, Campo Verde, Dom Aquino, Guiratinga, Itiquira, Poxoreo, Rondonópolis e Tesouro), cobrindo as quatro microrregiões que integram a mesorregião selecionada para a pesquisa. Na seleção das localidades foram considerados os seguintes critérios: i) antiguidade; ii) aspectos histórico-culturais; iii) representatividade das quatro microrregiões que formam a mesorregião Sudeste; iv) densidade demográfica; v) natureza do povoamento; vi) distribuição geográfica dos pontos na área investigada; vii) pontos propostos por Nascentes (1958) para essa região de Mato Grosso; viii) pontos que integram a rede de pontos do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) e do Projeto ALIMAT (Atlas Linguístico de Mato Grosso) no estado de Mato Grosso. As entrevistas foram realizadas *in loco*, com o auxílio de um questionário linguístico, contendo 161 perguntas que buscavam apurar variantes fonéticas e 157 que tiveram como propósito documentar variantes lexicais. Em cada localidade foram inquiridos quatro informantes – um masculino e um feminino –, de duas faixas etárias – 18 a 30 e 45 a 70 anos –, com escolaridade até a 8ª série do Ensino Fundamental, nascidos no local, ou lá residentes por mais de 50% da idade, no caso dos informantes da segunda faixa etária. O estudo resultou no Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso (ALMESEMT) que contém 122 cartas fonéticas e 121 lexicais. Os dados mapeados nas 243 cartas linguísticas do Atlas apontam algumas tendências na fala dos habitantes da região investigada, dentre outras: i) o fenômeno da variação atinge todos os níveis sociais e todas as faixas etárias, pois um mesmo fenômeno manifesta-se em várias localidades, com diversos informantes; ii) a evidência de mudanças em curso na fala dos habitantes da área geográfica pesquisada; iii) a presença de traços de conservadorismo na fala dos informantes da segunda faixa etária e de inovação na fala dos jovens iv) a manifestação de marcas de influências interculturais e linguísticas na fala dos habitantes dos municípios estudados, decorrentes do contato entre povos de diferentes regiões brasileiras que ali se fixaram e v) marcas de regionalismos mato-grossenses.

Palavras chave: Língua falada; Mesorregião Sudeste; Mato Grosso; variação linguística, atlas linguístico.

## ABSTRACT

The present study had as aim to register, through a linguistics atlas, the spoken language in the Southeast area of Mato Grosso, area in which its stand took place because of a great migration in the period between 1880 and 1920, and has a considerable importance to the economic, political and social context of the state of Mato Grosso. The research was developed in eight points (Alto Araguaia, Campo Verde, Dom Aquino, Guiratinga, Itiquira, Poxoreo, Rondonópolis and Tesouro), covering the four microregions which compose the selected area for the research. Some criteria were considered during the selection of the research location: i) antiquity; ii) historic-cultural aspects; iii) representativeness of the four microregions which form the southeast area; iv) demographic density; v) stand nature; vi) geographic distribution of the points in the studied area; vii) proposed points by Nascentes (1958) for that area of Mato Grosso; viii) points which integrate the points net of the Project ALiB (Linguistic Atlas of Brazil) and of the Project ALIMAT (Linguistic Atlas of Mato Grosso) in the state of Mato Grosso. The interviews were developed *in loco*, through the aid of a linguistics questionnaire, which contained 161 questions that tried to determine the phonetics variants and 157 questions that had as aim to register the lexical variants. In each city, four informants were asked – a masculine and a feminine ones – of two different age groups – from 18 to 30 and from 45 to 70 years old-, with the school level up to the 8<sup>th</sup> grade of Fundamental School, which were born in the place or were living there for more than 50% of their lives, in the case of the ones in the second age group. The study had as a result the Linguistic Atlas of the Southeast area of Mato Grosso (ALMESEMT) which contains 122 phonetic letters and 121 lexical letters. The data reached in the 243 letters linguistics point out to some speaking tendencies of the inhabitants of the investigated area: i) the variation phenomena reaches all the social levels and all the age groups, once the same phenomena happen in several areas, with different informants; ii) the evidence of changes in the speaking of the inhabitants of the geographic researched area; iii) the presence of conservatism in the speaking of the second age group, and the presence of innovation in the youngsters group; iv) the manifestation of intercultural and linguistics influence marks in the speech of the inhabitants of the studied cities, as consequence of the contact among peoples of different Brazilian regions that now live at the place; v) marks of mato-grossense regionalism.

**Key-words:** Spoken language; Southeast area; Mato Grosso; linguistic variation; linguistic atlas.

*O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.*

*Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.*

*Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa.*

*Era uma enseada.*

*Acho que o nome empobreceu a imagem.*

*Manoel de Barros*

## **INTRODUÇÃO**

O vigor da imagem se esmaece pelo prosaísmo da expressão e aborrece o eu - lírico. Para o poeta, nomear o objeto significa enfraquecer a imagem e descolorir o espaço poético. Já o leitor não precisa realizar muitas inferências para deslindar o sentido figurado. O tom do metafórico circunscreve-se em torno da palavra *rio*. É a partir dela que Manoel de Barros processa a analogia. Em vez de dizer que o rio é sinuoso, o poeta prefere a imagem “cobra de vidro”, pois nela convergem o movimento e o reflexo da água. Manter a imagem é muito mais plástico e bonito do que descrever literalmente como os objetos do mundo real se apresentam. A imagem é o próprio sangue da poesia.

O “desapontamento” do poeta mostra a ruptura da magia estampada na figura de uma cobra de vidro fazendo uma volta atrás da casa. Se, por um lado, a palavra, no poema, tem o poder de romper essa magia, desmistificando um conhecimento empírico, por outro, ela própria tem um valor mágico que amplia esse conhecimento.

O poema de Manoel de Barros convoca a uma reflexão sobre como a linguagem retrata o conhecimento e o entendimento de uma sociedade sobre si própria e sobre o mundo que a cerca. Por meio da linguagem, o homem pode não somente criar, nomear, transmitir, mas também transformar e reinventar.

Como no poema, a história de uma sociedade se reflete na diversidade linguística, e cabe aos pesquisadores da língua, dar um tratamento especial a esses fatos linguísticos, constituídos a partir da diversidade. Assim, para estudarmos a fala de um grupo humano, faz-se necessário, primeiramente,

resgatar a história de seu espaço geográfico, pois, ao se organizar em grupos para garantir seu sustento, o homem constrói campos de cultivo, cidades, estradas, indústrias, represa rios e extrai minérios da natureza, modificando a natureza, segundo suas necessidades.

Devido a essa capacidade inata do homem de criar e de transformar o espaço em que vive, aliada a políticas de desenvolvimento e auxiliado pelo incremento tecnológico, o Mato Grosso vem assumindo papéis de destaque na economia internacional.

Desde 1717, o vínculo capitalista internacional está presente no processo de desenvolvimento do Estado. Segundo Slomowzinski (2007, p. 19), naquele ano começaram as expedições vindas de todo o Brasil e de Portugal, pela rede hidrográfica do Mato Grosso, objetivando escravizar índios, ocupar terras, explorar as minas de ouro e diamantes. Em 1736, com a abertura da estrada Goiás-Cuiabá, começaram a definir-se os núcleos mineradores: Cuiabá, Vila Bela da Santíssima Trindade, Diamantino e Rosário Oeste.

Já a ocupação da Mesorregião Sudeste mato-grossense, cuja fala dos moradores é objeto de estudo desta pesquisa, se deu, primeiramente, na segunda metade do século XIX, com a vinda de garimpeiros atraídos pela grande quantidade de ouro e diamante encontrada próximo aos rios Garças e Araguaia. Paralelamente, com o fim de abastecer esses centros mineradores, foi se constituindo uma área comercial em São Lourenço, sul da Mesorregião Sudeste, razão por que aportaram na região, brasileiros de vários Estados da Federação, sobretudo, da Bahia e de Goiás (MORENO e HIGA, 2005, p. 212)

Com a decadência das jazidas diamantíferas, no final do século XIX, os garimpeiros, encantados com a fertilidade das terras, se instalaram, sobretudo, nas áreas dos atuais municípios de Rondonópolis, Juscimeira, São Pedro da Cipa, Jaciara, Alto Araguaia, Dom Aquino e Poxoreo (SIQUEIRA, 2002, p.240).

Desde então, pesquisadores de diversas áreas do conhecimento têm se dedicado à investigação das transformações sócio-espaciais por que passa o Mato Grosso. Pesquisas realizadas particularmente em cursos de pós-graduação têm se voltado a temáticas diversas, abarcando as possíveis geografias do Mato Grosso. Na esfera linguística, alguns estudiosos têm produzido trabalhos sob diferentes perspectivas, orientados, sobretudo, pelos

princípios da Sociolinguística e da Análise do Discurso. Dentre esses estudiosos da fala do mato-grossense podemos citar: Franklin Cassiano da Silva (*Subsídios para o estudo de Dialectologia em Mato Grosso*, 1921), Maria Francelina Ibrahim Drummond (*Do Falar Cuiabano*, 1978), Maria Luiza C. Palma (*Variação fonológica na fala de Mato Grosso*, 1984), Antônio Arruda (*O linguajar cuiabano e outros estudos*, 1998), José Leonildo Lima (*Vila Bela de Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos*, 2000), Edileusa Gimenez Moralis (*Dialetos em Contato: um estudo sobre atitudes linguísticas*, 2001), Cássia Regina Tomanin (*fotografias da fala de Alto Araguaia – MT*, 2003), Manoel Mourivaldo de A. Santiago e Maria Inês P. Cox (Orgs.) (*Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*, 2005), além de outros.

Já este estudo se enveredou pelos caminhos da Dialectologia, ciência que se desenvolve a partir da segunda metade do século XIX e que tem como preocupação primeira a descrição da fala de habitantes de determinado espaço geográfico.

Desde a Idade Média, o ambiente físico era considerado fator de grande importância para a questão linguística e, sobretudo, para a expansão dos falares, pois, com o desenvolvimento de novos meios de locomoção, temia-se que a fala dos lugares “se perdesse”. Essa preocupação em registrar os falares, antes que fossem alterados, desencadeou e propagou os estudos dialetológicos, a princípio pela Europa e de lá para o restante do mundo.

Logo, considerando as influências socioculturais, econômicas e políticas que afetam a linguagem do povo que vive na Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, propusemo-nos registrar, por meio de um atlas linguístico, a língua falada pelos habitantes dessa área que reúne, segundo o IBGE (Instituto de Geografia e Estatística), uma população de 411.073 hab. (2006), distribuída pelos vinte e dois municípios que integram as quatro microrregiões a ela vinculadas: Alto Araguaia, Primavera do Leste, Rondonópolis e Tesouro.

A pesquisa dialetológica realizada por meio do método geolinguístico tem como objetivo registrar o falar de uma comunidade num recorte sincrônico, por meio de um atlas linguístico, evidenciando ou refutando possíveis mudanças em curso na língua. Além disso, um trabalho geolinguístico intenta registrar os falares regionais com a preocupação de apontar como as

influências externas à língua podem modificar, ou até mesmo, interagir com os falares locais. Fornece, ainda, subsídios confiáveis para a descrição e o estabelecimento da norma brasileira.

Vale ressaltar que no Brasil, a partir da publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963), vários atlas estaduais e regionais têm sido produzidos e outros estão em execução, dentre eles, o Projeto do Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), concebido a partir de 1996, de suma importância para as pesquisas dialetológicas no Brasil e que tem por meta a realização de um atlas linguístico nacional da língua portuguesa do Brasil.

O Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso (ALMESEMT), por sua vez, objetivou, primeiramente, mapear fatos linguísticos de natureza fonético-fonológica e lexical da Mesorregião estudada. Outros objetivos estiveram presentes orientando a realização da pesquisa, como, por exemplo: 1) verificar possíveis mudanças em curso na fala dos habitantes da área geográfica pesquisada; 2) averiguar traços de conservadorismo na fala dos habitantes da área investigada; 3) identificar e descrever marcas de influências interculturais e linguísticas na fala dos habitantes dos municípios estudados, decorrentes do contato entre povos de diferentes regiões brasileiras que ali se fixaram e, 4) oferecer, aos estudiosos da língua portuguesa, subsídios para melhor interpretação do caráter multidialetal da região em estudo e, por extensão, da realidade linguística do estado de Mato Grosso, fornecendo dados linguísticos que possam contribuir para o aprimoramento do ensino/aprendizagem da língua portuguesa.

A Mesorregião Sudeste de Mato Grosso foi selecionada como área da pesquisa, primeiramente porque teve seu desenvolvimento populacional marcado por fortes influências migratórias, o que se reflete nos hábitos culturais e linguísticos da população. Além disso, é uma das únicas fronteiras habitáveis entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (o Pantanal faz a maior parte da divisa entre esses dois Estados). Logo, este estudo dará continuidade aos estudos geolinguísticos no grande “Mato Grosso”, já que Mato Grosso do Sul publicou o seu atlas linguístico em 2007 e o Atlas Linguístico de Mato Grosso está em andamento.

A apresentação dos resultados da pesquisa está estruturada em dois volumes. No primeiro, são apresentados os caminhos percorridos para a elaboração do atlas linguístico, produto da pesquisa. Já o segundo é destinado à apresentação do atlas.

Em termos estruturais, o primeiro volume contém quatro capítulos, além desta Introdução, das referências e dos anexos.

O primeiro capítulo apresenta os principais fatores histórico-geográficos que colaboraram com o desenvolvimento ocupacional de Mato Grosso e com a origem das localidades investigadas; Salienta, também, a importância do processo migratório para a constituição da Mesorregião Sudeste mato-grossense, selecionada como universo desta pesquisa.

O segundo capítulo, por seu turno, traz uma revisão de literatura, expondo os fundamentos teóricos que fomentaram a pesquisa, ou seja, os estudos da linguagem; da Linguística estrutural; da Sociolinguística, de quem a Dialetoлогия tem recebido contribuições, sobretudo quanto à metodologia de pesquisa de campo e à seleção das variáveis, e da Dialetoлогия, enfatizando o método da Geolinguística. Nesse capítulo é apresentada, também, a trajetória da Dialetoлогия no Brasil e em outros países, como, por exemplo, na França, em Portugal, nos Estados Unidos e na América do Sul, com destaque para os trabalhos mais significativos.

Já o terceiro capítulo apresenta os fundamentos metodológicos que nortearam o estudo, discutindo o instrumento utilizado na recolha dos dados (questionário linguístico), os critérios adotados para a definição da rede de pontos e a caracterização do perfil dos informantes, além dos procedimentos adotados para a transcrição, o levantamento e a sistematização dos dados linguísticos documentados.

Na sequência, são demonstradas, no capítulo quatro, as análises de alguns aspectos dos fatos mapeados, considerando os objetivos propostos no estudo e, por fim, as considerações finais.

Em seguida, é apresentada a bibliografia que norteou a pesquisa, os anexos, que conterão o questionário linguístico que norteou as entrevistas e um modelo da ficha do informante, e o apêndice, composto de um modelo da planilha de dados e de fotografias que ilustram o momento das entrevistas.

O volume II, por sua vez, apresenta o produto final da pesquisa, o Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso. Esse volume contém a Apresentação, na qual se insere a especificação da metodologia da pesquisa e, na sequência, as cartas linguísticas que compõem o atlas propriamente dito.

# CAPÍTULO I

## A ÁREA INVESTIGADA NO CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO

Este capítulo apresenta informações de natureza histórico-geográfica acerca da área investigada, a Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, e sua contextualização no Estado e no Brasil.

### 1.1. O desenvolvimento ocupacional de Mato Grosso.

Conforme dados do IBGE<sup>1</sup> e o ilustrado na figura I, relativa ao mapa da América do Sul, Mato Grosso é limítrofe ao norte com Pará e Amazonas, ao leste com Tocantins e Goiás, a oeste com Rondônia e Bolívia e ao sul com Mato Grosso do Sul.



Figura I – Mapa de Mato Grosso – localização no Brasil e na América do Sul. (Fonte: [www.google.com.br](http://www.google.com.br), acessado em 18/02/2008 e adaptado por Gilberto de Oliveira)

<sup>1</sup> [www.ibge.gov.br/municipiosdobrasil](http://www.ibge.gov.br/municipiosdobrasil). Acesso em 10 de setembro de 2008.

Sua população – 2.854.642 habitantes – está irregularmente distribuída em uma área total de 906.807 km<sup>2</sup>, com uma densidade demográfica, estimada, em 2005, de apenas 3 habitantes por km<sup>2</sup>.

Segundo Slomowzinsky (2007, p. 17), embora Mato Grosso seja eminentemente agrícola, apenas 22% da população reside no campo. A maioria da população (78%) concentra-se em Cuiabá, Rondonópolis e Várzea Grande, os três principais centros urbanos do Estado.

Vivendo em um território cujo clima, geralmente, excede os 40<sup>o</sup>, o mato-grossense é festeiro e fiel aos seus costumes e tradições. As festas religiosas, por exemplo, são importantes manifestações de cultura popular. Na festa do Divino<sup>2</sup> e na festa de São Benedito, as mais importantes festas religiosas do Estado, por exemplo, o laico e o sacro se misturam numa simbiose natural, em que religiosidade, culinária, música, dança e brincadeiras se juntam para embalar o povo e preservar a cultura. Outras manifestações culturais muito prestigiadas no Mato Grosso são as danças, sobretudo o cururu, o congo, o siriri e o rasqueado.

Ferreira, (2001, p. 211) informa que o *cururu* é uma dança folclórica das festas do Divino e de São Benedito. Surgiu entre os bororos de Mato Grosso na prática de uma cerimônia funerária chamada *bacururu*, à época dos jesuítas, quando era dançado nos templos católicos. Com a expulsão dos jesuítas, passou a ser apresentadas nas festas familiares, sobretudo, na zona rural. Nessas festas, o *cururu* é cantado e dançado somente pelos homens, que devem citar versos bíblicos e, a partir deles, criar histórias cujo rumo eles determinarão. Nessa dança, os *curureiros* (cantadores do *cururu*) utilizam instrumentos musicais tradicionais como a viola de cocho<sup>3</sup> e o ganzá<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> A festa do Divino, instituída em Portugal nos primeiros anos do século XIV pela rainha Isabel, popularizou-se no Brasil, no século XVI e é celebrada em alguns Estados brasileiros. Na preparação da festa realiza-se uma folia, com a bandeira do Divino, para arrecadar fundos e são armados coretos, palanques e um trono para o imperador do Divino. A festa dura em torno de dez dias e termina no domingo de Pentecostes, data em que a Igreja Católica comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos; ocorre sete semanas depois do domingo de Páscoa, em maio (LOUREIRO, 2006, p. 231)

<sup>3</sup> Instrumento musical confeccionado em tronco de madeira inteiriço, esculpido no formato de uma viola e escavado na parte que corresponde à caixa de ressonância. Esse instrumento é feito da mesma maneira como se faz um cocho, objeto lavrado em um tronco maciço de árvore usado para colocar alimentos para animais na zona rural. Nesse "cocho" é afixado um tampo e

Já a dança do Congo, de origem autenticamente africana, em Mato Grosso é uma manifestação devocional a São Benedito e ocorre tradicionalmente em Vila Bela da Santíssima Trindade e Nossa Senhora do Livramento. Teatralizada durante as festas religiosas e populares, cada grupo de dança é constituído por uma seção musical (três ou quatro tambores, flautas e ganzás) e um número variável de figurantes, todos eles hábeis dançarinos: o capitão *congo*, o *logozu*, o *anju môlê* (anjo que morreu), o *anju cantá* (anjo cantor), o *opé pó* (figura que executa diversas acrobacias), *ulogi* (o feiticeiro), o *zuguzugu* (ajudante de feiticeiro), três ou quatro *bobos*, o *djabu* (diabo) e dez a dezoito soldados dançarinos.

A dança do *siriri*, por sua vez, é originária da África e lembra as brincadeiras indígenas, com ritmo e expressão hispano-lusitana. A música fala das coisas da vida de forma simples e alegre. Os instrumentos musicais que a acompanham são a viola de cocho, o ganzá e o tamboril. A expressão corporal e a coreografia transmitem o respeito e o culto à amizade, por isso é conhecido como dança mensagem.

A palavra *rasqueado* tem como significado "arrastar as unhas ou um só polegar sobre as cordas, sem as pontear". A origem do rasqueado mistura-se com a saga da Guerra do Paraguai, quando os prisioneiros da Retomada de Corumbá ficaram confinados à margem direita do Rio Cuiabá, atualmente Várzea Grande. Após o final do conflito, estes prisioneiros permaneceram aqui, espalhando-se ao longo do rio, miscigenando-se e integrando-se à vida dos ribeirinhos. Essa integração resultou em várias influências como as danças folclóricas polca paraguaia (pulsante e larga, modulada no compasso binário-composto) e o siriri mato-grossense (saltitante, com percussão forte, de origem negro-bantu). A fusão dessas duas danças resultou o Pré-Rasqueado, que se limitou aos acordes de siriri/cururu, devido ao seu desenvolvimento na viola de cocho. Com a proclamação da República e a necessidade do maior entendimento entre as duas classes (ribeirinhos e elite imperial), surgiu a popularização do rasqueado. Os senhores da classe imperial precisavam ser

---

as partes que caracterizam o instrumento, como o cavalete, o espelho, o rastilho e as cravelhas (LOUREIRO, 2006, p. 230).

<sup>4</sup> Instrumento de percussão utilizado no samba e outros ritmos brasileiros. É um tipo de chocalho, geralmente feito de um tubo de metal ou plástico em formato cilíndrico, preenchido com areia, grãos de cereais ou pequenas contas. O comprimento do tubo pode variar de quinze até mais de 50 centímetros. Os tubos podem ser duplos ou até triplos (LOUREIRO, 2006, p. 232).

eleitos pelo voto do povo, o que levou os coronéis a buscarem uma música que trouxesse a população para as praças, iniciando-se, então, a assimilação do ritmo popular, denominado rasqueado (LOUREIRO, 2007, p.78).

Além das músicas e danças, a cultura mato-grossense se manifesta na culinária (o arroz com pequi, a farofa de banana, a cabeça de boi assada, o bolo de arroz e o furrundu são alguns dos pratos mais representativos), nos mitos (currupira, pé-de-garrafa, minhocão, boi-tatá, tibanaré, cabeça de pacu), nas lendas, contadas pelos antigos garimpeiros, que se perpetuam nas gerações mais jovens (a mina de Araés, a noiva de branco, a mina dos martírios), no artesanato e na linguagem.

Nessa perspectiva, conhecer e divulgar as manifestações culturais do mato-grossense, mesmo que seja apenas em uma pequena área, é relevante, pois a identidade de um povo é construída a partir de sua história e da valorização da sua cultura, dos seus hábitos e da sua forma de vida. Transmitir a história é uma maneira de entender a mistura das raças, credos e culturas que se fundem e se transformam numa sociedade. Logo, nesta pesquisa, retratamos um pouco da história do povo da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, por meio da descrição linguística.

Houaiss (1992, p. 36) esclarece que, para descrever e analisar os fatos de uma língua, é preciso considerar fatores relativos à história da comunidade:

Os dois tipos ou faces da história ligada à natureza dos fatos da língua são as vicissitudes territoriais, são os contatos, influências, mesclas, lutas, guerras, influências culturais sofridas ou exercidas pelos povos que falem (e escrevam) a língua em causa. Assim, essa história externa de uma língua se identifica com a história de seus usuários, dos seus utentes, dos que a falam [...] do destino que vão tendo e construindo ao longo dos tempos que vivem e dos espaços que ocupem: é relevante essa história, não porque ela, por si, explique ou elucide as mudanças da língua mesma, mas porque descreva ou esclareça como uma língua ou as línguas aumentam (ou diminuem) de espaço e falantes, florescendo ou desaparecendo.

Com importância geopolítica e econômica reconhecida desde o Brasil Colônia, Mato Grosso começou a ser amplamente explorado a partir da segunda metade do século XX e, a partir da década de 70 desse século, passou a receber estímulos para a ocupação de seu território, provenientes de vários programas federais e estaduais que rapidamente o transformaram em um dos maiores produtores agropecuários do Brasil.

O desencadeamento desse processo provocou a interiorização da economia, o crescimento populacional e, conseqüentemente, uma intensa urbanização que, ao lado de outros fatores, sobretudo políticos, foram decisivos para as contínuas divisões territoriais que deram origem a dezenas de municípios nas últimas duas décadas do século XX. Em termos de características da população, Mato Grosso ocupa o 9ºIDH (Índice de Desenvolvimento Habitacional) entre os Estados do Brasil.<sup>5</sup> Registra-se a predominância de indivíduos adultos com um índice de declínio de jovens (provavelmente porque vão estudar em outros Estados) e de aumento de idosos. Em média, há um predomínio de homens em relação às mulheres, devido, talvez, ao fato de que, no interior do estado, os homens vêm sozinhos, de outros Estados, tentar ganhar dinheiro, deixando as mulheres e os filhos. Contudo, na grande Cuiabá predominam as mulheres, característica semelhante à média brasileira.

Segundo Higa e Moreno (2005, p.19), o processo de ocupação do território que hoje constitui o estado de Mato Grosso remonta ao século XVI, quando, por força do Tratado de Tordesilhas<sup>6</sup>, toda a área oeste do Brasil, onde se insere o atual território de Mato Grosso, pertencia à Coroa espanhola, que enviou à região expedições de reconhecimento, com algumas tentativas de ocupação. No entanto, a dificuldade de encontrar alimentos na região, o medo dos índios que habitavam o interior do Brasil, a incerteza sobre a quem aqueles territórios pertenciam, além dos boatos de que no Peru havia minas de prata, fizeram com que os espanhóis deixassem essas terras, que seriam ocupadas, posteriormente, pelos portugueses (SIQUEIRA, 2002, p. 29).

A preocupação do colonizador português em consolidar seu domínio, a busca por pedras e metais preciosos e a necessidade de mão-de-obra para o trabalho nas lavouras, foram fatores decisivos para que os bandeirantes se incursionassem pelo interior do Brasil, no início do século XVIII, em expedições que duravam meses ou até anos. Conforme Siqueira (2002, p. 31), essas

---

<sup>5</sup> Fonte: IBGE, Contagem da População 2007. Acessado em 12/08/2008

<sup>6</sup> O Tratado de Tordesilhas, um tratado de limites, foi firmado dois anos depois do descobrimento da América, em 1494. Através desse Tratado, a América ficou dividida em duas partes, cabendo a Portugal as terras que se situassem a 360 léguas a Leste das ilhas de Cabo Verde, e à Espanha, as do lado Oeste desse limite (SIQUEIRA, 2002, p. 28).

expedições eram chamadas bandeiras. A autora, ilustrando com o mapa do roteiro das bandeiras (figura II), registra que a entrada dos bandeirantes em Mato Grosso deu-se, sobretudo, através do rio Paraguai e de seus afluentes, em trajeto que envolveu longos trechos terrestres. Esses acessos ficaram conhecidos como percursos das monções<sup>7</sup>.



**Figura II – Roteiro de acesso ao território de Mato Grosso – século XVIII**

Fonte: Moreno e Higa (2005, p. 19).

<sup>4</sup>“Expedições fluviais regulares que faziam a comunicação entre São Paulo e Cuiabá. A palavra monção era usada pelos portugueses para denominar os ventos periódicos que ocorriam na costa da Ásia Meridional. Esses ventos, que durante seis meses sopram do continente para o Oceano Índico e nos seis meses seguintes em sentido contrário, determinavam a saída das expedições marítimas de Lisboa para o Oriente. No Brasil Colônia, as expedições que utilizavam as vias fluviais foram chamadas de monções, não por causa dos ventos, mas por se submeterem ao regime dos rios, partindo sempre na época das cheias (março e abril), quando os rios eram facilmente navegáveis, tornando a viagem menos difícil e arriscada” (SILVA, 2007, p. 14).

Entre 1718 e 1724, os bandeirantes avançavam pelos rios Paraná e Paraguai, sobre os territórios que hoje constituem Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, continuamente confrontando-se com indígenas e espanhóis.

Higa e Moreno (2005, p. 21) dividem a ocupação de Mato Grosso em duas fases distintas. A primeira, 1700 a 1750, de características pré-capitalistas, foi centrada no extrativismo mineral e posteriormente vegetal, com o desenvolvimento paralelo da agricultura de subsistência e da pecuária extensiva, e perdurou até a metade do século XX. Já a segunda e atual fase refere-se à inserção de Mato Grosso na economia de mercado, caracterizada pela disseminação dos projetos de colonização e modernização agropecuária, na década de 70 do século XX.

Destarte, o desenvolvimento ocupacional de Mato Grosso, que se iniciou primeiramente por espanhóis e depois por bandeirantes paulistas, a maioria descendente de portugueses, no século XVI, só foi efetivamente concretizado no início do século XVIII com a descoberta de ouro nas minas de Cuiabá. Com a decadência dessas minas, a população mineira se dirigiu mais para oeste, vindo a descobrir uma nova área aurífera nas proximidades do rio Guaporé. Ali, em 1752, foi fundada Vila Bela da Santíssima Trindade, que se tornou a capital do Estado até 1835, quando o poder político foi transferido novamente para Cuiabá. Vila Bela, então, recebeu o título de cidade e foi nomeada Mato Grosso até novembro de 1978, quando voltou à denominação original. Além das jazidas de ouro encontradas próximas ao rio Guaporé, a razão da instalação da capital do Estado na fronteira com a Bolívia configurou-se como uma estratégia dos portugueses contra possíveis invasões espanholas (FERREIRA, 2001, p. 652).

No início do século XIX, uma nova fase de desenvolvimento e expansão populacional ocorreu em Mato Grosso, com a exploração de diamantes, que atraiu novos fluxos migratórios, sobretudo para o norte do Estado (HIGA; MORENO, 2005, p. 25).

Na primeira metade do século XX, outros fatores contribuíram para o processo de povoamento no Mato Grosso. Nessa fase, o Estado ampliou suas relações comerciais com as demais regiões brasileiras, impulsionado pela melhoria nas comunicações, atraindo novos fluxos de migrantes. O Estado se

transforma em produtor de alimentos e começa a absorver mão-de-obra excedente de outras regiões. A partir daí, diversos projetos de colonização foram implantados e Mato Grosso tornou-se área de atração para milhares de pessoas que para cá migraram de diferentes regiões do País em busca de trabalho e de oportunidades de adquirir terras a baixo custo.

Em 1977, Ernesto Geisel, então presidente do Brasil, decretou a divisão do Estado, alegando dificuldade em desenvolver a região em virtude da grande extensão e diversidade que caracterizavam a área que compreendia o então estado de Mato Grosso. Assim, ao norte, menos populoso, mais pobre, sustentado ainda pela agropecuária extensiva e às voltas com graves problemas fundiários, ficou Mato Grosso. Ao sul, mais próspero e mais populoso, foi criado o Mato Grosso do Sul (SIQUEIRA, 2002, p. 208).

Após a divisão cada Estado passou a construir sua própria cultura e sua própria história, sem, contudo, quebrar os elos socioculturais que os une. Economicamente, hoje Mato Grosso é o primeiro produtor nacional de soja e de algodão, segundo de arroz e o primeiro de bovinos<sup>8</sup>, fatores que favorecem o processo migratório, sobretudo em algumas regiões do Estado, como a Mesorregião Sudoeste, que abriga Lucas do Rio Verde, Sapezal, Diamantino, Tangará da Serra; e a Mesorregião Sudeste, onde se encontram importantes centros econômicos como Rondonópolis, Campo Verde e Alto Araguaia.

## **1.2 A Mesorregião Sudeste de Mato Grosso.**

As paisagens mato-grossenses são marcadas pelas peculiaridades constatadas na organização do espaço regional, tanto natural como aqueles decorrentes da evolução socioeconômica e cultural. Se por um lado, há áreas ricas em vegetações nativas do cerrado, predominantes no Estado, por outro, há imensas áreas de vegetações cultivadas, como soja, algodão, e outras plantações. O IBGE, na tentativa de englobar as áreas com características individualizadas, dividiu o Estado em cinco mesorregiões e vinte e duas microrregiões geográficas, como mostra a figura III, abrangendo os 142

---

<sup>8</sup> Fonte: <http://www.famato.org.br>. Acesso em 18/08/2008

municípios mato-grossenses. Além da delimitação dos espaços, foram considerados fatores econômicos, históricos, sociais e culturais.

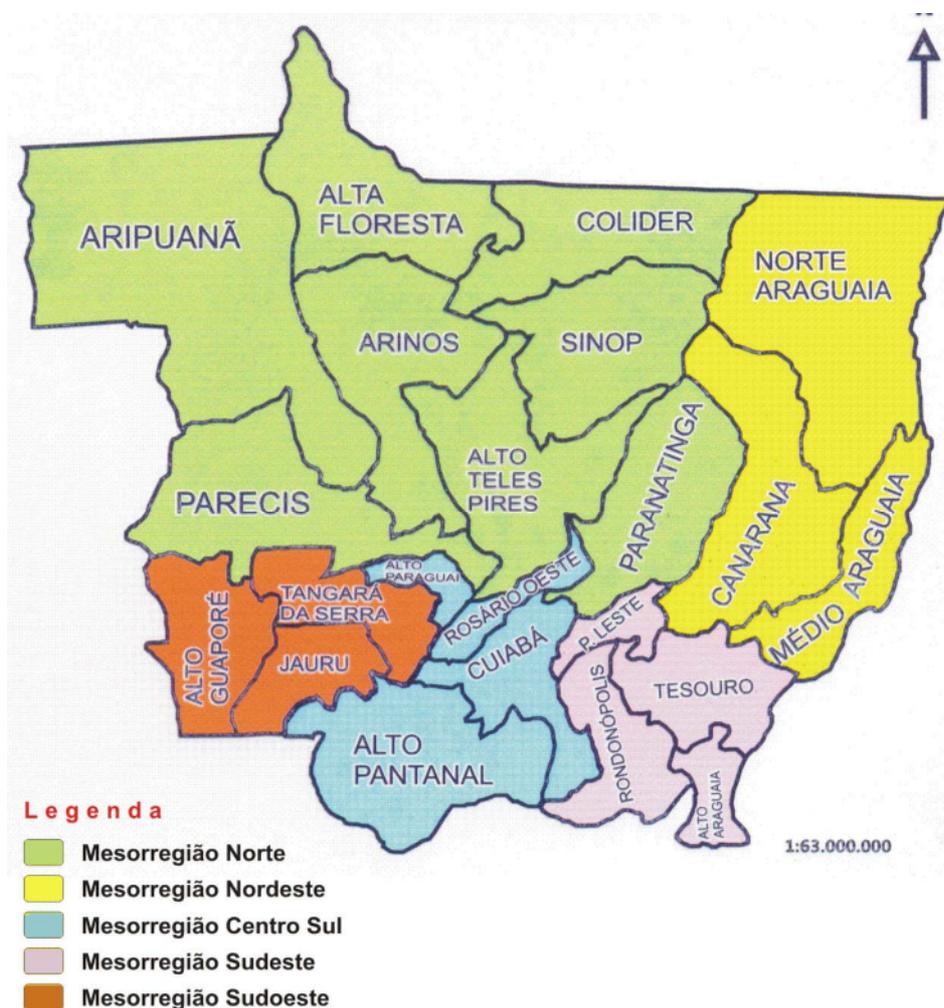


Figura III – Divisão mesorregional de Mato Grosso

Fonte: (SLOWOWZINSKY, 2007, p. 25)

A Mesorregião Sudeste mato-grossense, cuja fala é o objeto de estudo desta pesquisa, é a segunda maior do Estado em termos de concentração populacional – 358.959 habitantes em uma área de 71.975 km<sup>2</sup>. A ela pertencem quatro microrregiões: Alto Araguaia (Alto Araguaia, Alto Garças e Alto Taquari), Primavera do Leste (Campo Verde e Primavera do Leste), Rondonópolis (Dom Aquino, Itiquira, Jaciara, Juscimeira, Pedra Preta, Rondonópolis, São José do Povo e São Pedro da Cipa) e Tesouro (Araguinha, General Carneiro, Guiratinga, Pontal do Araguaia, Ponte Branca,

Poxoreo, Ribeirãozinho, Tesouro e Torixoréu. O mapa, a seguir, contém a divisão administrativa da Mesorregião Sudeste.

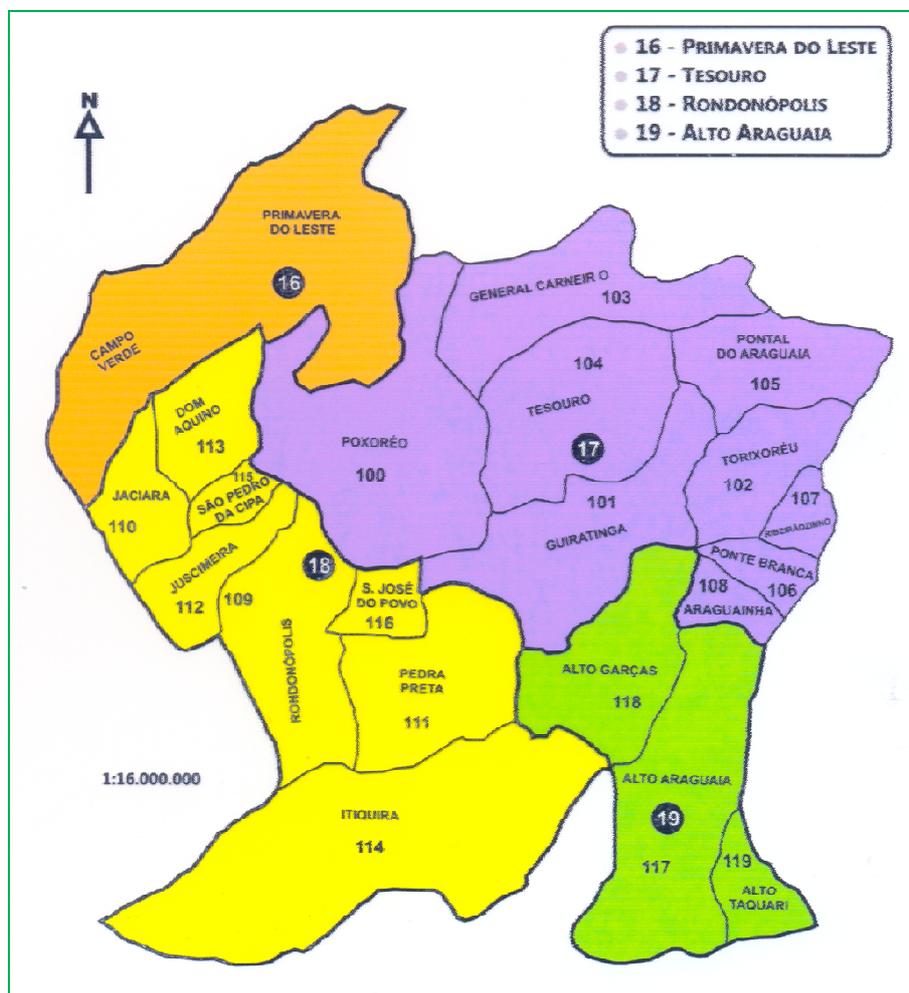


Figura IV – Mesorregião Sudeste de Mato Grosso e suas respectivas microrregiões.

Fonte: (SLOWOWZINSKY, 2007, p. 25)

O crescimento da Mesorregião Sudeste mato-grossense deu-se em três fases na história do Estado, e hoje, com o avanço da tecnologia, com a rapidez dos transportes e com a mão-de-obra cada vez mais qualificada, já podemos apontar uma quarta fase no desenvolvimento dessa área geográfica. Tendo surgido com base na atividade mineradora, numa primeira etapa e, numa segunda etapa, na criação extensiva de gado, essa Mesorregião não declinou com o término do garimpo ou com o enfraquecimento na criação de gado. Ao contrário, despontou num terceiro momento como o “grande celeiro” da agricultura nacional, no final do século XX, e vem, nesse início do século

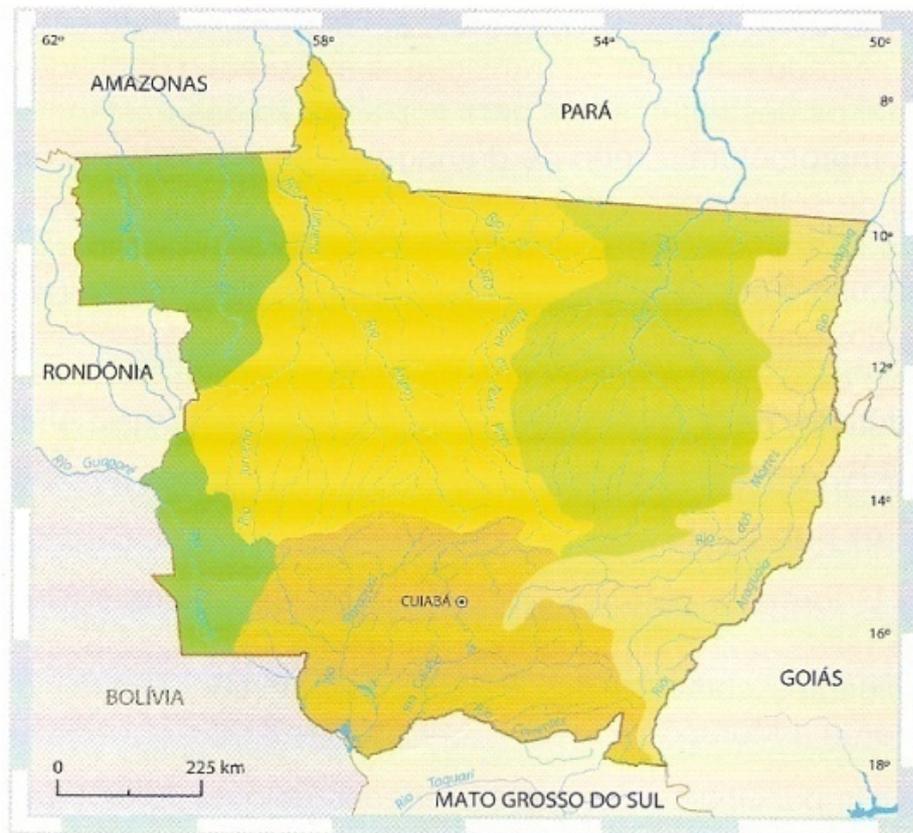
XXI, experimentando um quarto e novo período na história, o da industrialização.

Desse ponto de vista, para a compreensão da origem das cidades da área investigada e o seu conseqüente crescimento, torna-se necessária uma discussão acerca dos fatores que influenciaram o seu processo de ocupação, sobretudo, os relacionados aos rios e ao solo, pois esses foram e continuam sendo os principais desencadeadores do desenvolvimento na Mesorregião de Mato Grosso.

Em Mato Grosso, os rios sempre foram importantes vias de comunicação, tendo possibilitado a conquista e ocupação do território. Na garimpagem do ouro e diamante, os cursos de água eram utilizados como guias na ocupação de áreas garimpeiras, na exploração e no beneficiamento desses minerais. Suas margens fertilizam o solo para o cultivo agrícola e alguns são utilizados como vias de transporte.

O Estado é banhado por três importantes bacias hidrográficas: a bacia Amazônica, cujos rios principais são o Madeira, o Tapajós e o Xingu; a Platina ou do Paraná, que recebe o rio Alto Paraguai, e a Tocantina, que recebe o rio Araguaia.

Conforme a Figura V nos permite visualizar, a Mesorregião Sudeste é, privilegiadamente, banhada por duas dessas bacias, a Platina e a Tocantina. Na bacia Platina, figura o rio Paraguai e os seus afluentes principais são os rios Jauru, Cabaçal, Sepotuba, Bento Gomes, Queimado e Cuiabá que, por sua vez, recebe os rios Mutum, São Lourenço (que banham Dom Aquino e Campo Verde), Vermelho (que drena Rondonópolis e Poxoreo), Correntes, Piquiri (banham Itiquira), dentre outros. Da bacia Tocantina, o principal rio é o Araguaia e seus afluentes, como o rio Garças, que banha Tesouro, Guiratinga e Alto Araguaia (MAITELLI, 2005, p. 282).



**Figura V – Sub-bacias regionais de Mato Grosso.**

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias>

Segundo Xavier (1999, p.17), a rica hidrografia do local, aliada à perseverança natural do brasileiro fez com que o homem iniciasse o processo e povoamento do velho leste mato-grossense, por volta de 1700. Essa ocupação tornou-se permanente com a instalação do Posto Alfandegário no oeste do rio Araguaia e a construção da estrada Cuiabá-Goiás, em 1736, a qual ligava a capital do Estado à capital do Brasil, na época, o Rio de Janeiro. Outro fato que contribuiu para o povoamento da Mesorregião Sudeste mato-grossense foi a instalação da linha telegráfica, em 1890. O então tenente Cândido Mariano da Silva Rondon, descendente de índios bororos, conseguiu ganhar a confiança desses índios, tornando-se o *Grande Chefe* dessa tribo e impedindo-os de

atacarem os “guarda-fios” e os telegrafistas, que residiam próximos aos locais de trabalho com suas famílias. Esses fatos marcam a primeira fase da expansão populacional dessa região.

No século XIX, a mineração, base da economia mato-grossense nessa época, foi marcada pelo declínio da produção de ouro e pela consequente decadência. Por volta de 1908, na região leste do Estado, próxima aos rios Cassununga e Garças, ocorreu um novo surto minerador de diamantes que deu origem às atuais cidades de Alto Araguaia, Poxoreo, Guiratinga (antiga Lageadinho e Lageado), Ponte Branca, Barra do Garças, Itiquira, Tesouro. Nesse período, que aponta para uma terceira fase do crescimento da Mesorregião Sudeste do Estado, a criação de gado também foi proeminente em alguns municípios como Jaciara, Juscimeira e São Pedro da Cipa (SILVA, 2007, p.88).

Até as décadas de 40 e 50 do século XX, a Mesorregião Sudeste mato-grossense contava apenas com incentivos governamentais para a pequena produção. A partir dos anos 70 foi reduzida a garimpagem de diamantes, passando a ter destaque na economia regional a produção de grãos, de cana-de-açúcar, a criação de gado de corte e de leite e, mais recentemente, a produção de algodão.

Nesse período, a política de integração do Centro-oeste trouxe uma valorização dos solos regionais, não somente por sua fertilidade natural, mas também como reserva de valor. Constata-se que essa transformação em um dos maiores produtores agropecuários do País se deve ao desenvolvimento de técnicas específicas para o solo mato-grossense.

Conforme apresenta Moreno e Higa (2005, p. 235) dentre as técnicas desenvolvidas para a melhoria do solo na Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, destaca-se a introdução de cultivares melhorados, a correção da acidez do solo e a sua correta fertilização. O conjunto dessas ações favoreceu a expansão da área plantada e o aumento da produtividade, fazendo nascer a agricultura empresarial. A consequência dessas mudanças no solo foi a valorização das terras e a motivação para as novas levas de migrantes, sobretudo, os gaúchos e paranaenses. Inseridos nesse contexto, se encontram

os municípios de Rondonópolis, Campo Verde, Guiratinga, Itiquira e Alto Araguaia.

Atualmente, a Mesorregião Sudeste é uma das principais geradoras de emprego do Mato Grosso, especialmente Rondonópolis, o principal núcleo urbano da região, em função de sua posição estratégica em relação a Goiás, ao Sudeste do Brasil, ao Mato Grosso do Sul e ao próprio estado de Mato Grosso. O município passou a sediar, nos últimos 10 anos, empreendimentos modernos no setor industrial, consolidando-se como segundo pólo urbano do Estado.

### **1.3 Uma visão geral do povoamento da área pesquisada**

Embora as transformações infra-estruturais, econômicas e sociais tenham sido grandes, a organização produtiva e populacional na Mesorregião Sudeste mato-grossense aconteceu de forma diferenciada em alguns municípios.

Das localidades pesquisadas neste estudo (Campo Verde, Dom Aquino, Poxoreo, Tesouro, Guiratinga, Rondonópolis, Itiquira e Alto Araguaia), algumas, como Alto Araguaia, Campo Verde e Rondonópolis, se destacam no cenário nacional como pólos agropecuários ou industriais, enquanto outras, como Dom Aquino e Tesouro, se destacam pela beleza e pela impressão de que não existe o tempo nesses municípios, como podemos constatar apresentando alguns aspectos histórico-geográficos das localidades investigadas.

#### **1.3.1 Campo Verde**

Campo Verde é um topônimo composto, do qual Campo, substantivo masculino, se originou no latim *campu* e refere-se a terreno extenso e plano, planície com poucos acidentes e poucas árvores, enquanto Verde – adjetivo, vem do latim *viridis* e designa a cor mais comum nos campos, nas ervas e nas árvores, tal qual a esmeralda. A denominação Campo Verde foi motivada pelos

extensos campos que ocupam a região, totalmente cobertos pela soja e, mais recentemente, pelo algodão (FERREIRA; SILVA, 2008, p. 51).

Localizada na microrregião de Primavera do Leste e distante da capital 127 km, Campo Verde tem uma área de 4. 795 Km<sup>2</sup> e uma população estimada em 25.924 habitantes. Faz limites com Nova Brasilândia, Primavera do Leste, Poxoreo, Dom Aquino, Jaciara, Santo Antônio do Leveger, Chapada dos Guimarães e Cuiabá. O município é banhado pelos rios São Lourenço, das Mortes, Aricá Mirim, Mutum, Cumbica, Roncador, Ximbica, Galheiros e da Casca. Essa característica hidrográfica privilegia a região, eminentemente agrícola – plantação de soja, algodão e de milho (IBGE<sup>9</sup>).

A história da ocupação de Campo Verde pode ser dividida em duas etapas. A primeira remonta ao século XIX, quando lá chegaram os primeiros habitantes vindos do Triângulo Mineiro. Por mais de um século, a região viveu apenas da pecuária e da agricultura de subsistência, até que na década de 1970, com a chegada de migrantes vindos do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, Campo Verde, então conhecido como Distrito de Posto Paraná, deu um salto de progresso. Primeiro foi o cultivo de arroz que impulsionou a economia local, depois a soja ocupou o cerrado e trouxe mais riquezas para o futuro município (FERREIRA, 2001, p.412).

O primeiro núcleo de povoamento no território campo-verdense foi Capim Branco, posteriormente nomeado de Coronel Ponce, em homenagem ao cel. Generoso Paes Leme de Souza Ponce, que governou Mato Grosso no início do século XX.

Em 1886, José Camilo Fernandes e sua família chegaram a Capim Branco, vindos do Triângulo Mineiro. Depois, o goiano Duca se instalou com sua família, às margens da estrada, com um pequeno comércio, um "bolicho". A década de sessenta, do século XX, representa um segundo estágio na colonização do município, com a fixação da família sulista Côcco, em 1966, às margens da atual BR 070. Em 1974, chegou à região o Sr. Otávio Eckert, gaúcho de Carazinho, que fundou a Fazenda Campo Real e abriu o Posto Paraná, às margens da BR-070, o primeiro grande estabelecimento comercial da futura cidade de Campo Verde. Por muitos anos, o povoado ficou conhecido

---

<sup>9</sup> [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 15/01/2009

pelo nome de Posto Paraná. O município foi criado em 04 de julho de 1988, pela Lei nº 5.314 (FERREIRA, 2001, p. 412).

Atualmente, o município é o maior produtor de algodão em pluma do país, de ovos comerciais e frangos de corte do estado de Mato Grosso. Além disso, é grande produtor de carne suína, sementes fiscalizadas e grãos como soja, milho e arroz, com uma área cultivada superior a 300 mil hectares/ano.

A cidade conta com rede hoteleira, restaurantes, atendimento à saúde (quatro postos de saúde, três hospitais, sendo uma Santa Casa e um centro e diagnose) e escolas que oferecem ensino da pré-escola ao nível superior (possui um *campus* de universidade particular e um da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso).

Dentre as atrações turísticas, há uma área de lazer (Recanto do Sol), um dos cartões postais de Campo Verde, e utilizada pela população para práticas esportivas e recreativas; cachoeiras (do Rio da Casca, São Lourenço, Roncador); os morros da rapadura, com seu sítio arqueológico, cujas inscrições rupestres datam de mais de 4 mil e quinhentos anos e da Cruz com mirante de mais de 400 metros que proporciona uma ampla visão da paisagem do distrito de Capim Branco (Coronel Ponce).

Capim Branco, hoje distrito do município, a 20 quilômetros de Campo Verde, abriga casas centenárias que serviam de moradia ao Marechal Cândido Rondon e contam parte da história da colonização da região. A cidade de pedra com suas formações rochosas, a Lagoa Azul, a Gruta do Francês, e a Lagoa Dois Corações, são outras atrações que fazem do turismo a mais nova fronteira econômica a ser explorada no município. Além das atrações naturais, Campo Verde promove anualmente diversos eventos que buscam divulgar a cidade e suas potencialidades, como a feira agropecuária, realizada todos os anos, no mês de julho.

### **1.3.2 Dom Aquino**

Dom Aquino origina-se no latim. Dom – *dominus* significa senhor, título honorífico. Aquino origina de *Aquinnu*, sobrenome de origem religiosa, de São Tomás de Aquino (FERREIRA; SILVA, 2008, p. 83).

Há em Dom Aquino, segundo a contagem da população, realizada em 2007, pelo IBGE, 8.261 habitantes, distribuídos em 2.205 km<sup>2</sup>, dentre os quais, 6.683 habitantes vivem na zona urbana. O município, distante da capital 12 km, pertence à microrregião de Rondonópolis e faz limites com Poxoreo, Primavera do Leste, Campo Verde, Jaciara e São Pedro da Cipa. (IBGE<sup>10</sup>). Seus principais rios são o São Lourenço e o Mutum. Sua principal atividade econômica é a agricultura (cana-de-açúcar), ao lado da pecuária, com sistema de cria, recria e engorda.

A história de Dom Aquino tem início por volta de 1920, quando garimpeiros procedentes de Poxoreo abriram garimpos em Pombas, onde nasceria Mutum, posteriormente Dom Aquino. A primeira denominação da localidade, Mutum, foi motivada pela grande quantidade de pássaros nativos galiformes da família dos cracídeos, os mutuns, que habitavam na região (XAVIER, 1999, p. 86).

O município de Mutum foi criado pela Lei Estadual nº 1.196, de 22 de dezembro de 1958. Com essa denominação passou à história mato-grossense. A Lei Estadual nº 2.492, de 24 de setembro de 1965, de autoria do deputado Walderson Coelho, determinou a alteração do nome do município de Mutum para Dom Aquino, uma homenagem a D. Francisco de Aquino Correia, Arcebispo de Cuiabá que, aos 32 anos, conquistou o governo do estado de Mato Grosso – então província –, governando-o de 1918 a 1922. Dom Aquino nasceu em Cuiabá em 1885 e foi um dos principais incentivadores da fundação da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ao homenagear Dom Aquino com o nome do município, Walderson Coelho levou em consideração o currículo do religioso e também fundamentou sua propositura no fato de haver em Minas Gerais, na região do Vale do Rio Doce, uma cidade com o nome de Mutum. (FERREIRA, 2001, p. 456).

O primeiro telégrafo de Mato Grosso foi edificado pelo Marechal Rondon na cidade de Dom Aquino, mais precisamente no Distrito de Coronel Ponce, atualmente pertencente a Campo Verde.

---

<sup>10</sup>[WWW.ibge.gr.gov](http://WWW.ibge.gr.gov) acesso em 15/01/2009

A maioria das primeiras famílias que se estabeleceram em Mutum, depois dos poxoreanos, veio de estados do Nordeste, notadamente do Ceará, da Bahia e do Maranhão.

Atualmente, o município passa por uma fase de estagnação na economia, devido ao crescimento de Jaciara e Campo Verde, fato que trouxe um alto nível de desemprego no município. Apesar dos problemas que vem enfrentando, o município se orgulha Dom Aquino tem um hospital, três escolas que atendem o nível fundamental e médio. O turismo é pouco explorado, embora haja cachoeiras, rios e grutas que circundam o município.

### **1.3.3 Tesouro**

O significado do termo que deu origem ao topônimo Tesouro significa material valioso, jóias ou pedras preciosas e origina-se do latim *thesaurus* (FERREIRA; SILVA, 2008, p. 223).

O município de Tesouro, banhado pelos rios Garças e Batovi, é pertencente à microrregião de Tesouro. Localiza-se a 390 km de Cuiabá, capital do Estado e seus municípios vizinhos são: General Carneiro, Guiratinga, Poxoreo e Pontal do Araguaia. Segundo a contagem realizada pelo IBGE, em 2007, a população tesourense era de 3.109 habitantes.

As origens do município de Tesouro remontam às fazendas de pecuária do século XIX. No entanto, as ações desenvolvidas pelos homens em torno da corruptela garimpeira recém formada sempre foram motivadas pela busca de fortuna fácil proporcionada pelo diamante. Na história do município nessa fase garimpeira, dois nomes foram muito importantes: 1) Antonio Cândido de Carvalho, aventureiro, que acabou sendo o "garoto propaganda" das minas diamantíferas do leste mato-grossense, e 2) João José de Moraes - o Cajango, que convenceu os seringueiros Feliciano Cezílio de Souza, João Cezílio, José Lício de Araújo e José Luiz a tornarem-se garimpeiros. Cajango forneceu víveres e instruções sobre roteiros a serem seguidos, colaborando com o sucesso das expedições no rio Garças.

Com a propagação dos boatos da existência de diamantes na região e com a consequente descoberta dos manchões<sup>11</sup>, a cata de diamantes tornou-se intensa, determinando a afluência de garimpeiros vindos da Bahia, de Goiás, do Maranhão e de Minas Gerais, que, em 1909, iam se instalando em casa de parentes, amigos que já estavam se estabelecendo por ali. Foi assim que começou o processo de formação dos primeiros povoados e corrutelas no município de Tesouro: Cassununga, Monchão Dourado, Córrego D'anta, Criminoso, Chapadinha, Biongo, Batovi e Tesouro, onde mais tarde seria a sede do município.

Na Divisão Territorial e Administrativa do estado de Mato Grosso, em 31 de dezembro de 1937, o povoado de Tesouro aparece como distrito do município de Santa Rita do Araguaia-MT (atualmente Alto Araguaia). Mais tarde, teve seu território jurisdicionado ao município de Lageado (hoje Guiratinga). A emancipação de Tesouro data de 10 de dezembro de 1953, através da Lei Estadual nº 664.

Atualmente, o município tem como principal atividade o cultivo de maracujá, melancia e goiaba, produtos que são entregues em uma pequena indústria de polpa de frutas, localizada no município. Também há alguns garimpos às margens do córrego Batovi e do Pratinha, onde pequenos grupos de garimpeiros buscam o sustento da família, além de pontos pesqueiros no rio Garças que atua como atrativo no turismo local. A cidade encanta pela beleza natural e pela simpatia do seu povo.

Há, no centro da cidade, uma praça onde crianças, jovens, adultos e idosos se encontram à noite para “prosear” e comer cachorro quente em uma das lanchonetes instaladas ao redor da praça. A cidade conta com um hospital e dois postos de saúde; duas escolas (uma municipal e uma estadual) de Ensino Fundamental e Médio e uma de pré-escola. Não há restaurantes na cidade, os visitantes se alimentam na residência da Sra. Dulcinéia ou em uma pensão da cidade. Também só há um hotel que permanece fechado aos finais de semana.

---

<sup>11</sup> Manchas nas margens do rio onde se encontram grandes quantidades de diamante.

### 1.3.4 Poxoreo

Poxoreo é um nome composto oriundo da língua bororo *Po*, que significa água, rio + *cereu*, sendo que *ce* significa preto, escuro e *réu*, sufixo possessivo: o rio de *água escura* (FERREIRA; SILVA, 2008, p. 173).

O município de Poxoreo localiza-se na microrregião de Tesouro e faz limites com Primavera do Leste, Santo Antonio do Leste, Novo São Joaquim, General Carneiro, Tesouro, Guiratinga, São José do Povo, Rondonópolis, Juscimeira, São Pedro da Cipa e Dom Aquino. Está distante 290 km de Cuiabá e atualmente tem uma população estimada em 17.592 habitantes<sup>12</sup>. Suas principais atividades econômicas são a agricultura, a pecuária, o extrativismo mineral (diamantes) e o turismo ecológico.

No município nascem dezenas de córregos que são afluentes e formadores do rio das Mortes, afluente do Araguaia. Na porção Centro-Sul do município nascem os córregos Bororo, São João, Coité e Paraíso, os quais em Jaridore e Naboreiro formam o rio Poxoreo, Vermelho e São Lourenço (XAVIER, 1999, p. 93).

Quando os primeiros sertanejos (baianos, maranhenses, mineiros, goianos, dentre outros) chegaram às terras onde seria fundado o município (25.509 Km<sup>2</sup>), aproximadamente em 1920, só havia famílias Bororo às margens dos rios e córregos lá existentes. Em junho de 1924, foram descobertas as primeiras gemas diamantíferas na região – sete xibius<sup>13</sup> – por João Ayrenas Teixeira e mais seis garimpeiros. Por essa razão e por serem eles sete companheiros, deram nome àquele riacho, de "Sete". Nos dias seguintes, continuaram com as prospecções, encontrando pedras maiores e reconhecendo a riqueza das jazidas descobertas (XAVIER, 1999, p. 104).

Baxter (1988, p. 42) afiança, que no mesmo ano (1924), afluíram para a região grandes levas de garimpeiros, vindos, sobretudo, da Bahia e do

---

<sup>12</sup> Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php> (acesso em 12/08/2008).

<sup>13</sup> "Também Chibiu e Xibio. Garimpo: diamante pequenino muito usado para cortar vidros (ORTÊNCIO, 1983, p. 110).

Maranhão. Em novembro de 1924 e em janeiro de 1925 são descobertas as jazidas de Todos os Santos e as de Rio das Pombas, respectivamente.

Em vista do aumento dos garimpos no leste mato-grossense, o governo redefiniu, em 1926, a operação de agência de mineração. A região contava com dois dos sete distritos administrativos de campos diamantíferos: São Pedro-Pombas e Poxoreo-Alto Coité.

Em 1932, Poxoreo foi elevado a distrito de Cuiabá. Nessa época, os aviões tornaram-se meios de transporte por excelência e Poxoreo tornou-se escala de uma linha entre Belo Horizonte, Corumbá e Cuiabá. Dessas viagens faziam parte os compradores de diamantes.

Em 29 de março de 1938, pela Lei Orgânica Federal nº 311e pelo Decreto nº. 145 e 208 foi criado o município de Poxoreo.

Mas não foi somente o garimpo que fez a história do município. O lugar foi agraciado com atividades agrícolas do governo. Entre 1925 e 1940, grupos de nordestinos foram trazidos com o intuito de estabelecer pequenas colônias agrícolas. A caracterização desses segmentos populacionais é totalmente adversa. Enquanto os agropecuaristas estabelecem residências, fixando-se em fazendas, os garimpeiros constituem-se, na grande maioria, numa população nômade, que está sempre em busca de regiões onde o mineral é mais abundante e com extração facilitada.

Segundo dados divulgados pela Cooperativa Sul Mato-grossense de Garimpeiros, na ocasião das entrevistas, ainda existem, em Poxoreo, em torno de 91 dragas<sup>14</sup>, além disso, ainda há centenas de garimpeiros trabalhando nos "batidos d'água".

Poxoreo é dividida em lado novo e lado velho, como definem os moradores. O lado velho preserva, ainda hoje, os traços de cidade garimpeira, com suas ruas estreitas, pavimentadas de paralelepípedos, igrejas de pedras, estabelecimentos comerciais pequenos, alguns de compra de ouro e pedras preciosas; no lado novo, há o prédio da prefeitura, um conjunto habitacional e o hospital, além de casas comerciais e residenciais. Possui dois hotéis, um no

---

14- "Aparelho com que se tiram areia, lodo, entulho, etc., do fundo dos rios ou do mar" (FERREIRA, 1989, p. 246).

lado velho e outro no novo, 17 escolas que oferecem instrução formal até o Ensino Médio.

### **1.3.5 Guiratinga**

O nome Guiratinga se origina do Tupi *guira/gyra*, que significa ave, pássaro ou garça + *tinga* relacionando-se à cor branca, alvo: garça branca. (FERREIRA; SILVA, 2008, p. 93)

O município de Guiratinga foi fundado em 1943 e pertence à microrregião de Tesouro. Está a 315 km de Cuiabá e seus municípios limítrofes são Tesouro, Torixoréu, Araguainha, Alto Garças, Pedra Preta, São José do Povo, Poxoreo e Pontal do Araguaia. É banhado pelo rio Garças e pelo córrego Lageadinho. O município possui 13.883 habitantes, que vivem da pecuária intensiva, da agricultura e do pequeno comércio.

Os primeiros desbravadores da região pretendiam explorar a agricultura e a pecuária. Vinham de Goiás, atraídos pelo solo fértil e pelas paisagens naturais, acompanhados pela expedição de Antônio Cândido de Carvalho e João José de Moraes, em 1890.

A partir de 1890, estabeleceu-se na região a Missão Salesiana do Brasil, que havia partido de Cuiabá a 17 de junho daquele mesmo ano. Essa missão levou o nome de Colônia Indígena Coração de Jesus, ficando sob a direção do padre João Duroure, que era de origem francesa e que mais tarde, em 1933, foi o fundador da Obra Salesiana de Guiratinga.

Auxiliados pelos índios Bororo que ali habitavam, os goianos iniciaram a exploração de diamantes, abaixo da confluência do córrego Cassununga com o rio das Garças. A mina então descoberta recebeu a denominação de “Garimpo Velho”. A notícia correu rápido, o que determinou a afluência de novos forasteiros, surgindo, assim, a maior fonte de extração de diamantes da época, localizada no rio das Garças. (SILVA, 2007, p. 94).

Em 1920, Augusto Alves, natural de Minas Gerais, construiu o primeiro rancho em Lageadinho, primeiro nome de Guiratinga, exatamente onde atualmente se situa a prefeitura municipal. Atribui-se a Augusto Alves a façanha de ter lançado as bases de povoamento de Guiratinga.

A Lei nº 961, de 12 de junho de 1926, alterou a denominação de Lageadinho para Lageado. Três anos após foi reservada uma área de 3.600 hectares para a formação oficial do patrimônio. Em 25 de setembro de 1929, outra lei decretou que a localidade passasse a denominar-se Vila do Lageado. O decreto-lei nº 145, de 29 de março de 1938, criou o município Lageado.

Em 31 de dezembro de 1943, por Lei Federal, o nome Lageado foi substituído por Guiratinga. Na verdade, a lei que alterou a denominação da localidade se fez valer em todo o Brasil, mudando nomes de municípios, tão ou mais antigos que Guiratinga. Procurou-se, com a lei, evitar que cidades brasileiras tivessem a mesma denominação<sup>15</sup>.

O município já foi referência regional em atendimento hospitalar no único hospital municipal que hoje está prestes a fechar, segundo os moradores. Possui 10 escolas públicas que funcionam até o Ensino Médio. O turismo não é explorado, embora seja cercado de sítios arqueológicos e cachoeiras que deságuam no Garças, um dos mais belos rios da região.

### **1.3.6 Rondonópolis**

A base linguística do topônimo Rondonópolis é híbrido, formado pelo sobrenome *Rondon* nome do homem que se origina do francês antigo *Rodlant*, que, por sua vez, vem do germânico *hrôms*, que significa glória. O substantivo feminino *pólis* é sufixo, origina-se do grego e significa cidade: cidade de Rondon (FERREIRA; SILVA, 2008, p. 186).

Rondonópolis, cuja população é de 172.783 habitantes, fica a 210 km da capital do Estado e faz limites com Juscimeira, Itiquira, Poxoreo, São José do Povo, Pedra Preta e Santo Antônio do Leveger. O município é banhado pelos rios Vermelho, Tadarimana, Arareau, Ponte de Pedra e Jurigue. Possui uma área de 4.165 km<sup>2</sup> e está localizada em posição privilegiada, no entroncamento das rodovias BR 163 e BR 364, duas importantes vias de acesso ao norte do país e de escoamento dos grãos produzidos no Estado (IBGE, 2007).

---

<sup>15</sup> FONTE: [WWW.biblioteca.ibge.gov.br](http://WWW.biblioteca.ibge.gov.br) Acesso em 10/09/2007.

Os primeiros sinais de vida em Rondonópolis apareceram há pelo menos cinco mil anos, segundo os estudos realizados no sítio arqueológico Ferraz Igreja.

No final do século XIX, o local era povoado por índios Bororo, pelo efetivo do destacamento militar em Ponte de Pedra e por aventureiros em busca de ouro e de pedras preciosas.

Logo nos primeiros anos de 1900, começaram as expedições da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas Gomes Carneiro, sob o comando do primeiro tenente Cândido Rondon. Eram essas expedições que determinavam o traçado da linha telegráfica para interligar o estado do Mato Grosso ao Amazonas. Em 1922, acontece a inauguração do primeiro posto telegráfico às margens do rio Poguba, atual rio Vermelho, principal rio de Rondonópolis.

No entanto, pode-se dizer que a partir de 1902 começava a ser formado o Povoado do rio Vermelho com a fixação de famílias procedentes de Goiás e de outras regiões de Mato Grosso, sobretudo da capital. Em 1915 já havia cerca de setenta famílias na localidade. Nesse mesmo ano foi promulgado um decreto lei que estabelecia uma reserva de 2.000 hectares para o patrimônio do povoado. Três anos depois o major Otávio Pitaluga concluía o projeto de medição, alinhamento e estética da localidade.

A mudança do nome de Povoado do Rio Vermelho para Rondonópolis aconteceu em 1918 e, em 1920, o lugarejo passa a ser distrito de Santo Antônio do Leverger, pertencente à comarca de Cuiabá. Na década de 20, do século XX, a cidade começa a ser despovoada. Devido a fatores como epidemias e enchentes em Rondonópolis, e a descoberta de diamantes na região de Poxoreo, muitas famílias se mudaram para essa cidade, levando Rondonópolis à condição de distrito de Poxoreo no final dos anos 30.

Em 1947, Rondonópolis é inserida no contexto capitalista de produção como fronteira agrícola mato-grossense, resultado da política do sistema de colônias implantado pelo governo do Estado. A emancipação política acontece em dezembro de 1953.

Nas décadas de 50 e 60, do século passado, o crescimento econômico de Rondonópolis vem através do campo, enquanto produtor de alimentos e

extensão do capital. Nesse período destaca-se a força da mão-de-obra de migrantes mato-grossenses, nordestinos, paulistas, mineiros, além de japoneses e libaneses que se instalaram no campo. Na década de 70, acelerou-se no município o processo de expansão capitalista, e Rondonópolis desenvolveu o mais rápido processo de modernização do campo que se teve notícia no Centro-Oeste, incrementando as atividades da soja, da pecuária e do comércio, e atraindo a migração sulista (FERREIRA, 2001, p. 593).

Na década de 80, Rondonópolis passa a ser pólo econômico da região e é classificado como segundo município do Estado em importância econômica, demográfica e urbana. Nos anos 90, projeta-se como “A Capital Nacional do Agronegócio”, ao mesmo tempo em que cresce o setor agroindustrial.

Hoje, decorridos pouco mais de 50 anos de sua emancipação política, Rondonópolis é considerada a segunda economia do Estado. Além de extensas fazendas de soja, algodão, milho e girassol e de empresas ligadas ao agronegócio, que se instalaram ali, atraídas pelas terras férteis e pela localização geográfica, atualmente, grandes indústrias, de diversos setores estão se instalando na cidade, como, por exemplo, cervejarias, indústrias têxteis, alimentícias, metalúrgicas e de outros segmentos, proporcionando empregos e fomentando o desenvolvimento local.

O município conta com 83 escolas de ensino público e privado, que oferecem escolaridade até o Ensino Médio. Possui 08 instituições de Ensino Superior, sendo 01 federal e 07 privadas, além de centros profissionalizantes como o Centro de Formação e Atualização de Professores (CEFAPRO) e o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET).

Na área da saúde, a população conta com 105 instituições, dentre essas, 04 hospitais e centros diagnósticos com equipamentos de última geração. O centro médico e odontológico de Rondonópolis é referência para toda a Mesorregião Sudeste do Estado.

Com relação ao turismo, o município possui um complexo rochoso de 1000 hectares onde são feitos vôos panorâmicos e onde são encontradas as inscrições rupestres de Ferraz Igreja, pesquisador espanhol que descobriu pinturas de mais de 4 mil anos; o sítio arqueológico André Basso, uma das

maiores reservas reconhecidas do Mato Grosso e que está entre as dez maiores do Brasil; o rio Ponte de Pedra que é indicado para a prática de esportes radicais como *rafting* e canoagem; além do Parque das Águas, um complexo construído às margens do rio Vermelho; o horto florestal e os clubes de lazer particulares.

### 1.3.7 Itiquira

O nome do município *Itiquira* é de origem Tupi, *itiquir* e significa pingar, gotejar: água que move, água em abundância. É um topônimo geográfico que referencia o rio Itiquira que banha a cidade (FERREIRA; SILVA, 2008, p. 101).

Itiquira pertence à microrregião de Rondonópolis, possui uma área de 8.639 km<sup>2</sup> e uma população de 12.159 habitantes. (IBGE, 2007). Fica distante 347 km da capital e faz limites com Rondonópolis, Pedra Preta, Cuiabá, Sonora, Alto Garças, Santo Antonio do Leverger, Barão de Melgaço e Coxim-MS. Os principais rios que circundam o município são Itiquira, Correntes, São João, Bom Jardim, Pedra de Fogo, Piquiri, Boa Esperança e Peixe de Couro.

Em meados da década de 1860, dadas as dificuldades de transporte das mercadorias vindas principalmente das cidades de Uberlândia (MG), Jataí (GO) e São Paulo (SP), José Salgueiro, imigrante português e hábil comerciante, estudou a possibilidade de transportá-las do armazém geral, localizado às margens do rio Corrente para Ivapé. Em 1904, Chico Mestre, vindo de Goiás, e a sua equipe iniciaram a empreitada até o porto do rio Corrente; assim, Itiquira passou a ser rota do sal. A estrada salineira de Ivapé, como ficou conhecida na época, posteriormente denominada estrada do Salgueiro, possibilitou a instalação de pousadas, acampamentos ao longo do seu percurso que foram se transformando em pequenos povoados e denominando regiões como Cabeceira das Araras, Fazenda Abílio Maia, Córrego Engano, Capoeirinha (SILVA, 2007, p. 112).

Conforme Silva (2007, p. 113), em 1908, Chico Mestre, depois de abrir a picada da estrada salineira e encantado com as belezas naturais da região, escolheu Itiquira para fixar residência. Seus filhos José Ignácio de Oliveira

(Minzeca), Josias José de Oliveira (Josias Mestre) e Honório José de Oliveira (Nego Mestre) o acompanharam e, em 1910, com suas respectivas esposas se instalaram nas fazendas Serra Negra, Coroa e Ponte de Pedra.

A partir de 1932 até o final dos anos 40, a exploração de diamante encontrado em profusão em Itiquira atraiu migrantes do Nordeste, de municípios vizinhos como Guiratinga (então Lageado), de Poxoreo, além de imigrantes russos, alemães e portugueses, que se embrenhavam no rio Itiquira em busca do sonho de riqueza.

José Costa Ramos foi, sem dúvida, um dos primeiros garimpeiros que, em 1933, fixou residência no local onde hoje se situa a Praça dos Garimpeiros, e que possui estátua em sua homenagem. Depois dele foram chegando outros garimpeiros e, dentre estes, Pedro Campos, mais conhecido por "Pedro Barracão", que depois trouxe de Santa Maria da Vitória (BA) toda a família.

Silva (2007, p. 113-115) afirma que, com o tempo, outros garimpeiros foram se estabelecendo na região. Com a chegada desses novos garimpeiros, em sua maioria procedentes do rio das Garças, que se localizaram às margens do rio Itiquira, foi formada uma pequena vila. Surgiram também os primeiros comerciantes, entre outros: Filadelfo Miranda, José de Almeida, Rufino Araújo e Melquíades Miranda.

Itiquira integrava primitivamente o município de Coxim, à época vinculado ao então Mato Grosso e atualmente Mato Grosso do Sul, e através da Lei Estadual Nº 13, de 25 de abril de 1936, foi elevado à categoria de Distrito de Paz, ainda fazendo parte do município de Coxim.

Em 1938, 500 garimpeiros viviam ali da extração do diamante e Itiquira possuía somente duas casas cobertas com telha de barro. A pecuária das famílias Ferreira e Carvalho e as roças das fazendas supriam a alimentação dos garimpeiros. Em meados dos anos 40, o garimpo já começava a perder a sua força, porém, dois acontecimentos marcaram a vida da cidade nessa década. O primeiro foi a chegada do padre Januário, em 1941, que veio a cavalo fazer o primeiro batismo coletivo de 70 pessoas, e passou a fazer visitas frequentes à cidade; o segundo foi a chegada do médico Dr. Varela.

No final dos anos 60 do século XX, uma iniciativa governamental, por meio de incentivos fiscais para atrair recursos financeiros capitais e tecnologia

para o desenvolvimento regional, determinou uma nova ocupação da região, trazendo investidores paulistas, mineiros, gaúchos e paranaenses. Certamente, a criação de rodovias como a Cuiabá - Campo Grande, a Belém - Brasília, além da BR-364 e da BR-070 foram fatores determinantes para que esse fluxo populacional alcançasse o território mato-grossense e, em especial, o município, que obteve sua emancipação em 10 de dezembro de 1958.

No início da década de 70, do mesmo século, paranaenses e gaúchos trouxeram para essa região a lavoura mecanizada. Percebendo o potencial do Centro-Oeste, o Governo Federal implantou o Polocentro (Programa de Desenvolvimento do Cerrado), que visava a incorporar 3,6 milhões de hectares de cerrado à atividade agrícola. A implantação desse programa foi fundamental para estimular a produção de grãos em Itiquira e, conseqüentemente, colaborar com o crescimento populacional do município.

Atualmente, o município é próspero, oferece educação e saúde de qualidade. Há 15 escolas no município, sendo 01 de Ensino Médio e as outras de Ensino Fundamental. No setor de saúde, a população é atendida por 01 hospital, 03 postos de saúde e 01 laboratório clínico.

O turismo é impulsionado pelo rio Itiquira que margeia a Avenida Beira Rio, cartão postal da cidade, além de cachoeiras, estâncias e fazendas turísticas que abrigam parte da flora e da fauna pantaneira.

### **1.3.8 Alto Araguaia**

O topônimo Alto Araguaia é motivado pelo nome do rio Araguaia. Alto: vem do latim *altus*, ponto elevado ou trecho de um rio próximo à sua nascente ou circunvizinhanças. Araguaia: *a'ra*, que vem do tupi: papagaio, arara + *gwaya*: manso ou domesticado; arara mansa de cauda longa e bela plumagem (FERREIRA; SILVA, 2008, p. 21).

O município de Alto Araguaia tem como municípios limítrofes Alto Garças, Alto Taquari, Araguinha e Santa Rita do Araguaia (GO). Possui uma área territorial de 5.538 Km<sup>2</sup>, fica distante 418 km da capital do Estado e é atravessada pela BR 364, que cruza todo o território mato-grossense. A

população do município, segundo a contagem do IBGE (2007), é de 13.900 habitantes.

Inicialmente, chamava-se Santa Rita do Araguaia, denominação em referência à Santa Rita e ao rio Araguaia, que margeia a sede municipal e ao mesmo tempo serve de marco divisório com o vizinho estado de Goiás, onde também existia uma povoação com o mesmo nome; uma goiana, na margem direita, e outra mato-grossense, na margem esquerda. Formavam como que uma só unidade física, separadas pelo rio.

A região teve como seus primeiros habitantes os índios Guatós e os Caiapós, que ocuparam o território até meados do século XIX, quando foram praticamente dizimados pelos bandeirantes, que passaram pela localidade em busca dos lendários diamantes dos rios Garças e Araguaia.

Desmistificando a crença de que todo o Mato Grosso foi desbravado devido ao ouro e às pedras preciosas, Ferreira (2001, p.369) afiança que, embora o breve contato com o homem branco tivesse ocorrido por volta de 1850, o início da colonização se deu somente por volta 1890, quando Antônio Cândido de Carvalho, um rico fazendeiro, instalou-se na região trazendo consigo alguns de seus parentes, com o objetivo de criar gado.

Entre os parentes desse fazendeiro estava João José de Moraes Cajango que, apesar de ter vindo para a região com o intuito de se dedicar à pecuária, acabou encontrando alguns diamantes naquelas redondezas. Esse fato acabou atraindo a atenção de garimpeiros que formaram uma colônia que seria chamada de Registro do Araguaia.

Alguns anos mais tarde, chegaram à região seis seringueiros, chefiados por Feliciano Cezilos que, descontentes com os baixos preços da borracha, resolveram mudar de ramo e garimpar nas terras de Cajango. Apesar do exaustivo trabalho masculino de garimpagem em busca dos afamados diamantes, é a esposa de Feliciano que, enquanto lavava os pratos no córrego, encontra a primeira gema. Essa notícia se espalhou e motivou a vinda de mais de uma centena de novos garimpeiros que se embrenharam nas matas e chegaram às margens do rio Araguaia à procura dos tesouros encerrados nos cascalhos desse rio.

A pequena população instalada nessa época em cerca de 100 habitações se concentrava há cerca de cinco quilômetros de distância do rio Araguaia, do lado goiano. Devido a um racionamento de água, a população passou a se concentrar às margens do referido rio, a maioria ainda do seu lado direito, ou seja, no estado de Goiás.

Nesse período, chega ao vilarejo o garimpeiro José Morbeck, que dotado de um espírito ufanista, levantou a bandeira de luta dos garimpeiros, fundando um partido político, o Partido Morbequista, e propondo para o povoado sua independência do governo goiano. Após conseguir realizar seu intento, José Morbeck passou a colaborar assiduamente com o governo de Mato Grosso, principalmente no que se refere à cobrança de impostos (TOMANIN, 2003, p.20).

Passados alguns anos, José Morbeck passou a ditar suas próprias normas, impondo, assim, determinadas condições ao governo mato-grossense e, na prática, passou a controlar a região, instaurando-se um momento de profundo desrespeito às leis, chegando ao ponto de serem cometidos inúmeros assassinatos, roubos, saques, até que os desmandos culminassem com o assalto à casa do então delegado de polícia, o senhor Manoel Balbino de Carvalho, o Carvalhinho. O saque à casa de Carvalho desencadeou a mais conhecida revolta da região, a chamada “disputa Morbeck X Carvalhinho”, contenda essa muito sabiamente explorada pelos governantes de Mato Grosso que dela se aproveitaram para estabelecer a ordem na região.

Além desses, em 1908, Cândido Soares Filho, baiano do sertão, comandava um pequeno grupo na exploração de diamante, no rio Garças. Alardeando sobre as riquezas de Mato Grosso nas festas que frequentava, atraiu levas de nordestinos, tangidos pelo desejo de aventuras e riquezas fáceis. Em 1921 foi criado o município de Santa Rita do Araguaia, atual Alto Araguaia (FERREIRA, 2001, p. 367).

O Decreto nº 291, de 2 de agosto de 1933, transferiu a sede e a comarca do município de Santa Rita do Araguaia para o de Lageado (atualmente Guiratinga). A seguir, Santa Rita do Araguaia foi encampado por Lageado. Extinguia-se, assim, o município de Santa Rita do Araguaia, do lado mato-grossense. Outro decreto-lei, o 208, de 26 de outubro de 1938,

denominou o município de Alto Araguaia, em ato de reestruturação territorial do estado de Mato Grosso. A partir de então o topônimo Alto Araguaia não mais seria alterado.

Nas décadas de 70 e início de 80, o governo militar promoveu uma política de nova ocupação da região Centro-Oeste. A oferta de grandes extensões de terras férteis a baixo custo propiciou novo fluxo migratório regional, sobretudo de gaúchos, interessados no plantio da soja, que trouxeram para a região um novo ciclo de desenvolvimento.

O cultivo da soja tornou-se a principal fonte de economia regional, seguida da pecuária, com predomínio do gado de corte, em criação extensiva, além da criação de gado leiteiro em grande escala.

Alto Araguaia possui 12 estabelecimentos de saúde, sendo 02 do SUS e o restante da rede privada. Na área da educação, conta com 18 escolas (13 oferecem somente Ensino Fundamental e 05, Ensino Médio), 02 instituições de Ensino Superior (01 privado e 01 *campus* da Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT).

Recentemente foram concluídas as obras da ponte rodoferroviária que liga o estado de São Paulo, na altura do município de Rubinéia, ao estado do Mato Grosso do Sul, na altura do município de Aparecida do Taboado. Essa ferrovia permite o escoamento da soja produzida na região, que é levada pela Companhia FERRONORTE, de Alto Araguaia diretamente ao Porto de Santos, o que representa um novo (e grande) impulso na economia do Estado. O município continua atraindo migrantes, sobretudo após a conclusão da ferrovia, que trouxe novas empresas para o município.

#### **1.4 Os reflexos da migração na Mesorregião Sudeste mato-grossense**

Neste capítulo foram focalizados alguns fatores que deram origem às cidades da Mesorregião Sudeste mato-grossense, com o intuito de demonstrar que o processo de ocupação e urbanização dessa área geográfica foi uma consequência da mobilidade de grupos humanos, motivada pela possibilidade de trabalho e pelo sonho de uma ascensão social.

No Quadro I é possível visualizar o processo de migração por meio do qual se originaram as localidades investigadas neste estudo.

Povoamento da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso					
Município	Microrregião	Primeiros hab.	Municipalização	Povoamento	Habitantes (2007)
Campo Verde	Prim. do Leste	1886	1988	mineiros, goianos e mato-grossenses	25.924
Dom Aquino	Rondonópolis	1920	1958	poxorenses, cearenses, baianos e maranhenses	8.261
Tesouro	Tesouro	1897.	1953	baianos, maranhenses e cearenses	3.109
Poxoreo	Tesouro	1919	1938	mineiros, baianos e maranhenses	17.592
Guiratinga	Tesouro	1890	1943	goianos, baianos e mineiros	13.883
Rondonópolis	Rondonópolis	1902	1953	goianos, cuiabanos e de outras regiões do estado.	172.471
Itiquira	Rondonópolis	1904	1958	russos, alemães, portugueses, paulistas, mineiros, gaúchos e paranaenses.	12.159
Alto Araguaia	Alto Araguaia	1920	1921	baianos	13.790

**Quadro I – Distribuição da migração na Mesorregião Sudeste mato-grossense.**

A migração pode ser motivada por diversos sonhos: o sonho do estudo, o sonho do trabalho, o sonho da terra. Num novo território, o sonho encontra seu espaço de realização, como pudemos observar nas histórias dos municípios, relendo todo o processo de povoamento dessa Mesorregião. Primeiramente, o sonho desses forasteiros se fez real por meio do garimpo; depois, à medida que as áreas mineradoras foram se esgotando, outras zonas produtivas foram surgindo, como a agricultura, a indústria e o comércio. Hoje, devido à força de trabalho e à vontade de vencer dessa gente, a Mesorregião Sudeste mato-grossense é uma das mais desenvolvidas do Estado e com uma perspectiva de crescimento econômico cada vez maior, fato que foi uma das molas propulsoras para a elaboração deste atlas linguístico. Sabemos que, daqui a alguns anos, a história dessa área geográfica terá mudado, portanto, é imperioso registrarmos um desses momentos da história.

Todavia, em um trabalho científico sobre a linguagem de um grupo social, não basta o registro do contexto histórico-geográfico da área investigada. Devemos ter, também, uma cuidadosa fundamentação teórica, pois na teoria encontramos a base para a credibilidade do nosso trabalho. O capítulo seguinte discute os fundamentos teórico-metodológicos que embasaram a pesquisa.

## CAPÍTULO II

### A DIALETOLOGIA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste trabalho, elegemos estudar a linguagem oral dos habitantes da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, com o propósito de descrever as particularidades fonéticas e lexicais dessa comunidade linguística. Para tanto, buscamos respaldo nos fundamentos da Dialetologia contemporânea, adotando para esse fim, o método da cartografia dos dados coletados.

Considerando, pois, a linguagem como objeto da pesquisa, a elaboração deste capítulo foi primordial para que pudéssemos fomentar o trabalho. Aqui tratamos de algumas teorias que direta ou indiretamente embasam as pesquisas de campo e mais profundamente, da Dialetologia e de seu método de cartografia de dados, a Geolinguística.

Como a história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, por meio da linguagem, o homem se torna capaz de compartilhar as experiências e pensamentos de seus semelhantes e recriar suas próprias experiências em benefício dos demais.

Conforme Hoiyer (1982, p.283), sem a linguagem

Uma sociedade não teria meios de assegurar a continuidade do comportamento e da aprendizagem necessários à criação da cultura. A sociedade humana, sem cultura, estaria reduzida ao nível das atuais sociedades de macacos.

Já no século IV a.C, Panini descrevia a língua hindu com o objetivo de evitar que os textos sagrados sofressem mudanças quando fossem proferidos. Nesse período da história, os estudos linguísticos foram levados à frente por meio de reflexões de ordem filosófica. Uma das grandes preocupações daquele momento, sobretudo para os gregos, era compreender a relação entre as palavras e as coisas que elas exprimem. Debatia-se também sobre a natureza da gramática, das regras que subjazem ao uso da linguagem.

Consoante Abrão (2004, p. 63), os gregos se perguntavam se a conexão entre as palavras e aquilo que denotavam provinha da natureza ou era imposta pela convenção. Platão (439-347 a.C), seguidor de Heráclito, cuja

premissa maior era a de que a palavra é uma imagem exata do mundo, foi o primeiro pensador europeu a refletir sobre os problemas da linguagem como objeto de um estudo sistematizado, uma vez que a verdade está colocada na relação entre a linguagem e as coisas. Para Platão, a linguagem é imposta aos homens pela natureza ou se origina do poder de julgamento dos homens. Nessa perspectiva, o nome é a manifestação do objeto por meio de sílabas e de letras e representa a idéia fundamental da coisa, seu eidos. Já Aristóteles (384-322 a.C) postulava que a linguagem surgiu por convenção ou por acordo entre os homens, delineou que os signos escritos representam os signos falados que, por sua vez, representam impressões na alma e essas impressões são a aparência das coisas reais. As impressões e as coisas, para ele, seriam as mesmas para todos os homens e o que as difere é a interpretação por meio da palavra.

Nessa atmosfera da Atenas do final do século IV a.C, emerge uma primeira reflexão sobre a variação linguística na perspectiva diatópica. Segundo Brandão (1991, p. 07), os gregos conheciam quatro variantes regionais de sua língua: o *eólio*, o *jônico*, o *dórico* e o *ático*. Os romanos, por sua vez, classificavam sua língua, o latim, em *sermus urbanus* (a língua falada pelo povo da cidade) e *sermus plebeus* ou *sermus rusticus* (a língua falada pelos marinheiros, artesãos, etc).

No século XIX, Franz Bopp (1816), descobrindo semelhanças entre o sânscrito, o grego, o persa, o latim e o germânico, defende a sistematização das variações linguísticas, sobretudo as de natureza geográfica (PETTER, 2002, p. 13).

Essas considerações demonstram que, antes da era Cristã, o elemento geográfico já era considerado fator de grande importância para a questão linguística. Com o desenvolvimento natural da espécie humana, houve um intercâmbio maior de falares, devido, sobretudo, ao contato entre pessoas de localidades diferentes. Esse intercâmbio começou a preocupar alguns estudiosos que temiam que a fala dos lugares “se perdesse”. Essa preocupação em registrar os falares, antes que fossem alterados, desencadeou e propagou os estudos variacionistas, a princípio pela Europa e de lá para o resto do mundo.

Nascentes (1953, p. 9), um dos maiores dialetólogos brasileiros, na introdução de sua obra *O Linguajar Carioca*, argumenta que “é fato demais sabido que, mesmo dentro do próprio território, por diversas causas entre os quais sobressaem a lei do menor esforço e a necessidade de clareza de expressão, as línguas tendem a alterar-se”.

Subjacente à posição de Nascentes, está o pressuposto de que as línguas se caracterizam por sua natureza inerentemente variável e por sua inter-relação com a sociedade. Não obstante, são justamente as alterações que revelam o caráter dinâmico da língua e a mantêm viva.

De tal modo, justificam-se os estudos voltados para a fala, pois é ela que propaga a diversidade sociocultural de uma comunidade. É a fala que tende a alterar-se ao sofrer a ação de fatores geográficos, socioculturais, históricos.

A variação pode ser descrita a partir de três diferenças: as diferenças *diatópicas*, relacionadas às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas; as diferenças *diastráticas*, distribuídas entre os diversos estratos socioculturais de uma mesma comunidade idiomática e; as diferenças *diafásicas*, que dizem respeito às circunstâncias em que se realizam os atos de fala (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12).

Na verdade, ao falar, o indivíduo transmite uma série de dados que permitem a um interlocutor atento, não só identificar a qual grupo pertence como também caracterizá-lo junto a um determinado grupo. A partir de dados como a entonação, a pronúncia, a escolha vocabular ou os mecanismos morfossintáticos, é possível identificar qual é a região ou país de origem de um falante, de qual grupo social faz parte e qual a situação (formal ou informal) em que se encontra (LEITE; CALLOU, 2005, p.07).

Existem, naturalmente, vários níveis em que a variação pode operar. Pode ser de ordem lexical, fonética, morfológica, sintática ou semântica. Por exemplo: jerimum e abóbora são variantes lexicais que nomeiam determinado fruto, de uma determinada planta, que tem um determinado tamanho, uma determinada cor, ou seja, *que dá no chão, grande, com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que cozinha para comer, pra fazer doce*.

Em termos de variação fonética, sabemos também que paulistanos tendem a pronunciar o /r/ como uma vibrante simples, enquanto o carioca aspira o /r/ e o paulista do interior usa o /r/ retroflexo, em situações de coda silábica (*porta*, *amor*). Podem ser considerados exemplos de variação morfológica as ocorrências “*falei com Joana*” e “*falei com a Joana*”. Com relação à variação sintática, um exemplo corrente é o uso dos pronomes relativos: *essa é a amiga em cuja casa eu fiquei* ou *essa é a amiga que eu fiquei na casa dela*. Já a variação semântica ocorre quando o usuário utiliza uma palavra ou expressão com um sentido diferente do que usualmente é empregado, como por exemplo, a palavra *bidê*<sup>16</sup>, originariamente usada para representar o aparelho sanitário, para lavagem das partes inferiores do tronco, passa a ser usada como mesa de cabeceira, no Nordeste e no Rio Grande do Sul<sup>17</sup>.

Além das variações que ocorrem no sistema linguístico, as línguas podem sofrer, também, processos distintos de transformação: uma variante pode conviver com outra, e aí, ambas coexistirão no mesmo espaço linguístico; ou, uma subsistirá em prejuízo da outra, produzindo em longo prazo a mudança linguística.

Tarallo (2006, p. 63-64) afirma que “nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Mudança é variação!”. Segundo esse autor, as variações sofrem dois processos distintos de transformação. O primeiro diz respeito à estabilidade e contemporização ou coexistência com duas variantes de igual valor semântico que convivem no mesmo espaço linguístico. O segundo refere-se à mudança em progresso, mediante a luta pela sobrevivência entre variantes, seguidas da morte de alguma delas.

Enquanto algumas palavras são consideradas arcaísmos, outras são incorporadas à língua. Por exemplo, nos anos 50 e 60 do século XX, os rapazes bonitos eram chamados de *pão* pelas moças. A partir dos anos 70,

---

<sup>16</sup>O exemplo bidê foi fornecido pela professora Dra. Vanderci e A. Aguilera, durante o minicurso *Variação Linguística e Ensino*, por ocasião do evento ABRALIN em Cena Mato Grosso do Sul, realizado de 07 a 20 de setembro de 2008, Campo Grande-MS.

<sup>17</sup> O dicionário Aurélio (2000, p.98) apresenta como primeira acepção para bidê: aparelho sanitário, com feitiço de bacia oblonga, para lavagem das partes inferiores do tronco; como segunda, mesa de cabeceira. Bras. NE e RS.

essa expressão caiu em desuso e aos poucos foi substituída por *gato*, *filé* e outros adjetivos considerados, pelos jovens, adequados a cada época. Da mesma forma, *mata-borrão*, por exemplo, é considerado um arcaísmo, pois o objeto, que era usado para absorver tinta, ou qualquer outro líquido, já não é mais utilizado. Outras expressões, no entanto, como ressonância magnética, microondas, mouse ou deletar, surgiram com o progresso tecnológico.

Entretanto, a variação e/ou a mudança não ocorrem sem uma seleção das formas linguísticas disponíveis na língua que são aceitas pela comunidade de fala. Logo, a língua, entendida como instrumento de propagação da cultura e sendo variável segundo os condicionamentos temporais, espaciais e situacionais que afetam os falantes, pode ser descrita como um sistema regido por normas das quais resulta a fala.

Foi Eugênio Coseriu quem, de maneira clara e precisa, trouxe a grande contribuição no tocante à explicação do conceito de norma. Buscando em Saussure<sup>18</sup> a tradicional dicotomia *langue* X *parole*, esse autor postula que o sistema é aquilo que é coletivo e convencional, admitido pelos falantes; já a fala é a realização do sistema pelos indivíduos e, desta forma, admite variações de falante para falante. Entre o sistema e a fala, propõe o conceito de norma. Nessa perspectiva, propôs a tríade sistema, norma e fala.

A língua deve ser entendida, primeiramente, como *função*, depois como *sistema*, uma vez que, se ela funciona, não é por ser um sistema; pelo contrário, constitui-se um sistema a partir do momento que cumpre uma função e essa função liga-se a fatores históricos que, certamente, imprimem marcas na organização sistêmica da própria língua. Coseriu considera o sistema como um indicador de caminhos abertos e fechados, ou seja, de todas as possibilidades. Mais que um conjunto de imposições, é um conjunto de liberdades (COSERIU, 1979a, p.50).

---

<sup>18</sup> Ferdinand Saussure foi mestre na Universidade de Genebra, no final do século XIX, e é considerado o pai da linguística moderna. O *Cours de Linguistique Générale (Curso de Linguística Geral)*, cuja data original é de 1913, é o marco divisório da linguística moderna e resulta das anotações dos alunos C. Bally e de A. Sechehaye. Para Saussure, a linguagem deve ser tomada como um objeto duplo, ou seja, a linguagem tem um lado social – a língua (*langue*) – e um lado individual – a fala (*parole*) – sendo impossível conceber um sem o outro (SAUSSURE, 2006, p. 15).

Desse modo, fazem parte do sistema as manifestações comuns dos atos individuais, que passam pela norma da comunidade linguística. Na verdade, os conceitos de “Sistema” e “Norma” não se opõem entre si, mas se complementam.

Por norma, Coseriu (1979a, p.73) considera aquilo que é “variável, segundo os limites e a índole da comunidade analisada”. A norma contém aquilo que no falar concreto é a repetição de modelos anteriores; é ela que impõe ao indivíduo as formas aceitas pela comunidade e o condicionante que limita a liberdade de expressão. Desse modo, “Norma é realização ‘coletiva’ do sistema” (COSERIU, 1979b, p.74).

Dialogando com Coseriu, Biderman (1978, p. 18) esclarece que a norma é o nível considerado intermediário entre o sistema e a fala. Para a autora, existe a norma geral e, dentro dessa, as ramificações de outras normas específicas, as “normas parciais regionais ou as normas dos grupos minoritários dentro da comunidade”. Apresenta, também, que a norma limita a liberdade expressiva do falante, pois lhe é imposto um sistema de realizações obrigatórias. A autora sublinha, ainda, que a norma está presente nos diversos níveis da análise linguística: fonético, lexical, morfológico, sintático e semântico.

Por meio de um exemplo, do campo da morfologia, podemos autenticar as afirmações de Biderman. Embora o sistema possibilite a formação de muitos substantivos estruturados a partir de uma base verbal mais um sufixo nominalizador, como por exemplo, receber, recebimento e recepção; salvar, salvamento e salvação, a norma obriga o falante a selecionar um ou outro para dado contexto, pois, é aceitável *o bombeiro fez um salvamento hoje*, mas não *o bombeiro fez uma salvação hoje*.

Lucchesi (2002, p.87), por sua vez, apresenta uma visão da realidade linguística brasileira como um sistema bipolarizado, constituído por dois subsistemas: a *norma culta* e a *norma popular*. Para esse autor, a norma culta é “representada pelo comportamento linguístico dos brasileiros que têm formação escolar, atendimento médico-hospitalar e acesso a todos os espaços da cidadania”. Essa norma é advinda dos modelos transmitidos ao longo dos séculos nos meios da elite colonial e inspirados na língua da Metrópole

portuguesa. A norma popular, por sua vez, “é representada pela maioria da população alijada de seus direitos elementares e mantida na exclusão e na bastardia social”. Essa norma se formou no “grande cadinho que fundiu na fornalha da escravidão em massa, as etnias autóctones e as etnias africanas na fôrma do colonizador europeu”.

Já Rey (*apud* LEITE, 2005, p. 193) apresenta uma reflexão pragmática sobre a norma. Segundo o autor, há uma norma objetiva que é realizada nos diversos grupos sociais e, conseqüentemente, há tantas normas quantos grupos houver; há a norma prescritiva, cujo objetivo é o de impor um uso extraído da literatura clássica, intimamente ligado aos objetivos político-pedagógicos pelo prestígio que goza. Há, ainda, a norma subjetiva, que é o ideal de língua a que todos os falantes aspiram.

Com relação à fala, muitos estudiosos da linguagem propuseram identificá-la como uma atividade linguística concreta, considerando-a como “execução de atividades acústicas”. De acordo com a perspectiva saussuriana, por exemplo, não há “nada de coletivo na fala”, pois suas manifestações são individuais e momentâneas. Para Saussure (2006, p. 22), enquanto a língua é social, homogênea e convencional, a fala é “um ato individual de vontade e de inteligência”.

A língua pode ser vista como um ato individual, mas, como afirma Giraldo (1980, p. 254), o falar concreto se cumpre, geralmente, dentro dos moldes prefixados pela norma. No processo do falar concreto, o usuário da língua tem consciência do sistema e o utiliza, pode conhecer (ou desconhecer) a norma e obedecer a ela (ou não). No entanto, sempre se mantém nas possibilidades do sistema. Igualmente, na fala, todas as intenções e expressões inéditas do falante podem ser manifestadas.

Por exemplo, o sistema põe a nossa disposição vários recursos sufixais, como -eza, -ura, -ice. No entanto, com quais radicais cada um desses sufixos “combina” é algo determinado pela norma comum à comunidade linguística em questão (pobr-eza, branc-ura, mesm-ice) e não – pobr-ura, grand-ice, mesm-ura, branqu-eza – pois são possibilidades que o sistema oferece, mas que a norma não aprova.

Quando procuramos, por exemplo, uma palavra para retratar uma pessoa de uns 10 anos de idade, do gênero masculino, o sistema nos permite uma série de possibilidades com carga semântica semelhante: menino, garoto, moleque, guri, piá (entre muitos outros). Assim, o Sistema oferece opções, mas a expressão mais aceita pela norma daquela comunidade linguística é o que define nossa escolha.

Uma vez consagrada a norma pela comunidade de fala, ela não é passível de alterações sem a concordância da maioria. Destarte, na *fala individual* o falante pode variar a norma, criar neologismos ou expressões inéditas. No entanto, isso não garante que seu grupo o entenda, pois o sistema permite diferentes construções, mas quem as condiciona como pertinentes ou não, é a norma. Logo, a fala é algo concreto, mas relacionada ao sistema; o fonema /r/, por exemplo, não deixa de ser ele próprio por ser pronunciado de formas diferentes, nas diversas regiões do Brasil.

Conforme Ferreira e Cardoso (1994, p. 12) os falantes da mesma língua, mas de regiões diferentes, têm características linguísticas diversificadas; se pertencem à mesma região, mas são de estratos sociais diferentes ou, ainda se encontram em circunstâncias distintas, também não falam do mesmo jeito, ou seja, cada qual ou cada grupo tem seu modo de falar.

Considerando, pois, que cada comunidade traz impressos na língua traços peculiares, caminhamos ao encontro de outro conceito imprescindível para esta pesquisa, o do dialeto (ou falares).

Leite de Vasconcellos (1987<sup>19</sup>, p. 27), para quem dialeto pode ser definido como “as diferenças locais de uma língua admitindo dentro dos dialetos os subdialetos e dentro destes as variedades”, classificou as variedades da língua portuguesa, segundo seu domínio geográfico, em dialetos continentais, dialetos insulares e dialetos de ultramar. O autor considera que o dialeto continental resulta da evolução do latim vulgar em determinados meios, enquanto os insulares e ultramares provêm da evolução do português continental no período colonial por determinados meios.

Segundo o autor,

---

<sup>19</sup> A obra original data de 1901.

La langue nationale du Brésil est Le portugais, qui transporté dans un milieu si différent de celui de son origine, y a éprouvé beaucoup de modifications... Si j'appelle dialecte, par exemple, Le portugais de Trás-os-Montes, à plus forte raison jê dois Donner ce nom au portugais du Brésil, ou brésilien (LEITE DE VASCONCELLOS, 1987,p. 132).<sup>20</sup>

O conceito de dialeto brasileiro, empregado por Leite de Vasconcellos, não se limita a uma determinada variedade da língua portuguesa, falada no Brasil, mas compreende um conjunto de variedades geográficas e sociais, com uma dimensão histórica, ou seja, o termo *dialeto brasileiro* refere-se ao produto da evolução do português continental em determinado meio ultramarino, a partir da colonização.

Além de Leite de Vasconcelos, outros estudiosos trataram do conceito de dialeto. Coseriu (1979-a, p. 11), por exemplo, esclarece que “o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma)”.

Dialeto é entendido também como variação de uma mesma língua, aspecto regional de uma língua ou língua diferente num mesmo país, como registra o prefácio de “O Dialeto Caipira” de Amadeu Amaral (1981, p. 13).

Alvar (1996, p. 13), por sua vez, define dialeto como

un sistema de signos, desgajado de una lengua común, viva o desaparecida; normalmente, con una concreta limitacion geográfica, pero sin una fuerte diferenciación frente a otros de origen común.<sup>21</sup>

Já Ferreira e Cardoso (1994, p. 23) entendem o dialeto como as várias influências internas e externas sofridas pela língua nos seus aspectos socioculturais, espaciais, estilísticos. A par do termo dialeto, alguns linguistas preferem utilizar o termo *falar* para definir as variedades geográficas, sociais, estilísticas de uma língua.

Conforme Alvar (1961, p. 60), o falar caracteriza-se pela peculiaridade expressiva própria de uma região e que não apresenta o grau de coerência alcançado pelo dialeto, que seria um sistema de sinais desgarrado de uma

---

<sup>20</sup> A língua nacional do Brasil é o português, que transportado em um meio tão diferente do de sua origem, trouxe muitas modificações. Se chamo dialeto, por exemplo, o português de Trás-os-Montes, pela mesma razão devo dar esse nome ao português do Brasil ou brasileiro. (TN)

<sup>21</sup>Um sistema de sinais desgarrados de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente, com uma concreta delimitação geográfica, porém sem uma forte diferenciação frente a outros de origem comum.” (TN)

língua comum, com uma concreta delimitação geográfica, mesmo sem uma forte diferenciação diante dos outros dialetos da mesma origem.

Cintra (1983, p. 129), retomando Alvar, afiança que, em Portugal, a prática dialetológica é denominar dialeto para variantes que definam uma zona maior, reservando-se *falar* para variedades que ocupem apenas uma localidade, o localeto.

O *falar*, segundo Marouzeau (apud NASCENTES, 1953, p. 17), é um conjunto de meios de expressão empregados por um grupo no interior de um domínio linguístico.

Apoiados, pois, em Alvar e em Cintra, neste estudo assumimos o termo *falar*, visto que as variantes registradas na Mesorregião Sudeste de Mato Grosso ocorrem em outras regiões do Brasil. Outros estudiosos, em Mato Grosso, também preferem o termo *falar*, como por exemplo, Drummond (*Do Falar Cuiabano*, 1978); José Leonildo Lima (*Vila Bela de Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos*, 2000), Palma (O Falar Cuiabano em Mato Grosso: estigma, status e atalhos); Possari (Falar e dizer cuiabanos na mídia: signos que se renovam)<sup>22</sup>. Junta-se a esses argumentos, o fato de que o grande dialetólogo brasileiro, Antenor Nascentes(1953), usou o termo *falar* para se referir às variantes regionais elencadas no Brasil à época em que publicou o *Linguajar Carioca*.

Uma vez que esta pesquisa tem por objetivo descrever os *falares* da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, seguimos com uma reflexão acerca das áreas mais específicas da linguística que têm se voltado aos estudos dos dialetos e/ou falares na perspectiva diatópica, mais especificamente, a Dialetologia.

## **2.1. Os estudos da variação linguística: o lugar da Sociolinguística e da Dialetologia.**

Dentre as áreas de estudos linguísticos que se ocupam do tratamento da diversidade linguística estão a Sociolinguística e a Dialetologia. Ambas têm

---

<sup>22</sup> O texto de Palma e o de Possari estão publicados na obra *Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso* (ALMEIDA; COX, 2005).

como objeto de estudo as variantes linguísticas no seio das comunidades de fala, embora cada uma delas opere com um método de investigação científico particular.

Por um lado, a Sociolinguística opera com números e tratamento estatístico, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais, uma vez que, segundo Labov (1976, p. 47), é impossível compreender o progresso de uma mudança na língua fora da vida social da comunidade em que ela se produz. Por outro, a Dialetoлогия se ocupa da tarefa de descrever os diversos falares num espaço geográfico, demarcando, dessa forma, seus limites (DUBOIS, 2006, p. 185).

A Dialetoлогия tem como um dos seus métodos de investigação a Geografia Linguística ou Geolinguística que, segundo Coseriu (1982, p.79), pode ser definida como

o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares.

A Dialetoлогия não se ocupa apenas dos estudos linguísticos voltados para questões diatópicas, mas, assim como a Sociolinguística, descreve e analisa traços diatópicos e fatores de ordem sócio-cultural que determinam as variações e mudanças linguísticas. Como afirma Lope (1978, p. 40),

La dialectologia puede, evidentemente, beneficiarse mucho con las aportaciones de la sociolinguística como de hecho ya se há estado beneficiando. El progreso metodológico que há establecido la sociolinguística con su rigurosa y detenida consideración de factores sociológicos antes sólo superficialmente habrá de tener ahora muy en consideración<sup>23</sup>.

Embora com metodologias distintas, Dialetoлогия e a Sociolinguística têm como objetivo maior o estudo da diversidade linguística dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos de fala. É, portanto, com base na conjugação de princípios da Dialetoлогия e da Sociolinguística, que

---

<sup>23</sup> “A dialetoлогия pode, evidentemente, beneficiar-se muito com as contribuições da Sociolinguística, como de fato já tem se beneficiado. O progresso metodológico que tem estabelecido a Sociolinguística com seu rigor e minuciosas considerações de fatores sociológicos, antes só superficialmente atendidos pela dialetoлогия, é contribuição de primeira magnitude, que a atividade dialetoológica haverá de ter agora em muita consideração”. (TN)

desenvolvemos esta pesquisa, na busca de identificação de traços característicos da fala dos habitantes da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, pois, como observa Brandão (1991, p. 12):

os princípios da geografia linguística combinados aos da sociolinguística podem ensejar um melhor conhecimento dos mecanismos com que opera uma língua e dos fatores que determinam sua evolução.

Na realidade, a Dialectologia atual ultrapassa o campo meramente geolinguístico e não produz, como há alguns anos, apenas resultados monodimensionais, mas contempla, ainda, a variação linguística em diferentes dimensões, como a diatópica, a diastrática, a diafásica e a diagenérica. Dessa maneira, os elos que unem a Sociolinguística e a Dialectologia estão cada vez mais fortes.

É sabido que a Dialectologia tradicional se preocupava com os estudos voltados para o fator diatópico, predominantemente rural, fato que levou a maioria dos pesquisadores dessa área a ignorar a fala urbana. Para Cunha (1970, p. 57), o aparecimento de novas cidades e o crescimento desmesurado de outras, fizeram dos centros urbanos fontes irradiadoras de cultura, alterando o panorama linguístico e impulsionando essa ciência a tomar novos rumos.

Segundo Thun (2005, p. 63),

Foi o afastamento da burguesia do mundo rural que causou nos dialetólogos acadêmicos do século passado a ilusão de uma uniformidade da vida e cultura dos camponeses à qual se amolda como síntese e peça de conservação de museu, o atlas linguístico estritamente diatópico.

Nesse contexto, pela necessidade de dados reais que evidenciassem outros níveis de variação, nasce uma nova Dialectologia, que se consolida no final do século XX, a Dialectologia pluridimensional que “se caractérisse par l’élargissement de son champ d’observation et par um travail em profounder plus poussé<sup>24</sup>” (THUN, 1998, p. 369).

---

<sup>24</sup> “Se caracteriza pelo alargamento do seu campo de observação e por um trabalho em profundidade mais desenvolvido”. (TN)

## 2.2. A Dialectologia Pluridimensional

Atualmente, os estudos dialetais, especialmente os que se desenvolvem sob a metodologia geolinguística abarcam tanto a fala rural quanto a urbana, além de considerar outros fatores extralinguísticos, como várias faixas etárias, dois gêneros, ou outras variáveis relevantes para cada pesquisa<sup>25</sup>.

Thun (2005, p. 63) argumenta que, já no tratado *De Vulgari Eloquentia*, de Dante Alighieri, sobre a situação linguística na Itália, há sinais de uma Dialectologia voltada para outras variáveis além da diatópica. Alighieri, ao descrever os dialetos da Itália, reconhece a linguagem de homem/mulher, (variação diassexual), língua de profissões (variação diastrática) e dos estilos (variação diafásica).

Dessa maneira, os primeiros atlas linguísticos tinham uma dimensão estritamente diatópica, o que lhes conferia o *status* de monodimensionais, ou seja, os informantes se restringiam a homens adultos, rurícolas, analfabetos e sedentários – o HARAS, como os identifica Zágari (1998, p. 35). Num segundo momento, surgem os Atlas linguísticos que são acompanhados de comentários e de interpretações a partir do *corpus* coletado. Esses atlas são caracterizados como Atlas de segunda geração, pois as cartas linguísticas apresentam outros dados além dos diatópicos; vêm, por exemplo, acompanhadas dos comentários feitos pelo pesquisador ou pelo próprio informante, no momento da entrevista e buscam analisar os diversos fatores (social, etário, sexual...) que influenciam na linguagem dos usuários de uma língua.

A Dialectologia *pluridimensional* desponta em 1989, com o trabalho monográfico de O. Winkelman – *Untersuchungen zur Sprachvariation des Gaskognischen im Val d’Aran* – no qual se distinguem bidimensionalmente a diatopia e a diageracionalidade (trabalha com três faixas etárias). Posteriormente a esse trabalho, Boller (1995), colaborador de Thun, desdobra a diatopia, comparando duas áreas não contíguas. Igualmente, o Atlas Linguístico e Etnográfico de Castilha-La Mancha introduz duas importantes

---

<sup>25</sup> A metodologia dos Atlas pluridimensionais será abordada com maior profundidade no Capítulo II, destinado às discussões metodológicas que embasaram esta pesquisa.

inovações: a dimensão diasssexual e, nas localidades urbanas, quatro dimensões (idade, nível cultural, estilo, bairro), conferindo-lhe, assim, uma natureza pluridimensional, à medida que considera duas ou mais variáveis extralinguísticas (THUN, 2005, p. 66).

Assim, contemporaneamente, a Dialetoologia pluridimensional atende à nova configuração do mundo moderno, no qual a estratificação diastrática, a diageracional e a diagenérica ordenam o uso da língua e permitem conhecer até que nível social se estende um fenômeno linguístico identificado entre os locutores de uma área investigada.

Ao focalizar a Dialetoologia pluridimensional, Thun (1995, p. 7) esclarece, ainda, que

Son de igual interes las varieddes mixtas, los fenômenos de contacto linguístico entre lenguas contiguas o superpuestas de minorias y mayorias, formas regionales, la variación diafásica (o estilística), el comportamiento linguístico de los grupos topodinâmicos (demográficamente móviles) contrastando con el de los grupos topostáticos (poco móviles em el espacio), la actitud metalinguística de los hablantes comparada con su comportamiento linguístico, y otros parâmetros más.<sup>26</sup>

Subjacentes às palavras de Thun, está o conceito de atlas linguístico topodinâmico. Segundo o autor, o mundo moderno leva a um movimento pendular que provoca a mudança de comportamentos linguísticos dos falantes. No contexto desta pesquisa, isso significa que um morador de Dom Aquino, por exemplo, que sai todos os dias para trabalhar em Campo Verde, possivelmente, não tenha o mesmo comportamento linguístico daquele que não sai de sua localidade. Há, ainda, os falantes que migraram recentemente para outras regiões, como os gaúchos ou paranaenses, que vieram para Mato Grosso nas décadas de 80 e 90 do século XX, os alemães que se casaram com brasileiras, e outras situações de contato.

Conforme Thun (1995, p.12), para que se produza um atlas linguístico topodinâmico é necessário que haja um grupo com história migratória, com um

---

<sup>26</sup> “São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e de maiorias, formas regionais, variações diafásicas (ou estilísticas), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastado com o dos grupos topoestáticos (pouco móveis no espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais”. (TN)

período de estabilidade residencial de um mínimo de dois anos; o grupo tem que estar disperso no território, deve haver a probabilidade de variação linguística; e, sobretudo, deve haver grupos estáticos, por isso, a necessidade de um estudo anterior topostático.

Como exemplo de atlas topodinâmico, podemos citar o Projeto ALCRP (Atlas Linguístico de Contato no Rio da Prata) que abrange três projetos menores, o ADDU (Atlas Linguístico diatópico e diafásico do Uruguai), o ALGR (Atlas Linguístico Guarani-Românico) e o ALMRP (Atlas Linguístico das Minorias Rio Platenses). O Projeto ALCRP busca “evidenciar uma análise pluridimensional, relacional e comparativa da variação linguística no espaço antropogeográfico do Rio da Prata”. Tem como perspectiva estudar o contato entre as línguas dos conquistadores (espanhol e português), as dos vencidos e a dos conquistadores (espanhol e português) e a minoritária e dos conquistadores (baixo alemão e alto alemão) (THUN, 2005, p. 69).

No caso da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, após esta pesquisa, de cunho topostática, num posterior estudo, há o interesse, de nossa parte, na realização de uma pesquisa topodinâmica, visto que nessa área geográfica continua havendo um forte movimento migratório, sobretudo de paranaenses e de paulistas.

Alguns atlas pluridimensionais contam, ainda, com informações sonoras, acústico-articulatórias, da voz do informante, relacionando-as simultaneamente com o ponto da rede onde se situa o falante. Esse tipo de Atlas pode mostrar, ainda, via Internet, as cartas com a localização das localidades, dos informantes e as ocorrências registradas. São os atlas totalmente informatizados, chamados “falantes”. O Atlas Linguístico Sonoro do Pará, coordenado por Abdelhak Razky, da Universidade Federal do Pará, é um exemplo desse tipo de atlas.

Como já foi assinalado, a Dialetoлогия possui, atualmente, lugar de destaque nas pesquisas sobre a linguagem. Porém, antes da Linguística Moderna, a Dialetoлогия já era difundida e creditada como a área dos estudos da linguagem que se empenhava em investigar as influências sofridas por fatores de natureza social. Por conseguinte, vários pesquisadores contribuíram

diretamente para o avanço dos estudos dialetológicos e para a elaboração de atlas linguísticos.

### **2.3. Um olhar sobre as manifestações dialetológicas.**

Conforme Cardoso (2008, p, 17), a partir do século XII já havia uma preocupação com a diversificação das manifestações da língua. Segundo a autora, em 1246, na Itália, houve uma primeira manifestação de evidenciar a diversidade linguística, com a exigência aos candidatos ao diploma de notário para que soubessem ler e escrever na língua vulgar. Na metade do século XVI, a Inglaterra retirava direitos de quem se expressasse em gaulês, tomando, assim, medidas contra o uso de dialetos. A exemplo dos ingleses, a França determinou, em 1539, o uso exclusivo do francês. Além dessas manifestações, Fernão de Oliveira (1536), na *Gramática da linguagem portuguesa*, reconhece as variações entre homens de diferentes profissões, entre jovens e idosos e entre pessoas de áreas geográficas distintas. Mais tarde, no século XVIII, D. Jerônimo Contador de Argote apresenta, em *Regras da Língua Portuguesa*, um diálogo entre o mestre e seu discípulo no qual é apresentado o conceito de dialeto.

Por fim, a autora aponta o que seria o marco dos estudos dialetais – o projeto de extinção dos *patois*, de autoria do bispo constitucional de Blois, Henri-Baptiste Grégoire, e cujo objetivo era uniformizar a língua de uma grande nação (a França). Mais tarde, a Academie Celtique e a Societé Royale des Antiquaires de France, estimularam o estudo dos dialetos, motivando o Ministério do Interior da França a apoiar o inquérito por correspondência que levantaria dados sobre os *patois*.

Os resultados dessas observações foram publicados no *Essai d'un travail sur La Géographie de La langue française*, que o coloca entre os pioneiros da dialetologia, fornecendo as bases para a disciplina que vai se firmar com o definitivo trabalho de Jules Gilliéron, autor do *Atlas Linguistique de La France* (ALF) (CARDOSO, 2008, p. 20).

O fim do século XIX e início do século XX pautam-se pelo interesse em investigações comparativas, estudos filológicos, cuja maior preocupação era reconstruir a história das línguas em busca de uma língua-mãe. Foi de salutar

importância esse período da Linguística para o estabelecimento de investigações acerca das línguas. De certa forma, os postulados dos neogramáticos foram relevantes para os estudos linguísticos, sobretudo os estudos dialetológicos, pois representaram um considerável avanço na história da Linguística, embora com objetivos que caminhavam em direções opostas: enquanto o objetivo dos neogramáticos era, pois, estudar as línguas, buscando uma língua-mãe, a Dialetologia tinha como objeto de estudo a língua passível de variação e de mudança (COSERIU, 1982, p.87).

Conforme Chambers e Trudgill (1994, p. 37-38), a Geolinguística avançou com relação aos estudos anteriores por apresentar uma metodologia definida, e descrever de um modo sistemático os testemunhos das diferenças dialetais.

Nesse contexto, merece destaque o trabalho de Georg Wenker (1852-1911) que teve como propósito, comprovar a validade das leis fonéticas dos neogramáticos nos dialetos alemães. Wenker foi o precursor dos estudos geolinguísticos, uma vez que efetivou pesquisas em aproximadamente trinta mil pontos em território alemão. Para isso, planejou o Atlas Linguístico da Alemanha Setentrional e Central, do qual apenas seis cartas foram publicadas em 1881. O método de pesquisa para a realização desse atlas consistiu no envio de questionários a religiosos e a professores da extensa área rural estudada. O mérito da tentativa de realização desse atlas deve-se ao fato de ser o primeiro a ser planejado ainda sob os postulados da neogramática (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 40).

Se Wenker abre caminho para uma pesquisa diatópica ampla, permitindo a comparação de fatos de uma região com outra, o mérito de consolidar definitivamente o método de recolha dos dialetos geográficos vai recair sobre Jules Gilliéron que, em 1887, inicia a coleta de dados para o Atlas Linguistique de la France (ALF) (1902-1910). O trabalho de Gilliéron possibilitou a constatação da complexidade da evolução linguística, provando que a língua falada está, muitas vezes, distante da modalidade escrita.

Saussure<sup>27</sup> (2006, p.234) atesta que a pesquisa de caracteres dialetais foi o ponto de partida dos trabalhos de cartografia linguística, cujo modelo é o *Atlas Linguistique de La France* – ALF, que viria configurar-se como um marco dos estudos dialetológicos, contribuindo, sobremaneira, para o progresso da ciência da linguagem. Gilliéron tinha como objetivo a realização de um atlas linguístico de todo o território francês, com base em material recolhido de forma neutra, por meio de pesquisa direta realizada por uma única pessoa. Para tal, contou com a colaboração de Edmond Edmont, comerciante da cidade de Saint-Pol-sur-Ternoise, que já havia elaborado um trabalho sobre o léxico de sua cidade e nele demonstrado, por meio da exatidão de suas transcrições, possuir excelente acuidade para a distinção de particularidades fonéticas (BRANDÃO, 1991, p.9).

Hoje, mais de um século depois da elaboração do ALF, atlas linguísticos são elaborados na América, na Europa, na Ásia e em outras partes do mundo, sempre, ainda que indiretamente, respaldados no trabalho de Gilliéron.

Na própria França foram elaborados diversos atlas regionais pelos discípulos de Guilliéron, sobretudo por Dauzat (1877-1955). O exame desses atlas regionais motivou Dauzat a projetar o *Nouvel Atlas Linguistique de la France* (NALF). Esse atlas aproveita a contribuição dos atlas regionais, mas diferencia-se desses devido à sua unidade de método. O NALF incorpora a experiência de várias décadas de estudos de Geografia Linguística.

Gilliéron contribuiu, ainda, com a formação de novos dialetólogos, que propagariam o novo método para o mundo. Dentre os discípulos de Gilliéron, encontram-se Karl Jaberg e Jacob Jud, responsáveis pela elaboração do *Atlas Linguístico e Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional* – AIS (1931). Esses dois pesquisadores foram também os mentores dos pesquisadores do *Atlas Linguístico do Canadá e dos Estados Unidos*, projeto que, devido a problemas financeiros e estruturais, não foi concluído. A propósito, os Estados Unidos entregaram-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral. Consoante Chambers e Trudgill (1994, p. 43) a não concretização do Atlas nacional nos Estados Unidos se deve, em parte, à falta de entusiasmo

---

<sup>27</sup> A obra original data de 1913. Neste trabalho, foi utilizada a edição brasileira de 2006.

dos jovens pesquisadores e, em parte, ao fato de algumas localidades terem a história de povoamento muito recente.

Reis (2006, p. 96), parafraseando Miazzi (1972, p. 42-52), informa que, entre outros atlas publicados após o trabalho de Gilliéron, registram-se o Atlas Linguístico Italiano (Bártoli, 1931); a elaboração de um ensaio do Atlas Linguístico da Sardenha (1928-1950); o Atlas Linguístico-Etnográfico Italiano da Córsega (1935-1942); o Atlas Linguístico da Catalunha (1923-1939); o Atlas Linguístico de Andorra; o Atlas Linguístico Romeno (1938-1942) e o *micul atlas linguistic romiîn*, que, segundo a autora, tem uma singular importância aos estudos dialetais, pois, além de possuir um número maior de cartas, apresenta topônimos e textos dialetais com fins de preenchimento de possíveis lacunas.

Além desses, outros trabalhos dialetológicos têm seguido os passos de Gilliéron. Na América latina, dentre os Atlas Linguísticos que se destacam está o Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU), que se configura como pluridimensional e relacional. O ADDU é um projeto desenvolvido por Adolfo Elizaincín, da Facultad de Humanidades de la Universidad de la República (Uruguai), e Harald Thun, do Romanisches Seminar da Christian-Albrechts-Universität zu Kiel (Alemanha), financiado pelo DFG – Conselho Alemão de Investigação Científica. Esse atlas compreende o território do Uruguai e alguns pontos externos do Brasil e da Argentina; objetiva investigar fatos fonéticos, lexicais, morfossintáticos, pragmáticos e, seletivamente, também etnográficos<sup>28</sup>.

A coleta de dados para o ADDU foi realizada de 1989 a 1992 e a publicação desse atlas foi realizada em forma de fascículos, com mais de 300 cartas, publicados em séries temáticas. O ADDU é definido por Elizaincín e Thun como pluridimensional, relacional e funcional (THUN, 1997).

Inserindo-se entre os atlas publicados ao longo do tempo, estão os trabalhos voltados para a descrição da língua portuguesa, em Portugal e no Brasil, dos quais trataremos a partir deste ponto do trabalho.

## **2.4. Os estudos dialetológicos em Portugal**

---

<sup>28</sup> Fonte: <http://www.alib.ufba.br/index.asp>

Ferreira (1994, p. 108) divide os estudos dialetológicos em Portugal em três períodos. O primeiro (1536-1868) pode ser reconstituído a partir de Fernão de Oliveira (1536), primeiro gramático a lembrar os portugueses de que as variedades regionais guardam testemunhos da língua e apontar a existência de diferentes tipos de dialetos, segundo o meio social, a idade e o sexo do locutor:

(...) como os cavaleiros que têm uns vocábulos e os lavradores outros, e os cortesãos outros, e os mecânicos outros, e os mercadores outros, ou também que se faz em terras esta particularidade, porque os da Beira têm umas falas e os do Alentejo outras (...) e o velho, como tem o entender mais firme com o que mais sabe, também suas falas são de peso e as do mancebo, mais leves<sup>29</sup> (FERNÃO OLIVEIRA, apud FERREIRA, 1994, p. 108).

Também são do primeiro período (século XVIII) duas obras importantes para a Dialetologia: o diálogo imaginário de D. Jerônimo Contador D'Argote (1725), no qual D. Jerônimo mostra, ao discípulo, o modelo de linguagem aconselhável para o bem falar e a obra de D. Rafael Bluteau, *Vocabulário de palavras e modos de falar do Moinho e Beira* (1728) (FERREIRA, 1994, p. 109).

O segundo período da Dialetologia portuguesa (1868-1942), segundo Ferreira (2008, p. 110), é iniciado com Adolfo Coelho, na segunda metade do século XIX. Coelho descreve em *A Língua Portuguesa* (1868) a troca do *l* pelo *r* na fala dos povos do Moinho, como por exemplo, *porpa* por *polpa*, *sarsa* por *salsa*. A autora menciona que, para esse estudioso, “língua e dialeto são colocados no mesmo paralelo de valores”.

A esse período pertence, ainda, José Leite de Vasconcellos, o autor dos primeiros mapas dos dialetos portugueses e da obra *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (1901) que contém uma minuciosa descrição do conjunto dos dialetos portugueses. Leite de Vasconcellos foi o descobridor da língua mirandesa e o fundador da Revista Lusitana, cujo último número, em 1943, caracteriza o fim do segundo período da Dialetologia portuguesa.

O terceiro período (1942-1994) compreende a Dialetologia recente, pautada pela recolha ordenada de dados, com objetivos definidos e com interpretações de conjunto e cujo maior representante é Manuel de Paiva Boleo a quem devemos a iniciativa do ILB (Inquérito Linguístico Boleo). Nesse

---

<sup>29</sup> In: Ferreira (1994, p. 108)

projeto, Boléo organizou um inquérito por correspondência, com 540 perguntas, como preliminar para o Atlas Linguístico de Portugal. Desse inquérito, resultou a publicação, em 1942, de um opúsculo intitulado *O estudo dos dialetos e falares portugueses* – Um inquérito linguístico, que chama a atenção para o interesse científico da língua popular. Contudo, o Atlas não chegou a ser realizado, embora continuasse a coleta de dados. Até 1966 tinham sido recebidos mais de 2.400 questionários. Com este material, o Prof. Paiva Boléo e outros pesquisadores publicaram várias monografias. Também é de Boleo a iniciativa da RPF (Revista Portuguesa de Filologia – que vem dar continuidade aos estudos dialetológicos, ocupando o espaço deixado pela Revista Lusitana) (FERREIRA, 1994, p. 111).

Outro projeto de singular importância, que reúne material proveniente de todo o território continental português é o do ALPI – Atlas Linguístico da Península Ibérica, sob a direção de Tomás Navarro Tomás. Esse projeto imprime uma nova perspectiva na recolha de dados, aperfeiçoando qualitativamente a investigação que passa a ser realizada por equipes de especialistas na área. Os inquéritos linguísticos para o ALPI foram iniciados em 1931 e realizados até 1936, ocasião em que, por força da guerra civil espanhola, tiveram de ser interrompidos. A partir de então, os materiais coletados passam a contar uma longa história de viagens e mudanças de domicílio. Assim, em 1937, foram levados de Madrid para Valência e logo depois para Barcelona, de onde, em 1938, foram conduzidos a Paris e mais tarde para Nova York, ficando depositados na Columbia University, da qual era professor Dom Tomás Navarro. A retomada dos inquéritos em território espanhol, em 1947, fez com que retornassem de Nova York, em 1950, os materiais coletados na década de 30, e, assim, se completassem os inquéritos. A partir desse segundo momento, incorpora-se Portugal à empreitada de um atlas da Península Ibérica, com a entrada de Lindley Cintra que realiza, com a participação de Anibal Otero, os inquéritos em Portugal, entre 1953-1954, completando-os em 1956 e perfazendo uma rede de 156 pontos para o domínio galego-português, de um total de 528 que constituía a rede geral do atlas. Em 1962 foi publicado o volume I, com um total de 75 cartas. Recobrando toda a área da Península Ibérica, fornece dados referentes ao galego-

português, ao espanhol e ao catalão e se apresenta como um atlas que extrapola os limites político-geográficos e recobre um grupo de línguas pertencentes à mesma família<sup>30</sup>.

Outros projetos geolinguísticos, em Portugal, são merecedores de citação, como o Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores (ALEAç - 2001) que se insere num projeto mais amplo – o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG), cujos inquéritos foram iniciados em finais de 1973, concluídos em 2004, tendo seu primeiro dos nove volumes, publicado. Além desses projetos, Portugal está representado em atlas internacionais de grandes domínios: *Atlas Linguístico de La Península Ibérica* (ALPI), no *Atlas Linguarum Europae* (ALE) e no *Atlas Linguistic Roman* (ALiR) (SEGURA, 2008, p. 249).

## **2.5. Os estudos dialetológicos no Brasil**

Os estudos dialetais brasileiros caracterizam-se por acontecimentos que se constituem verdadeiros marcos em diferentes períodos da história da Dialetologia no Brasil.

Em 1891, Julio Ribeiro, respaldando-se na geografia física, fez uma primeira tentativa de dividir o Brasil em áreas dialetais, subdividindo o país em quatro áreas: Norte (Amazonas, Pará, Rio Grande do Norte, Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco); Leste (Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo); Centro (minas, Goiás e Mato Grosso); e Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). João Ribeiro, em 1914, apoiado em bases históricas estabeleceu cinco células fundamentais que, sob sua óptica, pelo processo de multiplicação, deram origem à organização do Brasil. São esses os cinco grupos locais propostos: 1) o Extremo Norte (a Amazônia, o Maranhão, Piauí e Ceará); 2) o Norte (Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte); 3) o Centro (Sergipe, Baía, Ilhéus e Porto Seguro); 4) o Interior (São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso) e 5) o Sul (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) (NASCENTES, 1953, p. 21-22).

---

<sup>30</sup> Fonte: <http://www.alib.ufba.br/geolinguistica.asp> acessado em 30/12/2008.

Entretanto, ambos deixaram de considerar os territórios e o Estado do Paraná, em suas divisões. Igualmente, a divisão proposta por Julio Ribeiro, além de seguir um critério unicamente geográfico, junta áreas de falares muito diferentes entre si.

A publicação de *O dialeto caipira*<sup>31</sup> (AMARAL, 1920), cujo objetivo era descrever o falar caipira do interior de São Paulo, é o que se pode chamar de primeira tentativa de descrição de um falar regional brasileiro. É importante retomar, nesse sentido, as palavras de Paulo Duarte, autor do prefácio de *O Dialeto Caipira*, a respeito dos falares do Brasil:

Fala-se muito num “dialeto brasileiro”, expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados. Nem se poderão discriminar enquanto não se fizerem estudos sérios, positivos, minuciosos, limitados a determinadas regiões (AMARAL, 1920, p. 18).

Antenor Nascentes, em 1953, pautando-se na divisão de grupos locais formulada por João Ribeiro, dividiu a fala brasileira em seis subfalares – o amazônico, o nordestino, o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista – reunidos em dois grupos, o do norte e o do sul. Considerou como território incharacterístico, em termos linguísticos, a área que compreendia entre a fronteira boliviana (rios Verde, Guaporé, Mamoré até Abunã) e a fronteira de Mato Grosso com o Amazonas e o Pará, certamente porque, na época, essas regiões eram praticamente despovoadas.

A base da proposta de Nascentes reside em diferenças de pronúncia. Segundo Nascentes (1953, p.25), é possível distinguir dois grupos dialetais brasileiros – os do Norte e os do Sul – levando-se em consideração dois traços fundamentais: a) a abertura de vogais pretônicas, nos dialetos do Norte (*pégar*, *córrer*, *televisão*); b) a cadência da fala (“cantada” no Norte e “descansada” no Sul).

---

<sup>31</sup> O prefácio ao *Dialeto Caipira* traz importante argumentação acerca da extensão geográfica do Brasil e os vários contatos étnicos com o negro, o índio, e os demais povos que para aqui migraram.



Figura VI – Divisão dialetal proposta por Nascentes (NASCENTES, 1953, p.18)

A proposta de Nascentes ainda não foi de todo avaliada porque ainda não temos todo o País mapeado linguisticamente. Por um lado, como mostram os dados do Atlas Prévio dos Falares Baianos, do Atlas Linguístico de Sergipe I e II e do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais, quando conjugados, “pelo menos ao que se refere à linha divisória entre o falar do Norte e o falar do Sul, com base na realização das vogais médias pretônicas, ela se confirma” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 42).

Já quanto à zona incaracterística, delimitada por Nascentes, devemos considerar alguns aspectos. Em 1953, a demografia em Mato Grosso era de apenas 455.000 habitantes<sup>32</sup>, concentrados no sul do Estado e na capital. Além disso, as dificuldades e os perigos que a mata apresentava dificultavam as pesquisas de campo naquela área. Hoje, com os modernos meios de transporte e a tecnologia da informação minimizando as fronteiras geográficas, em breve será possível caracterizar essa área, situando-a dentre os subfalares brasileiros.

A área da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, considerando a divisão de Nascentes, pertenceria ao falar sulista, do grupo dos subfalares do

<sup>32</sup> Fonte: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) acessado em 22/01/2009.

sul e faz fronteira com a área identificada por Nascentes como o território incaracterístico. Os dados desta pesquisa confirmam o caráter sulista<sup>33</sup> dessa área. A título de exemplo, o /r/ retroflexo, marca da fala sulista, está presente em várias cartas fonéticas do ALMESEMT, como em 2 (prateleira), 10 (torneira), 18 (gordura), 23 (fervendo), dentre outras. Nas cartas lexicais, a fala sulista também está bem marcada, como, por exemplo, na carta 80 (curau), 92 (ramona), 113 (estilingue). Isso não anula, contudo, a forte influência exercida por maranhenses, baianos, cearenses, e todos aqueles que vieram de diversas regiões plantar aqui o sonho de uma vida melhor.

Retomando a retrospectiva dos estudos dialetológicos no Brasil, a Nascentes seguem-se outros pesquisadores que se destacaram na Dialetologia brasileira. Ferreira e Cardoso (1994, p. 37-39), por exemplo, dividem a história dos estudos dialetais em três grandes fases. A primeira compreende o período entre 1826 a 1920 e reúne trabalhos que originaram dicionários e vocabulários. Citam como primeira manifestação de natureza dialetal sobre o português no Brasil, o trabalho realizado por Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca (1826) que, a pedido do geógrafo Vêneto Adrien Balbi, na época em que o primeiro era ministro plenipotenciário do Brasil na França, escreveu um capítulo apontando características de língua nacional, no trabalho *Introduction à l'Atlas Ethnographique Du Globe*.

A segunda fase tem início com o trabalho de Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira* (1920), já citado, que, embora incipiente, mostra as peculiaridades fônicas, mórficas, sintáticas e lexicais de algumas regiões de São Paulo. Enquadra-se, também nessa fase, trabalhos como *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (1922); *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934); *O vocabulário pernambucano*, de Pereira da Costa (1937); *A língua do Brasil*, de Gladstone Chaves de Melo (1946), dentre outros.

Já a terceira fase é marcada pelo Decreto 30.643, de 20 de março de 1952 que, no seu Art. 3º, institui como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a “elaboração do Atlas linguístico do Brasil”. Nessa fase iniciam-se os trabalhos de natureza geolinguística, com as pesquisas do Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963). A esse primeiro

---

<sup>33</sup> Sulista aqui está se referindo à nomenclatura de Nascentes, na sua divisão dialetal.

atlas seguem-se outros, de caráter regional, o que consolida o desenvolvimento dos estudos geolinguísticos no Brasil.

Do ponto de vista metodológico, essa nova fase marca, também, a inauguração da Dialetologia pluridimensional nos trabalhos dialetológicos brasileiros. Conforme Thun (1998, p. 375), o Atlas Linguístico de Sergipe (1987) e o Atlas Linguístico do Paraná (1994) trazem as primeiras manifestações pluridimensionais em um atlas linguístico brasileiro. Segundo o autor, esses dois atlas se configuram como bidimensionais, pois incluem a variação diagenérica (ambos entrevistaram um homem e uma mulher em cada ponto da rede).

Ainda nessa fase, outros pesquisadores trouxeram contribuições aos estudos dialetais brasileiros, entre os quais é imperioso citar Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Nelson Rossi, dentre outros, que se destacam com orientações sobre a seleção de pontos, o perfil dos informantes e a elaboração do questionário linguístico. Silva Neto chamou para si a tarefa de criar uma “mentalidade dialetológica” e, em 1955, no “Guia para estudos dialetológicos”, relaciona como tarefas urgentes para o avanço da Dialetologia no Brasil a realização de sondagens preliminares, a recolha de vocabulário, seguindo as exigências técnicas; a elaboração de monografias etnográfico-linguísticas sobre determinadas áreas semânticas e sobre falares; a elaboração de atlas regionais; a aplicação nacional de um questionário uniforme para a elaboração do atlas nacional (ISQUERDO, 2004-b, p. 391).

A partir do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, alguns estudiosos passaram a aventar a hipótese de uma nova fase nos estudos dialetológicos no Brasil. Isquerdo (2004-b, p. 391), por exemplo, discute a hipótese de uma quarta fase, com a retomada do Projeto ALiB. Para a autora, esse Projeto é um divisor de águas na pesquisa geolinguística brasileira, uma vez que impulsionou outros projetos dialetológicos, sobretudo, os de cunho regional.

Isquerdo (2004-b, p. 392) acrescenta como trabalhos de suma acuidade, nessa aventada quarta fase, a publicação do Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (2002) e do Atlas Linguístico de Sergipe II (2002). A autora salienta que esses últimos trabalhos devem sua importância ao fato de o ALERS abarcar aspectos linguísticos de três estados (Santa

Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul) e o Atlas Linguístico de Sergipe II, por sua vez, inovar, ao apresentar comentários das cartas numa perspectiva interpretativa.

Fechando essa discussão sobre a questão das fases da dialetologia no Brasil, Mota e Cardoso (2006, p. 19), retomando a delimitação das fases da Dialetologia propostas por Ferreira e Cardoso (1994), formalizam a quarta fase para os estudos dialetológicos no Brasil, a partir do lançamento do projeto ALiB (1996).

Atualmente, o Brasil dispõe de um número considerável de atlas lingüísticos regionais publicados: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963); o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (ZÁGARI, 1977); o *Atlas Lingüístico da Paraíba* (ARAGÃO, 1984); o *Atlas Lingüístico de Sergipe* (FERREIRA ET AL, 1987); o *Atlas Lingüístico do Paraná* (AGULERA, 1994); o *Atlas Lingüístico-etnográfico da região Sul do Brasil* (2002); o *Atlas Lingüístico de Sergipe II* (CARDOSO, 2002); o *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará* (RAZKY, 2004) e o *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, 2007).

Além disso, conta com atlas concluídos, mas ainda inéditos aguardando publicação, como o *Atlas Lingüístico do Amazonas* (CRUZ, 2004), o *Atlas Lingüístico do município de Ponta Porã* (REIS, 2006), o *Atlas Linguístico de São Francisco do Sul-SC* (GUIMARÃES, 2008), dentre outros.

Em fases diversas de andamento, ainda há, dentre outros, os seguintes projetos de atlas, no Brasil: *Atlas Lingüístico do Ceará*; *Atlas Geosociolingüístico do Pará*, *Atlas Lingüístico do Mato Grosso*; *Atlas Lingüístico do Maranhão*; *Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte*; *Atlas Lingüístico do Acre*, o *Atlas Lingüístico do Espírito Santo* e o *Atlas Linguístico de Rondônia*.

De suma importância, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) tem por meta a realização de um atlas linguístico nacional da língua portuguesa do Brasil. É um projeto concebido a partir de 1996, mas já imaginado em 1952, quando o decreto 30.643 de 20 de março previa a elaboração de um atlas linguístico em que os falares brasileiros fossem identificados. Em 1958, Antenor Nascentes editou as *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* que oferecia diretrizes para a escolha das localidades a serem investigadas, para definição do perfil dos informantes, para

a elaboração do questionário, além de propor que se fizessem pesquisas regionais que fossem transformadas em Atlas.

Sediado na UFBA (Universidade Federal da Bahia), o Projeto ALiB é coordenado por um Comitê Nacional formado por pesquisadores de 09 universidades brasileiras e conta com a participação de docentes e discentes de 16 instituições brasileiras. O Projeto tem como principal objetivo a descrição da realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas), consideradas na perspectiva da Geolinguística Pluridimensional. Em termos de rede de pontos, o projeto conta com uma rede de 250 localidades, distribuídas por todo o território nacional, que foram selecionadas considerando-se a extensão, os aspectos demográficos, culturais, históricos e o processo de povoamento da área<sup>34</sup>.

Os informantes devem ter idades entre 18 e 30 e entre 50 e 65 anos, de ambos os sexos, devem ser filhos da localidade, com pais também da mesma região linguística. Quanto à escolaridade, nas capitais são entrevistados quatro informantes com nível universitário e com Ensino Fundamental, ao contrário das localidades do interior onde são entrevistados apenas informantes com baixa escolaridade, observadas em ambos os casos as mesmas correlações de sexo e faixa etária<sup>35</sup>.

O Projeto conta, ainda, com um questionário linguístico, subdividido em três partes e direcionado para os aspectos: (a) fonético-fonológico - 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia; (b) semântico-lexical - 202 perguntas; e (c) morfossintático - 49 perguntas. A esses três tipos de questionários, acrescentam-se: questões de pragmática (04), temas para discursos semidirigidos - relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal -, perguntas de metalinguística (06) e um texto para leitura - a "Parábola dos sete vimes"<sup>36</sup>.

O projeto de pesquisa que deu origem ao ALMESEMT, em muito se beneficiou do Projeto ALiB em termos de orientação metodológica, à medida

---

<sup>34</sup>Fonte: [www.alib.ufbs.br](http://www.alib.ufbs.br). Acesso em 20/08/2008

<sup>35</sup> Dados obtidos por meio de consulta ao site do Projeto ALiB: [www.alib.ufbs.br](http://www.alib.ufbs.br), acessado em 20/08/2008.

<sup>36</sup> Questionário Linguístico do Projeto ALiB (2001).

que foi buscar, no Projeto ALiB, o questionário lingüístico e o modelo do perfil do informante para as localidades do interior, com pequenos ajustes em ambos os casos. Esses procedimentos serão explanados no próximo capítulo, que discute os pressupostos metodológicos que embasaram a pesquisa.

## CAPÍTULO III

### METODOLOGIA – CONSTRUINDO CAMINHOS

Quando o homem começou a interrogar-se a respeito dos fatos do mundo, surgiu a necessidade de uma metodologia da pesquisa, que nada mais é do que um conjunto de métodos ou caminhos que são percorridos na busca do conhecimento. Este estudo, por exemplo, foi embasado nas contribuições fornecidas por autores clássicos e contemporâneos representativos das áreas da Linguística que embasam a pesquisa dialetológica.

Considerando que os princípios da Dialetologia pluridimensional visam a combinar a Dialetologia areal com a Sociolinguística, e verificar “até que nível se estende um fenômeno linguístico identificado numa área, entre os locutores de um mesmo grupo social” (THUN, 2005, p.68), procedemos, amparados em tal pressuposto, à definição da rede de pontos, do perfil dos informantes e do questionário linguístico.

#### 3.1 A escolha da rede de pontos

Os estudos dialetológicos, sobretudo, os geolinguísticos que vêm se desenvolvendo no Brasil, com a produção de trabalhos voltados para o registro do falar de diferentes áreas geográficas, têm contribuído para a construção de uma metodologia orientada para o exame da realidade, observada *in loco* e considerada nos seus diferentes aspectos.

Isquierdo (2006, p.04) argumenta que a definição de uma rede de pontos para a pesquisa geolinguística “assegura a representatividade da documentação da variação espacial da língua” e traz a homogeneidade necessária ao mapeamento dessas variações. Para essa autora, a rede de pontos relaciona-se diretamente com a amplitude da área geográfica, isto é, ela deve ser proporcional ao intento do atlas. Um atlas de maior domínio, como os atlas nacionais, tende a ter sua rede de pontos menos densa, ao contrário dos atlas regionais, que devem contemplar uma rede de pontos maior. A autora pondera que

podemos definir rede de pontos como o conjunto de localidades onde será realizada a pesquisa, que são escolhidas segundo diversos critérios e que devem representar todo o território estudado. Por exemplo: a rede inclui mais lugares em terras onde as diferenças dialetais são mais interessantes, em zonas isoladas, em áreas de fronteira e menos pontos onde haja maior uniformidade linguística. Inicialmente evitava-se a inclusão de cidades dentre na rede de pontos, uma vez que se buscava o caráter arcaizante da linguagem, fenômeno mais evidenciado em lugares distantes dos centros mais avançados em termos tecnológicos (atlas rurais). Esse critério tem sido revisto e na atualidade os estudos dialetológicos atingiram as cidades, inclusive, os grandes centros, surgindo assim os atlas urbanos (ISQUERDO, 2006, p.06).

Quanto à amplitude do atlas, Amadeu Amaral, em *O Dialeto Caipira* (1920), fez um apelo para que se continuassem os estudos regionais sobre a Dialetologia no Brasil. O autor considerava necessária uma pesquisa séria e imparcial voltada para as “modalidades locais e regionais”, para que se pudessem definir e examinar com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, como também o grau de vitalidade, as ramificações e o domínio geográfico de cada um.

Outros estudiosos defenderam a elaboração de atlas regionais. Serafim da Silva Neto e Celso Cunha, por ocasião do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, propuseram o Atlas Linguístico Etnográfico do Brasil (por regiões). Antenor Nascentes, dialetólogo brasileiro que deu os primeiros passos rumo à concretização de um mapa nacional com a publicação das *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* (1958; 1961), nessa obra forneceu diretrizes gerais para a escolha de localidades, para a seleção de informantes e para a elaboração do questionário linguístico, e propõe, muito claramente, a elaboração de atlas regionais, argumentando que, “embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e rico e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral” (NASCENTES, 1958, p. 7).

Rossi (1967, p. 94), por sua vez, considera de difícil conciliação os conceitos de atlas de grande e de pequeno domínio.

A questão pode ser colocada em termos de alternativa. Atlas nacional (ou, talvez melhor, de grandes domínios geográficos) e atlas regionais (ou de pequenos domínios) não se excluem [...]. Além disso, os conceitos mesmos de atlas nacionais, como os de pequenos e grandes domínios, precisam de consideração mais atenta.

Rossi (1967, p. 102-104) afiança, ainda, que tão importante quanto os atlas nacionais, são os atlas regionais. Contudo, segundo o autor, cada um deve ter seus propósitos, suas peculiaridades e suas metodologias, pois, enquanto aqueles têm uma grande expansão areal e poucos fatos a documentar, esses têm muitos fatos a colher, em uma área pouco extensa. Para esse autor, a escolha está relacionada aos propósitos de cada trabalho. Acrescenta, ainda, que um fenômeno linguístico deve ser confrontado com outro fenômeno ou ser observado o mesmo fenômeno em pontos diversos, para se garantir a confiabilidade dos dados (ROSSI, 1967, p. 102-104).

No Brasil, podemos citar como atlas de grande domínio o ALERS (Atlas Linguístico Etnográfico do Sul do Brasil, ALTENHOFEN, 2002), outros de pequeno domínio, como os Atlas Linguísticos estaduais e os Atlas Linguísticos de municípios ou de uma região, como, por exemplo, o Atlas Linguístico de Adrianópolis (ALTINO, 2001), o Atlas Linguístico de Ponta Porã (REIS, 2006), dentre outros. O Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, por sua vez, situa-se entre os de pequeno domínio.

Visto que o objetivo do atlas produto desta pesquisa foi documentar, descrever e mapear a realidade linguística da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, com enfoque na dimensão diatópica, foi considerada, ainda, a proposta de Nascentes (1958, p.53), em suas Bases para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, que elencou 23 pontos de inquéritos para cobrir a área do então estado de Mato Grosso: 582 Cuiabá, 583 Mato Grosso, 584 Diamantino, 585 Rosário, 586 Poconé, 587 São Luis de Cáceres, 588 Melgaço, 589 Coxim, 590 Corumbá, 591 Porto Murtinho, 592 Miranda, 593 Aquidauana, 594 Nioac, 595 Porto Esperança, 596 Campo Grande, 597 Três Lagoas, 598 Paranaíba, 599 Bela Vista, 600 Ponta Porã, 601 Dourados, 602 Xavantina, 603 Poxoreo, 604 Alto Araguaia. Dessa forma, para a definição dos pontos de inquérito do Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, escolhemos Alto Araguaia e Poxoreo, localidades que também integram a rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Foram contemplados também três localidades da rede de pontos do Projeto ALiMAT (Atlas Linguístico do Mato Grosso): Itiquira, Rondonópolis e Tesouro.

Além do critério de escolha baseado nos pontos propostos por Nascentes e demais projetos de atlas em andamento, foram tomados por base outros critérios, em sua maioria, já consagrados no âmbito das pesquisas dialetais, como: i) a antiguidade; ii) os aspectos histórico-culturais; iii) a densidade demográfica; iv) a distribuição geográfica; v) a área de fronteira entre a Mesorregião Sudeste mato-grossense e outros Estados; vi) a natureza do povoamento, e, vii) a representatividade de localidades das quatro microrregiões que formam a Mesorregião Sudeste.

No que tange à distribuição espacial, seguimos as orientações de Brandão (1991, p.29), ou seja, dividimos o território em hexágonos de semelhantes dimensões e estabelecemos um ponto de inquérito em cada célula. Entretanto, algumas localidades situadas dentro desse hexágono possuíam densidade demográfica muito baixa, outras tiveram seu processo ocupacional muito recente e algumas delas não possuem grande representatividade histórica. Desse modo, localidades como Jaciara, Juscimeira, General Carneiro, Pontal do Araguaia e Torixoreu, embora formassem as pontas do hexágono, não foram selecionadas, fato que justifica o espaço vazio, sobretudo nas zonas norte e leste da área pesquisada. Todavia, esse vazio não impediu a cobertura harmoniosa de toda a área investigada.

Adotando o critério da área de fronteira, foram selecionadas também localidades limítrofes com os estados de Goiás (Alto Araguaia) e de Mato Grosso do Sul (Itiquira).

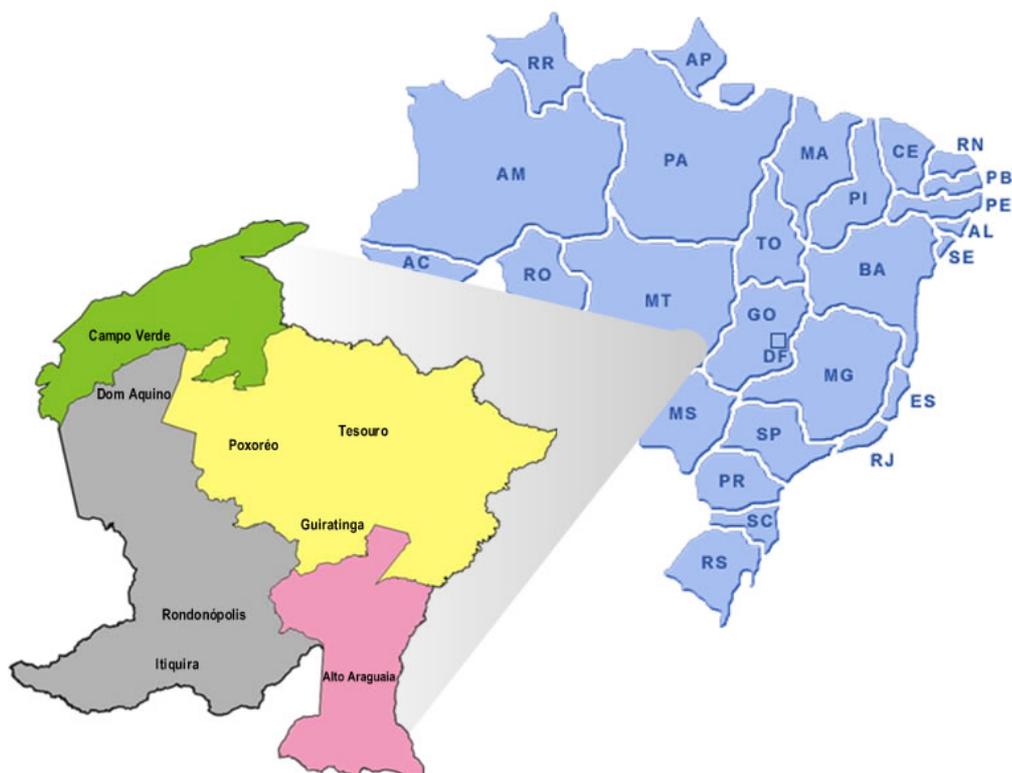
Como a pesquisa abarca as quatro microrregiões que compõem a Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, a rede de pontos reuniu localidades das microrregiões de Tesouro, de Rondonópolis, de Primavera do Leste e de Alto Araguaia que tiveram em maior ou menor proporção alguns de seus municípios contemplados nesta pesquisa. Assim, em Primavera do Leste e em Alto Araguaia foi selecionada apenas uma localidade de cada microrregião, pois a microrregião de Alto Araguaia conta com três municípios e Primavera do Leste com apenas dois. A opção por Alto Araguaia recaiu no fato de esse município ser pólo da microrregião. Já a inclusão de Campo Verde pautou-se no critério da antiguidade, pois a cidade de Primavera do Leste, embora seja cidade pólo da microrregião, é de ocupação recente (1968), fator que impediria a

identificação de informantes naturais da localidade, sobretudo da segunda faixa etária.

Da microrregião de Primavera do Leste, somente Campo Verde preenchia os critérios adotados. Embora fosse mais antiga, por ter seu sistema populacional também atual, configurava-se como uma localidade duvidosa quanto à possibilidade de os seus habitantes preencherem o perfil estabelecido, quanto ao quesito naturalidade. Em vista disso, a testagem do questionário linguístico foi realizada também nessa localidade. Se não fossem encontrados os informantes para os inquéritos experimentais, haveria necessidade de seleção de outro ponto, o que afetaria os critérios metodológicos adotados, pois a microrregião de Primavera do Leste ficaria sem representação na rede de pontos. Todavia, a realidade da cidade nos surpreendeu, pois localizamos um dos primeiros moradores da cidade, o dono do posto Paraná, primeiro estabelecimento comercial da cidade. Com o auxílio desse senhor, chegamos à fazenda Canhambora, cujo proprietário é nascido em Campo Verde (1929), neto de Camilo Fernandes, que chegou à região em 1885. Esse senhor indicou-nos outros antigos moradores da cidade, que aceitaram conceder a entrevista.

Outro critério adotado para a seleção dos pontos foi o sistema de povoamento da localidade. Assim, a inclusão de Dom Aquino, na rede de pontos, apesar da sua proximidade geográfica com Campo Verde, se justifica por ter sido essa localidade uma extensão da zona garimpeira, no início do século XX, o que causou ali um intenso movimento migratório. Além disso, antes da construção da rodovia MT 344, que liga o município a Campo Verde, essa era uma localidade quase isolada na região.

A Figura VII a seguir apresenta a distribuição da rede de pontos do ALMESEMT.



Fonte: IBGE, adaptado por Gilberto Oliveira

Figura VII - Mapa da rede de pontos do ALMESEMT.

### 3.2 Perfil dos informantes

Chambers e Trudgill (1994, p. 56) postulam que a característica fundamental dos trabalhos dialetológicos é a definição do perfil do informante. Na dialetologia tradicional, ou monodimensional, os informantes necessariamente deveriam ser *nonmobile, older, rural, males* (NORMS) ou, como denomina Zágari (1998, p. 36), HARAS (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário).

Já para os trabalhos pautados na dialetologia pluridimensional, perspectiva na qual se embasa este atlas, recomenda-se que os informantes sejam de dois sexos, de duas ou mais faixas etárias e que tenham algum grau de escolaridade (THUN, 2006)<sup>37</sup>

Segundo Brandão (1991, p. 31), na seleção dos informantes é necessário considerar, primeiramente, o número de informantes por ponto de

<sup>37</sup> Seminário Avançado em Estudos de Linguagens, realizado na Universidade Estadual de Londrina, em maio de 2006.

inquérito e quais critérios serão adotados nessa escolha. A autora aponta alguns princípios gerais para orientar essa seleção como, por exemplo, dar preferência aos informantes que nasceram na localidade ou que residem ali desde criança e àqueles que não apresentam problemas de dentição ou de fonação, com vistas a garantir a documentação da fala representativa da comunidade.

Por sua vez, Ferreira e Cardoso (1994, p. 27) acrescentam que se deve ter um controle rigoroso da naturalidade, tanto do informante quanto dos pais e do cônjuge, do grau de escolaridade, da profissão do informante, dos pais e do cônjuge, domicílios, viagens, estado civil, idade dos filhos, dentre outros.

Seguindo essas recomendações, para este trabalho, foram inquiridos quatro informantes em cada localidade, com o seguinte perfil:

- i) **sexo:** sexo masculino e sexo feminino (dois de cada sexo);
- ii) **faixa etária:** 18 a 30 anos (faixa I) e 45 a 70 anos (faixa II);
- iii) **escolaridade:** máximo a 8ª série do Ensino Fundamental;
- iv) **naturalidade:** nascido e criado na localidade, com pais também nascidos na região linguística em estudo.

No entanto, como se trata de uma região que registra grandes fluxos migratórios, com alguns municípios com data de criação na segunda metade do século XX, já prevíamos que talvez não fosse possível obedecer ao critério da naturalidade em todas as localidades. Logo, adotamos que, quando não fosse encontrado o informante nascido no local, selecionaríamos aqueles que tivessem nascido em outras regiões, mas que vivessem na área investigada por pelo menos 50% de sua idade. Obedecendo a esse critério, foi selecionada a informante 04, de Campo Verde. Nessa localidade, foram inquiridas 03 mulheres da segunda faixa etária, nascidas na localidade, mas a senhora M. S. foi a mais espontânea, a mais inteligente, tinha uma dentição perfeita – outro critério adotado (ter boa fonação e dentição perfeita), mas não havia nascido na localidade. Nascida no Ceará, veio para Campo Verde, com os pais, aos 23 anos de idade. Da mesma forma, não conseguimos encontrar todos os informantes com pais nascidos na localidade, especialmente os da segunda faixa etária, pois os pais desses informantes são, muitas vezes, os próprios

desbravadores da localidade. A procura por pais também nascidos na localidade justifica a média de idade dos informantes da segunda faixa etária ser de 55 anos aproximadamente. Os mais idosos não atendiam a esse perfil.

Para atender à questão ética, foi acatado o mesmo procedimento adotado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil que, atendendo às orientações da Assessoria Jurídica da UFBA, obtém a autorização do informante para a utilização dos dados, por meio da gravação do consentimento do entrevistado, após o término da entrevista. Para tanto, ao final de cada entrevista, pedimos a autorização do informante para o uso dos dados gravados para a pesquisa.

Na identificação dos informantes, no volume II, foi preservada a identidade do informante e a identificação realizou-se por meio de codificação específica. Por exemplo, *Ponto 1. Campo Verde: E. F. de A. 20 anos; comerciante...* Assim, reconhecemos nosso informante, por meio de suas iniciais, de sua idade, sua profissão, etc., sem expormos a sua identidade.

### **3.3 O instrumento de coleta de dados: o questionário linguístico**

Quando Antenor Nascentes propôs, em 1958, a elaboração de atlas regionais como ponto de partida para a elaboração do atlas linguístico do Brasil, ele sugeriu, também, a utilização de um questionário básico, que fomentasse uma pesquisa sistemática e homogênea. Ou seja, o questionário linguístico dos projetos de natureza geolinguística deve conter questões que buscam apurar a variação diatópica do português falado nos pontos de inquérito, com vista ao estabelecimento e à caracterização de áreas dialetais.

A esse respeito, Chambers e Trudgill (1994, p. 50) ponderam que

las entrevistas pueden ser llevadas a cabo por diferentes encuestadores y bajo circunstancias enormemente variadas, y dar sin embargo como resultado un núcleo común de datos lingüísticos. La ventaja más inmediata del cuestionario es que asegura que los resultados de todas las entrevistas realizadas en la encuesta sean comparables<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> “As entrevistas podem ser conduzidas por pesquisadores diferentes e sob diferentes circunstâncias e mesmo assim mostrar uma base comum de dados. A vantagem imediata do questionário é, assim, medir os resultados de todas as entrevistas conduzidas e seus dados poderem ser comparados” (TN = tradução nossa)

Seguindo esse paradigma, o questionário utilizado para a coleta de dados foi abalizado pelos questionários do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS).

Primeiramente foi elaborado um questionário experimental que contemplou 158 questões voltadas para fatos de natureza fonética e 118 questões voltadas para fatos semântico-lexicais, totalizando 276 perguntas, além de 05 temas para o discurso semidirigido. Para a elaboração desse questionário, optamos, inicialmente, pela utilização de mais perguntas do questionário do ALMS, pois, como Mato Grosso e Mato Grosso do Sul já foram um só Estado, acreditávamos ser o mais fiel à realidade desta pesquisa. Além disso, a área geográfica da pesquisa situa-se em uma região de fronteira entre os dois Estados. Esse instrumento foi testado, em dezembro de 2007, com dois informantes de Rondonópolis e com dois de Campo Verde, e reestruturado antes do início da coleta definitiva dos dados, pois, após as entrevistas de testagem, verificamos que o questionário do ALMS não era o melhor instrumento para esta pesquisa. Aquele questionário foi elaborado para atender às exigências de um atlas linguístico fundamentalmente rural como foi o ALMS, ao contrário do ALMESEMT, essencialmente urbano. Por exemplo, com relação às perguntas referentes à fauna, não conseguimos respostas para as perguntas 93 (indez – o ovo que se deixa no ninho para que a galinha venha botar de novo...), 98 (nambi - o cavalo que tem uma orelha caída...), dentre outras questões, de outras áreas semânticas, que se referem a conceitos de referentes típicos do meio rural.

Dessa maneira, buscamos no questionário do Projeto ALiB, de base urbana, o norte para a organização do instrumento de coleta de dados. Da mesma forma, devido ao grande fluxo migratório nessa região, seria necessário um questionário fonético-fonológico (QFF) que contemplasse mais fenômenos. Em vista disso, elegemos o Questionário Fonético-fonológico do ALiB na íntegra, acrescentando a questão 05 do QFF do ALMS – “O padrinho do filho fica sendo o... E a madrinha, a...” que passou a ser a questão de nº 161 do QFF do ALMESEMT. Para a elaboração do questionário semântico-lexical (QSL) tomamos como parâmetro também os questionários linguísticos do Projeto ALiB e do ALMS e acrescentamos uma pergunta que, nosso entender,

faz parte da realidade linguística regional, a questão nº 07 do QSL: *que nome você/ o(a) senhor (a) dá àqueles terrenos planos onde, geralmente, se planta soja ou algodão?*

A versão final do instrumento contém 02 tipos de questionários: o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) com 161 questões e o Questionário Semântico Lexical (QSL) com 157 perguntas que abrangem diversas áreas semânticas que compõem o universo biossocial dos informantes, e se divide em dois grandes campos: a natureza (acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, flora e fauna) e o homem (corpo humano, doenças mais comuns, características físicas, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, alimentação e utensílios, vestuário e objetos de uso pessoal, habitação, atividades agropastoris, brinquedos e diversões, vida urbana, superstições, lendas e simpatias). Apresenta, ainda, quatro temas que orientam discursos semidirigidos e seis questões metalinguísticas.

No questionário do Projeto ALIB, as perguntas da área semântica *Flora e Fauna* estão distribuídas nas áreas *Atividades Agropastoris* e *Fauna*. No questionário desta pesquisa, as questões foram agrupadas em duas áreas semânticas: *Flora e Fauna* e *Atividades Agropastoris*, sendo esta última destinada a operações realizadas e ao trabalho humano. Sendo assim, as perguntas vinculadas à área semântica *Flora e Fauna* estão segmentadas da seguinte forma: as perguntas 18 a 22 correspondem à *flora* e as de 23 a 34 à *fauna*.

Em *Homem – Corpo Humano*, da mesma forma que no questionário do projeto ALIB, as perguntas seguem uma sequência virtualmente vertical, como se o corpo humano fosse visto de cima para baixo e como se suas partes fossem catalogadas.

A área semântica *Doenças mais comuns* advém do questionário do ALMS, assim como a área *Características Físicas*. Algumas perguntas agrupadas a essa área constam no questionário do Projeto ALIB, mas distribuídas na área *Corpo Humano*.

Já a área *Convívio e Comportamento Social* traz perguntas do questionário do Projeto ALiB e perguntas do ALMS (cultura e convívio), enquanto em *Atividades Agropastoris*, algumas perguntas são do ALIB, embora

figurem no campo natureza e não no campo homem. Já no ALMS, há *Trabalho e Atividades Agropastoris*. Então, optamos por utilizar algumas dessas perguntas do ALMS, nomeando-as por *Atividades Agropastoris*, como no questionário do Projeto ALiB.

Como toda tarefa é um constante aprendizado, se fôssemos recomeçar a pesquisa, certamente, o instrumento de coleta de dados seria outro; entretanto, para os objetivos deste estudo, o questionário linguístico, assim como todos os procedimentos metodológicos se mostrou eficaz.

Planejada a metodologia, saímos a campo para a pesquisa dialetológica propriamente dita.

### **3.4 A pesquisa de campo**

Os exploradores, no século XIX, como atores em um grande espetáculo, abriram as cortinas e mostraram ao Brasil e ao mundo um novo palco de riquezas infindáveis neste pequeno espaço desconhecido do restante do País. Na atualidade, podemos mostrar que daquelas expedições em Alto Araguaia, Poxoreo, Guiratinga, Itiquira, Tesouro, Dom Aquino, etc., restou essa gente boa que ali fincou suas raízes e perseverou em busca do sonho, nem sempre realizado no momento ou do modo esperado, mas que se amplia, se observado no todo, no que hoje está lá: linha telefônica, estradas, cidades, e demais *benesses* urbanas que os pioneiros e desbravadores sequer sonharam.

Como exploradores à busca de nosso tesouro, começamos nossa expedição por essas localidades, na busca das variantes linguísticas.

A respeito da pesquisa de campo, assim se pronunciou Cintra (1983, p. 10):

Através das palavras que emprega, o homem que temos à nossa frente vai-se-nos pouco a pouco desvendando. [...] E que melhores caminhos se poderiam desejar do que os abertos pelas palavras, pelos signos que representam os objectos que ele conhece e as noções que vivem no seu espírito?

Durante o período da coleta de dados, fomos pouco a pouco nos descobrindo inquiridora, ao mesmo tempo em que nossos informantes iam se desvendando. A primeira experiência com os inquiridos trouxe-nos algumas inquietações que foram sanadas com as leituras específicas realizadas para a

disciplina Fundamentos da Dialetoлогия, e em sessões de orientação. Consoante Isquierdo (2004-a, p. 46),

Cada informante exige procedimentos distintos com vistas ao estabelecimento de uma relação interativa. Nesse sentido, o preparo do inquiridor envolve conhecimento teórico, questões técnicas e habilidades de relações humanas.

Daí decorre que, para o inquiridor abstrair aspectos da realidade do informante, ele deve, dentre outras coisas, estabelecer uma relação de empatia com o inquirido, estar familiarizado com o questionário linguístico, preparar o ambiente para a entrevista e ter uma postura de interesse por questões inerentes ao informante (ISQUERDO, 2004-a, p. 51).

As entrevistas foram preferencialmente realizadas na casa do entrevistado, com vistas a deixá-lo mais à vontade para que, conseqüentemente, respondesse as perguntas com maior naturalidade. Em algumas ocasiões, quando não foi possível realizar o inquérito nas residências dos informantes, o fizemos em igrejas, escolas, hotéis e universidades. No início de cada entrevista eram preenchidas as fichas do informante e da localidade<sup>39</sup>. Essas fichas resultaram da adaptação dos modelos utilizados pelo Projeto ALiB, publicados no Questionário Linguístico (COMITÊ NACIONAL, 2001).

Superados os primeiros obstáculos, mais familiarizada com o questionário linguístico e com o equipamento eletrônico (um gravador digital Panasonic RR-450, um microfone e um fone de ouvido), saímos a campo em 06 de março de 2008, para os primeiros inquéritos definitivos, no ponto 6 (Rondonópolis), selecionado como ponto de partida porque, além de ser o domicílio da pesquisadora, é a maior localidade da rede de pontos. Encontramos ali os informantes com certa facilidade, pois há algum tempo já estávamos contatando alguns possíveis informantes.

Nas outras localidades, porém, contrariando a posição de muitos dialetólogos, dentre eles, Ferreira e Cardoso (1994, p. 34), que postulam ser conveniente que se faça um contato prévio com personalidades locais ou com alguém que conheça a ambos, inquiridor e informante pretendido, para que esse mediador facilite o contato, não fomos subsidiados por autoridades ou

---

<sup>39</sup> O modelo dessas fichas integra a seção de anexos, deste volume.

peças influentes. Nas primeiras expedições, ainda procurávamos as secretarias de educação, as prefeituras, ou outro órgão oficial com o intuito de receber informações sobre as escolas que ofereciam cursos para jovens e adultos, onde os jovens se reuniam à noite ou nos finais de semana, etc. No entanto, como não houve retorno, optamos por buscá-los por conta própria. Geralmente buscávamos nas praças centrais, nas igrejas, nos ginásios de esportes, nas escolas onde havia cursos de EJA (Educação de Jovens e Adultos), em conversas com os funcionários dos hotéis em que nos hospedávamos. Essa estratégia mostrou-se produtiva.

Em 28 de março de 2008 fomos a Dom Aquino, onde o primeiro contato foi também nosso primeiro informante (homem, segunda faixa etária). É deficiente físico, solteiro, aposentado e estava sentado em sua cadeira de rodas, na praça central da cidade. O Sr. M. sofreu uma paralisia aos quatorze anos e perdeu os movimentos das pernas e, desde então, passa os dias conversando com amigos e passeando pela cidade. Para encontrarmos os outros informantes, fomos de carro, aos bairros da periferia.

Guiratinga foi a próxima localidade a ser visitada, em 08 de abril de 2008. Chegando à cidade, procuramos primeiramente a secretária municipal de Educação, que queria a todo custo ser entrevistada, alegando conhecer toda a história do município. Já que não nos ajudou a encontrar os informantes, procuramos o pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil e o padre da Igreja Católica, ambas localizadas na área central da cidade. Nessa localidade, entrevistamos sete informantes: um informante (homem, segunda faixa etária) precisou parar a entrevista que já estava quase no final, para ir ao banco e quando retornamos à sua casa, no dia seguinte, ele não quis nos receber; a outra, uma jovem, nos parecia uma boa informante, mas quando começamos a inquiri-la, não falava nada. Ao final, encontramos um homem de 65 anos, falante, que nos contou toda a história do município, mas não tinha dentes, portanto, sua entrevista foi descartada para os fins deste trabalho.

E assim, sucessivamente, fomos realizando os inquéritos nos pontos escolhidos: Itiquira, Campo Verde, Tesouro, Poxoreo e Alto Araguaia. Os dados foram coletados entre 06 de março a 01 de maio de 2008.

Em Tesouro, fizemos o inquérito em 20 e 21 de abril/2008 e precisamos retornar em 27/04 porque houve um problema com a gravação e perdemos a entrevista com a informante 04, uma excelente informante. Ocorreu que, enquanto estávamos realizando a entrevista, chegou uma amiga da informante; paramos a gravação para recebê-la e não ligamos o aparelho ao reiniciar a conversa. No domingo posterior, voltamos à localidade e fizemos novamente o inquérito com a mesma pessoa. É obvio que a entrevista não ficou tão boa quanto a primeira, mas a perda não foi tão significativa como seria se houvesse troca de informante, pois se tratava de uma informante muito especial: espontânea, inteligente, nascida e criada em Tesouro, com 67 anos de idade. Fizemos, ainda, o inquérito com outra informante jovem, pois a primeira era muito tímida, fato que havia comprometido a qualidade da entrevista. Contudo, voltar a Tesouro não foi nenhum sacrifício, pois ali há rios maravilhosos e aproveitamos para pescar um pouco.

A viagem para Alto Araguaia também foi muito produtiva. Esse município situa-se na divisa entre Mato Grosso e Goiás; em uma margem do rio Araguaia localiza-se Alto Araguaia-MT e na outra, Santa Rita do Araguaia-GO. Nessa viagem, realizada dia 30 de abril de 2008, tivemos a companhia da colega Regiane C. P. Reis, inquiridora do Projeto ALiB. Nessa localidade, contamos com a colaboração de um funcionário da UNEMAT (Universidade Estadual de Mato Grosso) que nos indicou possíveis informantes, além de nos ceder uma sala da universidade para a realização dos inquéritos.

Os inquéritos foram realizados pela própria pesquisadora, exceto a entrevista com o informante 01 (jovem masculino) de Alto Araguaia, que foi realizado por Regiane, e nós atuamos como inquiridora auxiliar.

O trabalho em cada ponto de inquérito durou em média dois dias. Em todas as ocasiões e em todas as localidades, fomos bem recebidos por todos os informantes, por pessoas simples, moradores locais que procuravam nos ajudar de várias formas, nos indicando informantes, hotéis, nos oferecendo almoços e cafezinhos deliciosos. Assim, podemos afirmar que aprendemos muito sobre costumes locais, culinária, danças, crenças, pontos turísticos e tantas outras coisas das comunidades que tivemos a oportunidade de visitar.

### 3.5 O registro dos dados

As entrevistas foram gravadas com o auxílio de um gravador digital Panasonic RR-450, um microfone e um fone de ouvido e, posteriormente, armazenadas no computador e em DVDs.

#### 3.5.1 A transcrição fonética

A transcrição dos dados foi feita de duas formas: transcrição fonética e transcrição grafemática, seguindo as normas dotadas pelo Projeto ALiB e por outros projetos geolinguísticos realizados no Brasil.

Conforme Aragão (2004, p.106), a realização aberta ou fechada das vogais médias pretônicas, a neutralização das vogais átonas, em posição inicial, medial e final, a nasalização das vogais orais, seguidas ou antecedidas de consoantes nasais e as diversas realizações do /r/, dentre outros, são considerados fatores de marcas regionais.

Vieira (2000, p.21), por seu turno, argumenta que “os trabalhos de geolinguística lidam com um volume enorme de dados que precisam ser transcritos em alfabeto fonético por pessoas altamente especializadas, e passíveis de intermináveis revisões por parte do pesquisador”.

Assim, para anuir com Vieira, a transcrição fonética do *corpus* do ALMESEMT ficou a cargo da equipe que atua como transcritores do Projeto ALiB, na UEL (Universidade Estadual de Londrina), coordenada por Greize Alves da Silva, sob a nossa supervisão e revisão final. Como instrumental metodológico, foi utilizado o Alfabeto Fonético Internacional da Associação Internacional de Fonética (IPA) e as normas adotadas pelo Projeto ALiB. Optamos também por transcrever foneticamente todo o item e não apenas o fenômeno. Por exemplo, para a questão 02 do QFF – *Onde se constrói uma casa?* (o que é preciso para construir uma casa?) obtivemos da informante 02, do ponto 02, a ocorrência [tɛ'xenu] e do informante 03, do ponto 06 [tɛ'xejnu]. Ambas foram transcritas na íntegra e não apenas a ocorrência do fenômeno: [ɛ e u] ou [e e u].

### **3.5.2 A transcrição grafemática**

Conforme Santos (2003, p. 127), é importante transcrever o material colhido por meio dos inquéritos para que se possa guardar um material sistematizado e adequado a consultas futuras. No caso desta pesquisa, também na transcrição grafemática, foram seguidas as normas adotadas pelo Projeto ALiB, aprovadas pelo Comitê Nacional de Coordenação do Projeto que integram o anexo da Ata da XXIV reunião do Comitê Nacional (Salvador- BA, 8 a 19 de abril de 2008).

Os inquéritos foram transcritos segundo os seguintes critérios:

- a) transcrição grafemática da fala do informante com marcações de elementos de linguagem oral, como superposições, ruídos, truncamentos, comentários do inquiridor, pausas, etc.;
- b) a fala do inquiridor foi transcrita sem preocupações com convenções ortográficas, já que não há interesse em estudar o desempenho linguístico do inquiridor;
- c) todo o material foi transcrito, inclusive as narrativas e as questões metalinguísticas, que estão armazenados para posteriores trabalhos.

### **3.6 Catalogação e armazenamento dos dados**

As respostas dos informantes, depois de transcritas e arquivadas no computador, em arquivo do *Word*, foram transpostas para um banco de dados, organizado no Excel, o que facilitou a análise e a escolha das questões que foram cartografadas.

A base de dados reúne as variantes recolhidas por meio dos 32 inquéritos realizados nas oito localidades que formam a rede de pontos da pesquisa. Essa sistematização dos dados, além de fornecer uma síntese dos fatos linguísticos recolhidos, teve a finalidade de facilitar o acesso aos dados, na fase de elaboração das cartas linguísticas. Assim, para a confecção dessas cartas, os dados foram extraídos dessas planilhas, não sendo necessário recorrer aos arquivos originais das transcrições fonética ou grafemática.

A planilha I traz os resultados do questionário fonético-fonológico, enquanto a II registra os resultados do questionário semântico-lexical. Além disso, cada quadro contém a pergunta e seu número correspondente no questionário, a localidade e a resposta fornecida por todos os informantes. Quando houve o registro de várias respostas para uma mesma pergunta, todas foram elencadas na tabela, separadas por barras, figurando em primeiro lugar a que correspondeu à primeira resposta do informante<sup>40</sup>.

Após um confronto entre as oito localidades, foi necessário elaborar uma escala de frequência da variação das variantes, partindo das mais produtivas para as menos produtivas. A partir dessa escala, iniciou-se o processo de elaboração das 243 cartas linguísticas (122 fonético-fonológicas e 121 semântico-lexicais) e 03 cartas introdutórias que compõem o atlas linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, apresentado no volume II desta Dissertação.

Não constitui objetivo desta pesquisa interpretar todos os dados obtidos por meio das cartas fonéticas e das cartas lexicais. No entanto, mostrou-se pertinente ressaltar alguns aspectos do conjunto do falar da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, de acordo com os percentuais obtidos com o resultado de algumas cartas. Traçamos, pois, no capítulo seguinte, um panorama de alguns traços que caracterizam a fala dessa área geográfica.

---

<sup>40</sup> Uma mostra dessas planilhas está no apêndice deste volume.

## **CAPÍTULO IV**

### **ALGUMAS TENDÊNCIAS DO FALAR DA MESORREGIÃO SUDESTE DE MATO GROSSO REGISTRADAS NO ALMESEM**

Considerando alguns dos objetivos elencados para este estudo, como: I) verificar possíveis mudanças em curso na língua; II) averiguar traços de conservadorismo ou inovação e III) identificar marcas de influências interculturais e linguísticas na fala dos habitantes dos municípios estudados, decorrentes do contato entre povos de diferentes regiões brasileiras que ali se fixaram, agrupamos algumas ocorrências de natureza fonética e lexical que evidenciam esses fatos.

Mattos e Silva (2001, p. 166) observa que a colonização do Brasil foi marcada por vários momentos, como a chegada dos primeiros colonizadores, no início do século XVI, a corrida do ouro, no final do século XVII, a vinda da Família Real em 1808. Com isso, a autora chama a atenção para o fato de não ter sido somente o português quinhentista que foi trazido para o Brasil.

De maneira análoga, na história do povoamento da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, houve períodos ou fases diversas no processo de povoamento (a fase do garimpo, a da agricultura, a da industrialização) e cada uma trouxe um contingente diferente de migrantes para essa área geográfica. Portanto, não podemos dizer que foi o nordestino, o paulista ou o gaúcho que influenciou a fala desses habitantes, mas sim que há um pouquinho da fala de cada um deles na fala dos mato-grossenses da Mesorregião Sudeste. Procuramos discutir, neste capítulo, alguns fenômenos que acontecem de forma sistemática; quais são frequentes e quais constituem modificações isoladas, primeiramente no nível fonético e, na sequência, no nível lexical.

## **4.1. Aspectos fonéticos<sup>41</sup>**

No que concerne a fatores fonéticos característicos da fala da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, mostrou-se pertinente discutir alguns aspectos dos fenômenos registrados nesta pesquisa.

### **4.1.1. As vogais pretônicas**

A variação na abertura do [e] e [o] pretônicos é o traço que tem servido para a identificação regional dos falares brasileiros. Foi baseando-se nessas vogais, além de alguns traços prosódicos, que Antenor Nascentes (1953) propôs uma divisão dialetal do Brasil, que é frequentemente analisada e revista por outros estudiosos brasileiros. Segundo o autor, o que diferencia a fala do Norte da do Sul é a cadência e a existência das vogais pretônicas abertas no norte e fechadas no sul.

Para este estudo, foram focalizadas as vogais médias pretônicas em 33 cartas fonéticas. Dessas, 16 apresentam a variável média pretônica anterior e 17 apresentam a variável média pretônica posterior. O Quadro II correlaciona a carta fonética, a palavra, a natureza da vogal e os percentuais de ocorrências.

---

<sup>41</sup> Neste capítulo, para as discussões acerca dos fenômenos fonéticos, embasamo-nos na terminologia adotada por Thaís Cristóvão Silva, em sua obra *Fonética e fonologia do português* (2005)

Vogal média pretônica anterior						Vogal média pretônica posterior					
Carta	Palavra	Realizações (%)				Carta	Palavra	Realizações (%)			
		[e]	[ ɛ ]	[i]	NR/ NI/ NP/ Outros			[o]	[ɔ]	[u]	NR/ NI/ NP/ Outros
01	t(e)rreno	31,26	68,67			10	t(o)rreira	96,87			3,13
02	prat(e)leira	0		100		18	g(o)rdura	18,75		81,26	
03	t(e)l(e)visão	96,76	3,13			21	c(o)lher	90,64		9,39	
05	t(e)soura	50		46,9	3,13	26	t(o)mate	84,38	3,13	12,5	
07	trav(e)sseiro	3,13		96,9		31	b(o)tar	56,26	37,5		6,25
20	p(e)neira	96,76		12,51		32	b(o)nito	6,25		84,58	3,13
23	f(e)rvendo	68,67	25,02		6,13	38	borb(o)leta	84,38		6,25	3,13
25	c(e)bola	90,63	3,13	6,25		65	c(o)legas	56,25	40,6		3,13
42	r(e)mendo	93,75	6,25			67	b(o)rracha	65,63	12,5	18,75	3,13
55	d(e)svio	25,01		65,65		73	s(o)ldado	40,63	46,9		12,5
72	p(e)mambucano	87,52	6,25		6,25	74	c(o)rreio	93,75			6,25
87	p(e)cado	53,13	28,13			80	adv(o)gado	81,26	15,6		3,13
88	p(e)rdão	84,4	12,5		3,13	82	in(o)cente	50,01	6,26	28,13	
91	p(e)scoço	96,88		3,13	18,75	92	(o)relha	100			
98	d(e)smaio	18,75		71,9	9,38	96	j(o)elho	3,13		96,88	
113	p(e)rfume	81,28	15,66		3,13	115	ass(o)bio	15,63		81,29	3,13
116	p(e)rdida	78,13	6,25		15,63	120	m(o)rreu	93,75	3,13	3,13	

**Quadro II – Realizações da vogal pretônica média anterior e posterior**

Na proposta apresentada por Nascentes, a Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, como já assinalado anteriormente, pertencia ao falar sulista. Cabe ressaltar, entretanto, que, naquele momento, essa região estava iniciando seu processo de desenvolvimento, motivo pelo qual é importante a análise das realizações das vogais /e/ e /o/ em posição pretônica nessa comunidade, com vistas a confirmar ou infirmar a divisão de Nascentes (1953).

Como pôde ser verificado, ocorre nessa região o mesmo fenômeno observado por Silva Neto (1957, p.173) em relação ao falar carioca, ou seja, em algumas unidades lexicais o /e/ e o /o/ se mantêm; e em outros, regularmente se alçam. Vemos, por conseguinte, reforçada a idéia de que há um condicionamento linguístico que interfere na manutenção do [e], [o] ou de [i] [u] pretônicos. Se a vogal tônica é baixa ou média o [e] e [o] são fechados, se alta, produzem-se /ɪ/ e /ʊ/. Para Silva Neto, a variação pode ocorrer até mesmo na fala de uma mesma pessoa, ou seja, pode ocorrer uma variação diafásica: “podem mesmo notar-se na pronúncia da mesma pessoa, uma pronúncia tensa outra distensa: dormir/durmir, etc.” (SILVA NETO, 1957, p. 175).

Os dados desta pesquisa mostraram que, apesar do grande contingente de nordestinos e de nortistas que migraram para essa área geográfica, a maioria dos segmentos fônicos analisados evidenciam realização fechada, exceto em alguns contextos, como, por exemplo, em *terreno, soldado, colegas, botar*, em que se realizam pretônicas abertas, como ocorre em muitas localidades do Nordeste brasileiro. Dessa forma, quanto à existência de vogais pretônicas, a divisão de Nascentes se confirma na região pesquisada.

Além do estudo das vogais pretônicas, observamos outros fenômenos fonéticos marcadores de dialetos, conforme segue.

#### **4.1.2. A monotongação**

A monotongação, isto é, a não realização das semivogais nos ditongos orais decrescentes [ay], [ey] e [ow] é um dos traços fonéticos mais produtivos na amostra analisada neste trabalho. Entretanto, a monotongação não se constitui uma variação diatópica, pois, conforme Aragão (2008, p. 191), ela está presente em todas as regiões do Brasil. Não parece haver interferência de

fatores externos no fenômeno em causa, já que ocorre na fala de qualquer informante, pertença ele ao grupo de jovens ou de idosos, de homens ou de mulheres, mais ou menos escolarizados. Assim, concluímos que o contexto linguístico é que favorece o aparecimento ou o apagamento da semivogal.

Quanto ao uso dos ditongos /ej/ e /aj/ no *corpus* desta pesquisa, predomina a redução. No que diz respeito às variáveis extralinguísticas que governam essas ocorrências, algumas constatações foram feitas. Entre os informantes da Mesorregião Sudeste mato-grossense, os jovens de ambos os sexos, geralmente, mantêm a ditongação, como podemos observar em *caixa* (carta 4), *teia* (carta 39), *peixe* (carta 40), *baixa* (carta 106). Já em *travesseiro* (carta 7), *torneira* (carta 10), *manteiga* (carta 30), a manutenção acontece entre as mulheres; e em *prateleira* (carta 2), entre os idosos de ambos os sexos.

O ditongo /ow/, ao contrário do esperado, manteve a realização em quase 50% da fala dos informantes, como demonstram as cartas 05 (tesoura) e 93 (ouvido). Igualmente, as ocorrências se pontuaram entre os quatro informantes das oito localidades de maneira uniforme.

#### **4.1.3. A desproparoxitonização**

A desproparoxitonização, outro fenômeno recorrente na fala da Mesorregião Sudeste mato-grossense, acontece, também, de forma variável, atingindo vocábulos diferentes em diversas regiões do Brasil. Para Nascentes (1953, p. 62), esse fenômeno ocorre em outras línguas românicas, como no espanhol (hombro-cohombro), no grego (gam'rós-gambrós), ocorreu na passagem do latim ao português (umero-ombro), não se constituindo, para o autor, uma inovação brasileira.

As proparoxítonas se transformam em paroxítonas por três processos distintos, todos baseados em supressão de fonemas posteriores à sílaba tônica. Um dos processos consiste na supressão de uma vogal quando a sequência fônica possibilita a formação de um encontro consonantal perfeito (próprio ou inseparável) com a retirada de apenas um fonema vocálico, como em fósforo – carta 12 (fósfru); pólvora – carta 13 (pólvra); abóbora – carta 28

(abóbora); árvore – carta 34 (arvri). Outro processo é utilizado em vocábulos cuja sílaba que deve ser eliminada, a pós-tônica, é iniciada por [m], [s] ou [r], ou seja, consoantes comuns em final de sílabas travadas. O processo é bastante semelhante: a consoante restante após a supressão da vogal com a qual formava sílaba em posição pós-tônica recua para a sílaba anterior tônica, formando uma sílaba tônica travada, como em córrego – carta léxica 01 (córugu). O terceiro mecanismo consiste na retirada simultânea da vogal da sílaba pós-tônica e da consoante da sílaba que a sucede, como em hóspede – carta 119 (óspi).

Comparando-se o fenômeno em várias localidades, verificamos que ele se processa de forma diferente em cada comunidade, no sentido de não atingir da mesma forma todas as palavras, ou seja, enquanto em uma localidade é comum a desproparoxitonização em uma palavra, em outra ela se apresenta sistematicamente como proparoxítona ou vice-versa.

Nascentes (1953, p. 37) explica que o “horror ao proparoxítono acarreta a síncope das vogais protonicas” e gera formas como: cago (cágado), ginasca (ginástica), porva (pólvora), forgo (fôlego), fosfo ou forque (fósforo), prinspe (príncipe), mascra (máscara), xicra (xícara), entre outras.

Na língua do Nordeste, segundo Marroquim (1934, p. 44), ocorre formas como: briba (víbora), Cirço (Cícero), coigo ou corgu (córrego), musga (música), isprito (espírito), secro (século), Amerca (América), entre outras.

#### **4.1.4. Outros fenômenos observados**

Dentre outros fenômenos fonéticos frequentes na fala dos habitantes da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, podemos citar, ainda, a queda dos fonemas /l/, /r/ e /s/ em posição final, como, por exemplo, nas cartas fonéticas: 22 – *liquidificadô*, 31 – *botá*, 36 – *mntá*, 62 – *trabaiá*, 69 – *azu*; a redução do grupo /nd/ em gerúndios, observada nas cartas fonéticas 23 – *fervenu*, 42 – *remanu*; o alçamento ou apagamento das vogais [e] e [o] átonas finais, fato observado em todas as cartas em que ocorrem as átonas finais /e/ e /o/.

## 4.2 Aspectos semântico-lexicais

As cartas lexicais buscam dar destaque a traços semântico-lexicais de caráter diatópico, diasssexual e/ou diageracional. Analisamos, aqui, algumas variantes cartografadas, escolhidas dentre as áreas semânticas que compõem o ALMESEMT, que podem se configurar como uma fotografia da fala da área pesquisada, considerando, por um lado, os percentuais de variações registrados e, por outro, o processo de povoamento da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso. Com o objetivo de elucidarmos as influências deixadas pela migração, buscamos subsídios em alguns Atlas Lingüísticos brasileiros, em especial, o ALMS (Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul) (OLIVEIRA (org.), 2007) que foi publicado em 2007 e contempla uma rede de pontos de 32 localidades.

Considerando que Mato Grosso e Mato Grosso do Sul já foram um só Estado, realizamos um estudo parcial sobre as correspondências entre o ALMESEMT e o ALMS, a partir de dois quadros que representam as 20 cartas fonéticas (APÊNDICE C) e as 63 cartas lexicais (APÊNDICE D) correspondentes nos dois Atlas.

Além do ALMS, utilizamos o Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963), o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (ZÁGARI, 1977), o Atlas Lingüístico da Paraíba (ARAGÃO, 1984), o Atlas Lingüístico de Sergipe (FERREIRA ET AL, 1987), o Atlas Lingüístico do Paraná (AGUILERA, 1994) e o Atlas Lingüístico de Sergipe II (CARDOSO, 2005).

Dentre as cartas do ALMESEMT, oriundas da área semântica Natureza, selecionamos algumas para fins da análise que segue.

Na carta 07 (Terreno plano onde se planta soja ou algodão), por exemplo, era esperada uma produtividade maior de variantes, visto que as principais atividades agrícolas na Mesorregião Sudeste mato-grossense são a soja e o algodão, produtos cultivados em terrenos planos, nomeados chapadões. No entanto, a maioria dos informantes não conhece o referente, visto que as ocorrências de NR (não respondeu) superaram a segunda, *chapadão*.

A carta 10 (Listas coloridas que aparecem no céu) teve como ocorrência única em todas as localidades, a variante *arco-íris*, havendo variações apenas fonéticas. Essa variante está presente em todos os Atlas consultados; porém, nesses atlas há o registro de outras unidades léxicas para denominar esse conceito.

Para a carta 13 (fumaça que cobre tudo de manhã), os registros mais relevantes foram *neblina* – 53,13%, *neve* – 18,75%, *cerração* – 12,50% e *sereno* – 6%. *Neblina* e *cerração* distribuem-se por toda a área investigada, enquanto a variante *neve* foi mencionada em Dom Aquino, Tesouro, Poxoreo, Guiratinga e Rondonópolis. Já *sereno* foi citada em Tesouro e Guiratinga. A variante *neve* foi localizada, também, no APFB, no EALMG e no ALPB.

A presença da variante *neve* nos atlas consultados e nas localidades investigadas para a elaboração do ALMESEMT é justificável pelo processo migratório pelo qual passou algumas regiões de Mato Grosso, dentre eles, a Mesorregião Sudeste que recebeu migrantes vindos da Bahia, de Minas Gerais e da Paraíba, dentre outros lugares do Brasil, responsáveis pelo povoamento de Dom Aquino, Tesouro, Poxoreo e Guiratinga. A ocorrência dessa variante na fala dos idosos de Rondonópolis se deve, talvez, ao contato permanente entre os habitantes dessas localidades vizinhas. Por sua vez, a variante *sereno* (com /e/ aberto) foi encontrada no EALMG, em toda a área oeste de Minas Gerais.

As cartas relacionadas a estrelas (14 – última estrela a desaparecer de manhã; 15 – primeira estrela a surgir à tarde e; 16 – estrela que se desloca no céu) obtiveram um número reduzido de respostas produtivas. Entretanto, elas foram cartografadas com o intuito de demonstrar as mudanças de comportamento nas pessoas da zona urbana que interferem no conhecimento do mundo rural e, por extensão, no domínio do vocabulário. A vida moderna impõe ao ser humano um distanciamento da natureza, dada a escassez cada vez maior de tempo livre. Dentre os Atlas consultados, a variante *satélite*, correspondente à carta 16 – estrela que se desloca no céu – consta no ALPR e no ALMS.

Das cartas relativas à flora, foi possível relacionar algumas variantes em outros Atlas. A carta 20 (parte de baixo do cacho de bananas) obteve como

variantes mais produtivas *umbigo* e *coração*, generalizadas nas localidades, além de *ingaço*, *maça*, *olho*, *flor*, *pendão* e *botão*. No APFB, encontramos *ingaço* e *coração*; no ALPR, *coração*, *umbigo*, *ingaço* e *flor*.

Para *chapeuzinhos que nascem no chão úmido* – carta 21, registramos, com maiores percentuais, *cogumelo*, *orelha-de-pau*, *casa de sapo* e *sombrinha*. No ALPR, estão registradas as variantes *cogumelo*, *guarda-chuva*, *sombrinha* e *orelha de pau*.

As respostas que geraram as cartas relativas à flora e à fauna eram previsíveis, exceto a ocorrência *náfico* (variante elencada na carta 23), mencionada pelo informante 03 de Campo Verde, para nomear *um cavalo que puxa de uma perna*. Rossi registrou essa variante, no APFB, como unidade lexical que nomeia a *pessoa que tem uma perna mais curta do que a outra*. Nas cartas relativas a peças que se usam no cavalo, a ocorrência de NR também foi significativa, fato que nos surpreendeu, devido ao grande número de fazendas existentes na região.

Da área semântica Homem, destacamos algumas cartas, como, por exemplo, a carta 33. Para o conceito parte que cobre o olho, elencamos, como mais produtivas, as variantes *pálpebras*, *pestana*, *capela* e *capa*. *Pálpebras* foi citada em Rondonópolis, Itiquira e Alto Araguaia, as 03 localidades mais desenvolvidas da mesorregião. *Capa* e *capela* foram mencionadas, sobretudo, por informantes da faixa etária II, em Campo Verde, Dom Aquino, Tesouro e Guiratinga. *Capa*, *pestana* e *capela* também constam no ALPR e no ALMS, embora nesse, a ocorrência de RNP seja muito grande (68,75%).

A carta 37 (parte do corpo feminino com o qual se amamenta) na qual as mulheres mencionam *peito* (linguagem predominantemente feminina nessa área geográfica) e os homens *seios*, sobretudo, os da 2ª faixa etária.

A carta 38 (parte do corpo da mãe onde fica o bebê) registrou *útero*, com maior percentual, na fala de 09 mulheres e de 06 homens, seguido de *bolsa d'água*, apontada somente por mulheres. Em contrapartida, só os homens citaram *barriga* e *bucho*, essa última com certo teor pejorativo. As variantes existentes nos três Atlas do Nordeste (mãe do corpo, senhora do corpo, *bacia* e *companheira*) não foram citadas pelos informantes do ALMESEMT. No ALMS, *bolsa d'água* foi a mais mencionada pelos informantes

A carta 39 (Parte posterior, carnosa, situada acima da coxa) apresentou como respostas *polpa* e *nádegas* na fala dos informantes da 2ª faixa etária, enquanto os jovens preferem *bunda*, *bumbum* e *bundanha*.

A carta 40 (osso redondo do joelho) apresenta, como maior ocorrência, a variante *bolacha*, também localizada no APFB e no ALS I.

A carta 43 (Bolinha que nasce na pálpebra) registrou as variantes *terçol*, *espinha* e *cabecinha de prego*. *Espinha*, registrada no APFB, foi informada em Guiratinga, Tesouro e Poxoreo, três das localidades formadas por migração baiana.

A carta 50 (*pessoa que tem as pernas arqueadas para fora*) chama a atenção pela analogia entre as unidades lexicais e o referente. Os informantes sempre associam o referente “pernas arqueadas para dentro” a alguma outra situação ou objeto. As variantes *Garrincha* e *deixa que chuto* que estão associadas ao futebol, foram citados por informantes do sexo masculino. Já *alicate* e *badoque*, que pertencem ao universo das ferramentas e brinquedos foram citados por mulheres. O APFB cita *cambota* e *cambaio* e o ALMS registrou as mesmas variantes que o ALMESEMT.

A carta 53 (sangue que as mulheres perdem todo mês) teve como variante mais produtiva *menstruação*. Entretanto, *paquete* e *Chico* também foram citadas. A unidade lexical *paquete*, informada pelo jovem de Alto Araguaia, está presente no APFB.

Das brincadeiras infantis, elencamos a carta 111 (Objeto de pau e borracha utilizado para matar passarinho) para uma análise. *Estilingue* foi a forma mais relevante, acompanhada de *funda* (registrada em Campo Verde e Dom Aquino) e *bodoque* (Alto Araguaia). No ALPR estão registradas as mesmas variantes, enquanto no ALS II foram encontradas *badoque*, *bodoque*, *besta* e *funda*. Já no ALMS, as variantes apresentadas são as mesmas do ALMESEMT, exceto *chanha* e *baladeira*.

Outras variantes registradas no ALMESEMT, embora não estejam cartografadas em outros atlas, apontam para uma influência dos povos que formaram essa região. Por exemplo, a variante *guri* para a carta 58 (criança do sexo masculino), e *guria* para a 59 (criança do sexo feminino) são utilizadas pelos gaúchos que habitam a área investigada. A carta 117 (como chama

aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuïrem a velocidade?) registra a variante *tartaruga*, citada pelos informantes de Rondonópolis. Trata-se de um uso comum no interior do Estado de São Paulo, onde os redutores de velocidade têm o formato de pequenas meias esferas que se assemelham a carapaças de tartarugas. *Qui bebe* (carta 84 - Comida feita com carne e mandioca picadinhos), segundo o dicionário Aurélio (2000), é um brasileirismo do Nordeste e designa comida feita de abóbora; porém, dos atlas consultados, consta apenas no ALMS, com uma produtividade de 24,5%, registrada somente na faixa limítrofe com Mato Grosso.

*Maria Isabel* (carta 85 – carne seca com arroz), por sua vez, nomeia um prato preparado à base de arroz e carne seca e não consta em nenhum outro atlas pesquisado. Igualmente, a variante *ossinho da miséria* (carta 42 – ossinho entre a perna e o pé), que apareceu apenas no ALMS, mencionada por um informante que respondeu osso da miséria.

Notou-se, também, que algumas variantes quase não são mais usadas pelos informantes. *Calção* (carta fonética 77), por exemplo, foi substituída pela variante *short*, vinda do inglês; *liquidação* (carta fonética 75), aos poucos está sendo substituída por *queima*, *promoção*; *acompanhante de namorados* (carta léxica 70) está caindo em desuso, visto que os casais atuais têm liberdade para saïrem juntos sozinhos ou acompanhados. *Caramelo* (carta 83 – doce que vem embrulhado em papel colorido, que se chupa) esteve presente na fala de 12,5% dos informantes enquanto *bala* foi respondida por 85% deles.

Em algumas cartas, o registro de NR (não respondeu) foi considerável. Por exemplo, a carta fonética 75 (liquidação / liquidação) obteve um percentual de 62,5% de NR. Dentre as cartas léxicas, temos como exemplos a 15 – primeira estrela a surgir à tarde – 75,0% de NR; a 16 – estrela que se desloca no céu – 28,13% de NR; a 27 – peça de couro do arreamento – 34,38% de NR; a 33 – parte que cobre o olho – 28,13% de NR; a 36 – dentes grandes do fundo da boca – 56,25% de NR; e a 75 – objeto usado para dar sorte – 65,63% de NR. . A causa do alto percentual de não-respostas para as perguntas que geraram essas cartas pode ser atribuída a dois fatores: o desconhecimento do referente por parte do informante, o esquecimento ou o cansaço do informante, nos momentos finais da entrevista.

A amostra registrou, ainda, cartas com pouca ou nenhuma variação, como foi o caso de *televisão* (carta fonética 3), *sal* (carta fonética 24), *rosa* (carta fonética 33), *Brasil* (carta fonética 118), *arco-íris* (carta léxica 10), *canjica* (carta léxica 80), *bolita* (carta léxica 109) e *ônibus* (carta léxica 120).

Realizadas essas observações pontuais acerca dos dados registrados nas cartas fonéticas e lexicais, foi possível verificar que as variações linguísticas em curso ocorrem em decorrência da necessidade de inovação da linguagem e podem acarretar a mudança linguística. Diversos fatores podem estar envolvidos nesse processo, entretanto, o mais provável é que a escola, os meios de comunicação em massa, a viabilidade de transportes sejam os grandes responsáveis por essas transformações. Sabemos, por exemplo, que atualmente as fazendas são verdadeiras empresas, que seus proprietários e empregados estudam, têm acesso à televisão, a jornais, à Internet, o que justificaria as respostas mapeadas nas cartas 102 (*gerente de fazenda*), 104 (*sócio*) e 108 (*diarista*).

Após essas reflexões, chegamos a algumas conclusões: i) as variantes distribuem-se em toda a área investigada de forma bastante irregular e dispersa, o que impede que sejam traçadas cartas isoléxicas; ii) um mesmo informante conhece mais de uma variante para o mesmo conceito, como podemos observar nas notas de verso das cartas e iii) a baixa frequência de algumas unidades lexicais indica que elas estão praticamente em desuso, como calção, questão ou liquidação.

O material coletado para a elaboração do Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso permite análises diversas, tanto no nível fonético quanto no nível lexical, em qualquer campo de estudo da linguagem em uso nessa área. Aqui nos propusemos destacar alguns aspectos fonéticos e lexicais mapeados nas cartas linguísticas que compõem o atlas apresentado no volume II desta Dissertação, que será complementada posteriormente com artigos e comunicações em eventos científicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho representa o produto de uma trajetória acadêmica que tracei quando me propus a aceitar o desafio de fazer um atlas linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso. Aceitei o desafio, sem ter ainda muita ciência que descrever a realidade linguística em uma região como essa significaria levar em conta a visão de mundo de outros povos que se fazem presentes em cada recanto dessa faixa de território, com suas manifestações culturais, suas danças, suas comidas, seus gestos, suas vozes.

Ao procurar registrar a fala desse lugar, não poderia deixar de situá-la num contexto maior e mais conhecido da história brasileira. Por isso, começamos resgatando o processo de povoamento, ressaltando fatos que direta ou indiretamente influenciaram as descobertas, desbravamentos e ocupação da região do velho leste mato-grossense.

Considerando que o objetivo principal deste trabalho foi investigar diversidades linguísticas, sob uma perspectiva pluridimensional, buscamos respaldo na Dialetologia e na Geolinguística contemporâneas. Enquanto a primeira adota uma metodologia apurada para a recolha dos dados, a segunda, enquanto método de cartografia das variedades linguísticas colhidas na oralidade, fornece parâmetros para o mapeamento dessas variantes por meio de atlas linguísticos.

O recorte realizado possibilitou-nos observar e documentar a realidade linguística de uma comunidade naturalmente heterogênea, visto que recebeu uma população diversificada, oriunda de diversas regiões do Brasil. Assim, verificamos que não há, na variedade descrita para essa área geográfica, peculiaridades que caracterizam a comunidade, ou marcas linguísticas que a individualizam, ou seja, os fenômenos linguísticos registrados no Atlas podem ser encontrados em outras regiões do País. Os traços fonéticos e lexicais da fala dos gaúchos se misturam com os traços dos mineiros, dos baianos, dos paulistas, dos cearenses, dos maranhenses, enfim, seja por maior expressão numérica ou por pertencer a um grupo social privilegiado, nenhum grupo impôs sua variedade linguística na Mesorregião Sudeste de Mato Grosso.

Cunha (1970, p.53) explica que a migração interna no Brasil produziu uma alteração profunda no tabuleiro linguístico regional e que por isso se deve considerar que

A inexistência de fronteiras dialetais definidas não implica a inexistência de dialetos, bem como os falares, não são coisas concretas, não correspondem a um território delimitado, no qual se esgotam os seus múltiplos traços linguísticos. Não há talvez dialeto ou falar que não tenha traços comuns a outros; porém, o que dá fisionomia própria a cada um não são os caracteres isolados, que podem separá-lo ou aproximá-lo de dialetos ou falares contíguos ou distantes, mas o conjunto de traços que apresenta e que nenhum outro reproduz totalmente.

Ao invés de uma marca linguística individual, temos, na Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, um conjunto de traços inovadores e conservadores que se combinam e acabam por caracterizar a comunidade em questão.

Os fenômenos linguísticos que acabamos de registrar representam a norma da Mesorregião Sudeste mato-grossense ou “la realización ‘coletiva’ del sistema, que contiene el sistema mismo y además, los elementos funcionalmente ‘no-pertinentes’ pero normales en el hablar de una comunidad” (COSERIU, 1973, p.97) que acaba por definir o que é, ou melhor, como está o português falado nessa faixa de território do Mato Grosso, no início do século XXI.

Pela análise de alguns dados cartografados, verificamos que, por um lado, as variações atingem todos os níveis sociais e todas as faixas etárias, pois um mesmo fenômeno ocorre em várias localidades, com diversos informantes, por outro, o uso de uma determinada variante pode funcionar como marca de uma geração.

Marcadores de gerações, ou conservadorismos, no sentido de arcaísmos, podem ser exemplificados com a variante *picumã* (carta 96 – mancha na parede ou no teto, acima do fogão à lenha), cujo referente não está mais presente na vida da maioria dos jovens que moram na zona urbana e que cozinham em fogões a gás; *capa do olho* (carta 33 – parte que cobre o olho) ou *funda* (carta 111 – objeto feito com pau e borracha, usado, geralmente, para matar passarinhos). Essas e outras variantes, registradas na fala dos informantes da segunda faixa etária, raramente aparecem na fala dos jovens. Esse fato se justifica à medida que as comunidades investigadas são

pequenas, com resquícios rurais, cujos habitantes mais velhos conservam alguns hábitos trazidos do meio rural, enquanto os jovens adquirem os hábitos e a linguagem impostos pela mídia e pelo grupo ao qual pertence.

A premissa que norteou este estudo se confirma, isto é, o processo migratório do qual gerou a população dessa região do Mato Grosso influenciou a linguagem: a variedade lingüística local evidencia a presença da fala registrada em outras regiões do Brasil, como ficou constatado na comparação do Atlas, produto desta pesquisa, com outros Atlas lingüísticos, sobretudo o APFB e o EALMG. Como demonstra o Quadro I, do Capítulo I, a grande leva de migrantes vindos para essa região à procura de diamantes no início do século XX procede da Bahia e de Minas Gerais, seguidos de Goiás, do Maranhão e de outras regiões.

Algumas variantes mapeadas no Atlas podem se configurar marcas de regionalismo do Mato Grosso, como, por exemplo, *ossinho da miséria* (carta 42) e *Maria Isabel* (carta 85). *Ossinho da miséria* foi localizado somente em um informante do ALMS, como já elucidamos. Entretanto, O dicionário Aurélio (FERREIRA, 2000) registra a variante *osso do vintém*, como brasileirismo do Ceará. Talvez a variante mato-grossense seja uma analogia a essa outra, visto que na região há um grande contingente de cearenses. Dessa maneira, o ALMESEMT mapeou formas lingüísticas que denunciam influências de outras regiões do Brasil que aqui se fizeram presentes em diversos momentos da história.

O estudo comparativo com as cartas do ALMS validou a hipótese de que o índice de variação na fala dessas áreas geográficas é mínimo e que a linguagem de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul em muito se assemelham. Essa aproximação lingüística se justifica pelo fato de os dois Estados já terem sido um Estado uno, o que lhes confere a manutenção de um repertório lexical que os aproxima.

Além dessas considerações, destacamos que, para uma descrição lingüística diatópica fidedigna, a Dialetoлогия e, conseqüentemente, a Geolingüística deve associar-se a outros ramos de estudo como, por exemplo, a Antropologia e a História, pois os fenômenos dialetais muitas vezes se explicam pela forma de colonização das regiões estudadas.

O contato direto com os informantes permitiu conhecer um pouco da vida e da cultura de cada um deles e descortinar a história individual desse povo humilde, mas solidário e sonhador.

Reportando-nos ao poema de Manoel de Barros, apresentado como epígrafe, no início deste volume, não foi nossa intenção, com este trabalho, modificar ou ensinar aos habitantes dessa mesorregião qual é a norma a ser usada, mas sim, descrever como o habitante da área investigada nomeia a natureza e os objetos e comportamentos que permeiam a sua vida.

O volume II contém, de forma concreta, o produto, isto é, o resultado do que foi pesquisado e consolidado durante os dois anos do Mestrado: as cartas linguísticas da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso.

## REFERÊNCIAS

ABRÃO, B. S. *A História da Filosofia*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

AGUILERA, V. de A. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba-PR, 1994.

ALMEIDA, M. M. S; COX, M. I. P. (org.). *Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

ALVAR, M. Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. *Nueva revista de Filología Hispánica*, 1961, p. 56-75.

\_\_\_\_\_. *Manual de Dialectología hispánica: El español e España*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4 ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1981.

ARAGÃO, M. S. S.; MENEZES, C. P. B. *Atlas lingüístico da Paraíba: Cartas léxicas e fonéticas - V 1. Análise das formas e estruturas lingüísticas encontradas - V2*. Brasília: CNPq/UFPB, 1984.

\_\_\_\_\_. Avaliação dos procedimentos metodológicos nas entrevistas definitivas: os questionários. In: AGUILERA, V. de A.; MILANI, G. A.; MOTA, J. A. (Orgs). *Documentos I - Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2004 a, p. 63-69.

\_\_\_\_\_. Técnicas de transcrição fonética. In: AGUILERA, V. de A.; MILANI, G. A.; MOTA, J. A. (Orgs). *Documentos I - Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2004 b, p. 106 – 123.

\_\_\_\_\_. Convergências fonéticas no falar da Paraíba e do Ceará. In: ISQUERDO, A.N. (org). *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o Português – Brasil e Portugal*. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2008, p. 181-200.

BAXTER, MI. *Garimpeiros de Poxoreo*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

BIDERMAN, M. T. C. Teoria Linguística (Linguística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: LCT (Livros Técnicos e Científicos, 1978).

BRANDÃO, S. F. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CÂMARA JR, J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

CARDOSO, S. A. M. Sergipe: um estado com dois atlas. In: AGUILERA, V. (org.) *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Editora da UEL, 2005, p. 101-135.

\_\_\_\_\_. Atlas Lingüístico de Sergipe – Vol. I e II. Salvador: EDUFBA, 2005.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a Dialectologia. In: ISQUERDO, A. N. (Org.) *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil-Portugal*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008, p. 15-31.

CASCUDO, L. da C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1984.

CHAMBERS, J. K; TRUDGILL, P. *La Dialectologia*. Madrid: Visor Libros SL, 1994.

CINTRA, L. F. L. *Estudos de Dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá de Costa, 1983.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença, 1979-a.

\_\_\_\_\_. *Teoria da Linguagem e Linguística Geral*. Rio de Janeiro/ São Paulo, Presença/ EDUSP, 1979-b.

\_\_\_\_\_. *O Homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.

CRUZ, M. L. de C. *Atlas Lingüístico do Amazonas*. Tese de doutorado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

CUNHA, C. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1970.

CUNHA, J. M. P. da. *Migração e Transformações Produtivas na Fronteira: o caso de Mato Grosso*. Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT MIG ST33 Cunha texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST33_Cunha_texto.pdf) acessado em 13/06/2007 às 10:00. Acesso em 10/05/2007.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. [direção e coordenação geral da tradução Izidoro Blikstein]. São Paulo: Cultrix. 2006.

ENANURÉW, M. B. *Os Bororo na História do Centro Oeste Brasileiro 1716 – 1986*, Missão Salesiana de Mato-Grosso, Campo Grande MS, 1986.

FERREIRA, A. B. de. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro, 2000.

FERREIRA, C. S; MOTA, J. A.; FREITAS, J. M. de A; ANDRADE, N. M. C.; CARDOSO, S. A. M; ROLLEMBERG, V. L. S; ROSSI, N. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador; UFBA/ Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA C. S; CARDOSO, S. M. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, C. Atlas Prévio dos Falares Baianos. In: AGUILERA, V.A (org.) *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da UEL, 1998, p. 15-30

FERREIRA, J. C. V. *Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá: Editora Buriti - SEDUC, 2001.

\_\_\_\_\_ ; SILVA, J. de M. *Cidades de Mato Grosso: Origem e significado de seus nomes*. Cuiabá: Memória Brasileira, 2008.

FERREIRA, M. B. Retrospectiva da Dialectologia Portuguesa. In: *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, n. 12: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, dezembro de 1994, p. 108-118.

\_\_\_\_\_. Língua e patrimônio: a palavra como lugar de onde se vê o mundo. In: ISQUERDO, A. N.(org.). *Estudos linguísticos e dialetais sobre o português: Brasil-Portugal*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2008, p. 289-311.

FRANÇA, J. L.; VASCONCELOS, A. C. de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

GIRALDO, J. J. M. Lengua, Dialecto e Norma. In: *Thesaurus, Boletim Del Instituto C. Y Cuervo*, Bogotá, XXXV, 1980. p. 237-257.

GUIMARÃES, T. B. *Atlas Linguístico de São Francisco do Sul*. Tese de Doutorado defendida na Universidade Estadual de Londrina, 2008.

HIGA, T. C. S; MORENO, G.(orgs.). *Geografia de Mato Grosso: território, sociedade, ambiente*. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

HOUAISS, A. *O português no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

HOIJER, H. Linguagem e escrita. In: SHAPIRO, H. L. (org). *Homem, Cultura e Sociedade*. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982, p. 283-311.

ISQUERDO, A. N. Processos metodológicos nas entrevistas definitivas: o entrevistador. In: AGUILERA, V. de A.; MILANI, G. A.; MOTA, J. A. (Orgs). *Documentos I - Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2004-a, p. 45-54.

\_\_\_\_\_ De Nascentes ao ALiB: a propósito da definição da rede de pontos em pesquisas geolinguísticas. In: *Anais do II Encontro Nacional do Grupo de estudos de linguagens do Centro-Oeste (GELCO)*. Integração linguística, étnica e social. Brasília - DF: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004-b. V. I. p. 398-406.

\_\_\_\_\_ Atlas regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas In: AGUILERA, V. de A. (Org.) *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Editora da UEL, 2005, p. 333-356.

\_\_\_\_\_ *Pontos de inquéritos dos atlas linguísticos no Brasil: tecendo e interligando as redes. Actas del XIV Congreso Internacional ALFAL, 17 al 21 de octubre de 2005, Monterrey – México. Publicado em CD ROM, Santiago do Chile, 2006.*

KOCH, W; KLASSMANN, M. S; ALTENHOFEN, C.V. *Atlas Linguístico Etnográfico do Sul do Brasil*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/ Ed. UFSC/UFPR, 2002.

LABOV, W. *Sociolinguistique*. Paris: Les Editions de Minuit, 1976.

LEITE DE VASCONCELLOS, J. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. 3 ed. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

LEITE, M. Q. Variação linguística: dialetos, registros e norma linguística. In: SILVA, L. A. da (org). *A língua que falamos: português: história, variação e discurso*: São Paulo; Globo, 2005, p.183-210.

LEITE, Y. ; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. 3ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LOPE, J.L. La sociolinguística y La dialetologia hispânica. In: ALVAR, Manoel; BLANCH, J.L. (orgs.) *En torno a La sociolinguística*. México: Instituto de Investigaciones filológicas, 1978, p. 33-58.

LOUREIRO, R. *Cultura mato-grossense: festas de santos e outras tradições*. Cuiabá-MT: Entrelinhas, 2006.

LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002, p.63-92.

MAITELLI, G. T. A Hidrografia no contexto regional. In: MORENO, G.; HIGA, T. C. S.. (orgs). *Geografia de Mato Grosso: território, sociedade e ambiente*. Cuiabá: Entrelinhas, 2005, p. 272-287.

LOBO, T. Variantes nacionais do português. *O Foco* – n.º 12- Lisboa, 1994.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

MATTOS E SILVA, R. V. De fontes sócio-históricas para a história social da linguística no Brasil. In: MATTOS E SILVA, R.V. (org). *Para a história do português brasileiro*. Vol. II. Tomo II. Primeiros estudos, 2001, p. 127-178.

MORENO, G.; HIGA, T. C. S. (orgs). *Geografia de Mato Grosso: território, sociedade e ambiente*. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs). Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: *Documentos 2 - Projeto Atlas Linguístico do BRASIL – AliB*. Salvador: Quarteto, 2006, p.15-26.

MOUTON, P. G. Dialectologia y cultura popular. Estado de La cuestión. In: *Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares*. Tomo XLII. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Instituto de Filología, 1987, p. 49-74.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2.<sup>a</sup> ed. completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

\_\_\_\_\_. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958.

OLIVEIRA, D. P. de (org.). *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

OLIVEIRA, A. M. P. Os brasileirismos na língua portuguesa. In: ISQUERDO, A. N. *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil – Portugal*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008, p. 233-245.

ORTÊNCIO, Waldomiro Bariani. *Dicionário do Brasil Central: subsídios à filologia*. São Paulo: Ática, 2001.

PETTER, M. Linguagem, Língua, Linguística. In: FIORIN, J. L. *Introdução à linguística* (org.). São Paulo: Contexto, 2002. p. 11-24

RECTOR, M. (org.). *Questionário básico de trabalho de campo linguístico. Revisão crítica do questionário do Atlas Linguístico de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.

REIS, R. C. P. *Atlas linguístico do município de Ponta Porã – MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai – vol. I*. Dissertação de Mestrado. Três Lagoas - MS, 2006.

RIBEIRO, J. *História do Brasil*. 14. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1950.

ROSSI, N. Atlas prévio dos falares baianos. UFBA. Instituto Nacional do Livro. MEC, 1963.

ROSSI, N. "A Dialectologia". *Revista ALFA*, 11, 1967, Marília- SP. 89-116

SANTOS, I. P. dos. Técnicas de transcrição grafemática para o ALiB: reflexões. In: AGUILERA, V. de A.; MILANI, G. A.; MOTA, J. A. (Orgs). *Documentos I - Projeto Atlas Linguístico do BRASIL – ALiB*. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2003, p. 125-137.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEGURA, L. O atlas linguístico-etnográfico dos açores. Dados para uma classificação dos dialetos açorianos. In: ISQUERDO, A. N. *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil - Portugal*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008, p. 249-272.

SILVA, C. T. Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, J. V. *Um breve relato da formação populacional (século XVII ao XX)*. Cuiabá: KCM, 2007.

SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2.<sup>a</sup> ed. melhorada e ampliada. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SIQUEIRA, E. M. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá-MT: Entrelinhas, 2002.

SLOMOWZINSKY, A. *Projeto Conhecer Mato Grosso: geografia de Mato Grosso*. Rondonópolis: Editora UFMT-SEC, 2007.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 7ed. São Paulo: Ática, 2006.

THUN, H. *La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. Palermo, 1995.

\_\_\_\_\_. et al. *El atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU)*. Presentación de un Proyecto. Iberoromânica, 3. Tübingen, 2662, 1997.

\_\_\_\_\_. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: VERLAG, M. N. (org). *Actes du XXII<sup>e</sup> Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes: Vivacité et diversité de la variation linguistique*. Vol. III. Bruxelles, juillet 1998.

\_\_\_\_\_. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. *Estudos de variação linguística no Brasil e Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p. 63-92.

TOMANIN, C. R. *Fotografias da fala de Alto Araguaia-MT*. Dissertação de Mestrado. Campinas-SP, 2003.

VIEIRA, I.G. Um balanço crítico da geografia linguística no Brasil. In: GARTNER, E. *Estudos de Geolinguística do português americano*. Frankfurtan main: TFM, 2000 (biblioteca luso-brasileira; vol. 18)

XAVIER, J. da C. *O Poxoreo e o Garças: a saga dos garimpeiros*. Cuiabá: Edições Calendário do Sol, 1999.

RIBEIRO, J; ZÁGARI, M. R; PASSINI, J; GAIO, A. P. Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. Rio de Janeiro: FCRB, 1977.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. de A. (Org.) *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da UEL, 1998, p. 31-77

WALTER, H. Diversidade fonológica e comunidade Linguística. In: MARTINET, J et al. *Da teoria linguística ao ensino da língua*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1979.

WEEDWOOD, B. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

[www.ibge.gov](http://www.ibge.gov) . Acesso em 04/06/2007 e em 12/08/2008

<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartogramas/mesorregiao.html>

Acesso em acesso em 08/04//2008

<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=mt>. Acesso em 14/06/2007

[www.altoaraguaia.mt.gov.br](http://www.altoaraguaia.mt.gov.br) . Acesso em 06/09/2007

[www.biblioteca.ibge.gov.br](http://www.biblioteca.ibge.gov.br) . Acesso em 10/09/2007

## ANEXO – FICHA DO INFORMANTE

<b>ATLAS LINGÜÍSTICO DA MESORREGIÃO SUDESTE DE MATO GROSSO</b>	
<b>FICHA DO INFORMANTE</b>	
<b>Nº do ponto:</b>	<b>Nº do informante:</b>

<b>DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE</b>
-------------------------------------

1- NOME:	2- ALCUNHA:
3- DATA DE NASCIMENTO:	4- SEXO: M ( ) F ( )
5- IDADE:	6- ENDEREÇO:
7- ESTADO CIVIL: solteiro ( ) casado ( ) viúvo ( ) outros ( )	
8- NATURALIDADE:	9- COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)
10- DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANENCIA FORA DA LOCALIDADE:	
11- ESCOLARIDADE:	12- OUTROS CURSOS: A. ( ) especialização      B. ( ) profissionalizante      C. ( ) outros
13- NATURALIDADE: A- Da mãe: B- Do pai: C- Do cônjuge:	14- FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS?  A- sim ( )      B- não ( )
15- EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A- da mãe adotiva:  B - do pai adotivo:	
16- ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SOCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE)	
17- OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:	18- PROFISSÃO: A- Do pai: B- Da mãe: C- Do cônjuge:
<b>RENDA</b>	
19- TIPO DE RENDA:    A- ( ) individual      B- ( ) familiar	

<b>CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO</b>
--

20- ASSISTE TV? A- ( ) Todos os dias B- ( ) Às vezes C- ( ) nunca	21- PROGRAMAS PREFERIDOS A- ( ) Novelas                      E- ( ) Pr. Religioso B- ( ) Esportes                      F- ( ) filmes C- ( ) Pg. auditório                  G- ( ) outro D- ( ) noticiários
22- TIPO DE TRANSMISSÃO: A- ( ) Rede gratuita B- ( ) Parabólica C- ( ) TV por assinatura	23- OUVE RÁDIO? A- ( ) todos os dias                      E- ( ) parte do dia B- ( ) às vezes                              F- ( ) o dia inteiro C- ( ) nunca                                  G- ( ) enquanto viaja D- ( ) enquanto trabalha
24- PROGRAMAS PREFERIDOS: A- ( ) noticiário geral      E- ( ) esportes B- ( ) religioso                  F- ( ) c/ participação do ouvinte	25- LÊ JORNAL? A- ( ) todos os dias B- ( ) às vezes

C- ( ) música	G- ( ) outro	C- ( ) nunca
D- ( ) noticiário policial		D- ( ) semanalmente
		E- ( ) raramente
26- NOME DO JORNAL: _____	27- SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A- ( ) editorial E- ( ) política B- ( ) esportes F- ( ) página policial C- ( ) variedades G- ( ) classificados D- ( ) pr.cultural H- ( ) outra	
A- ( ) Local B- ( ) estadual C- ( ) nacional		
28- LÊ REVISTA? - ( ) às vezes B- ( ) semanalmente C- ( ) mensalmente D- ( ) raramente F- ( ) nunca		
29- NOME /TIPO DA REVISTA: _____		

ARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES				
EVENTO	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30- CINEMA	A- ( )	B- ( )	C- ( )	D- ( )
31- TEATRO	A- ( )	B- ( )	C- ( )	D- ( )
32- SHOWS	A- ( )	B- ( )	C- ( )	D- ( )
33- MAN. FOLCLÓRICAS	A- ( )	B- ( )	C- ( )	D- ( )
34- FUTEBOL	A- ( )	B- ( )	C- ( )	D- ( )
35- OUTROS ESPORTES	A- ( )	B- ( )	C- ( )	D- ( )
36- OUTROS	A- ( )	B- ( )	C- ( )	D- ( )
37- QUE RELIGIÃO OU CULTO PRATICA? _____				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA
38- CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A- ( ) tímido B- ( ) extrovertido C- ( ) perspicaz D- ( ) sarcástico
39- ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO A- ( ) total B- ( ) grande C- ( ) média D- ( ) fraca
40- POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A- ( ) cooperativa B- ( ) não cooperativa C- ( ) agressiva D- ( ) indiferente
41- CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A- ( ) 'A' B- ( ) 'B' C- ( ) 'C' D- ( ) 'D'
42- GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A- ( ) grande B- ( ) médio C- ( ) pequeno D- ( ) nenhum
43- INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES A- ( ) sim B- ( ) não
44- CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S)          
45- AMBIENTE DO INQUÉRITO: _____

46- OBSERVAÇÕES:		
47- NOME DO ENTREVISTADOR:	48- LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE:  UF:	49- DATA DA ENTREVISTA:
		50- DURAÇÃO:

# APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

## ATLAS LINGÜÍSTICO DA MESORREGIÃO SUDESTE DE MATO GROSSO (ALMESEM)



QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO

MARÇO

2008

## QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO

### 1 - FONÉTICO-FONOLÓGICO

1. **CASA**

- Qual é o tipo de moradia mais comum aqui na região?

2. **TERRENO**

- Onde se constrói uma casa? (o que é preciso para construir uma casa?)

3. **PRATELEIRA**

- ...aquilo assim (*mímica*), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos no supermercados, mercearia?

4. **TELEVISÃO**

- ...Aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?

5. **CAIXA**

- Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?

6. **TESOURA**

- ...o objeto com que se corta tecido?

7. **CAMINHA (SUBST)**

- Um copo pequeno é um copinho. E aquele lugar onde a pessoa se deita para dormir, se for pequeno, como se chama?

8. **TRAVESSEIRO**

- ...aquilo que a pessoa recosta a cabeça para dormir na cama?

9. **LUZ**

- Quando se está escuro é porque faltou o quê? (quando falta energia é porque ficou sem...)

10. **LÂMPADA**

Aquilo que se acende para clarear a casa e, se estiver queimada, a casa fica no escuro?

(Quando tem problema com a luz, que queima, como é que se chama aquilo que precisa trocar?)

11. **ELÉTRICO**

- Antigamente, para passar a roupa, usava-se ferro a brasa. Hoje, qual o tipo de ferro que se usa?

12. **TORNEIRA**

- ...aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?

13. **ÍMÃ**

- ...aquilo que atrai objetos pequenos de metal, como agulha, prego, alfinete?

14. **FECHA**

- Para que a porta não fique aberta, se diz: Fulano, \_\_\_\_\_ a porta.

15. **FÓSFORO**

- Aquilo que se usa (mímica) para acender o fogo?

16. **FUMAÇA**

- ...aquilo que sai do fogo, em fogo de lenha, de carvão, e que, em uma fábrica, sai pela chaminé?

17. **PÓLVORA**

- Aquilo que se coloca nos fogos/foguetes para que eles estourem?

18. **VARRER**

- Para Limpar o chão, o que é que é preciso fazer? (mímica)

19. **ALMOÇO**

- ...uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas?

20. **RUIM**

- Uma comida pode estar boa ou...

21. **ARROZ**

- O que se come no almoço, uns grãos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?

22. **GORDURA**

- A carne de porco não é magra porque tem ...

23. **GRELHA**

- Uma pequena grade de metal ou de ferro, que se coloca em cima da churrasqueira ou da brasa, para assar carne, frango, etc.?

24. **PENEIRA**

- Aquele objeto que se usa na cozinha para passar (mímica) farinha?

25. **COLHER** (subst.)

- A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? O que é que se usa para tomar sopa?
26. **LIQUIDIFICADOR / LIQUIDIFICADOR**
- ...um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco, etc.?
27. **FERVENDO**
- Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?
28. **SAL**
- O que é preciso colocar na carne para temperar?
29. **CEBOLA**
- Um tempero de comida que quando se está cortando se chora?
30. **TOMATE**
- Aquilo vermelho que vende na feira, que se faz salada ou que se usa para preparar o molho do macarrão?
31. **CASCA**
- Para comer uma banana, o que é que se tira?
32. **ABÓBORA**
- ...aquilo que dá no chão, grande (mímica), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que cozinha para comer, pra fazer doce?
33. **CLARA**
- No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca?
34. **GEMA**
- E a parte amarela?
35. **MANTEIGA**
- Aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?
36. **BOTAR**
- Quando o feijão está seco, a pessoa que está cozinhando vai \_\_\_\_\_ (mímica) Água dentro. (quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai \_\_\_\_\_ ovo.)
37. **BONITO**
- Qual o contrário de feio?
38. **ROSA**
- ...aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinhos?
39. **ÁRVORE**

O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?

40. **PLANTA**

- Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? (só colhe quem ...?)

41. **QVELHA**

- ...a fêmea do carneiro?

42. **CAVALO**

- ...aquele animal que serve para transportar pessoa de um lugar para outro? *Obter a forma inserida em contextos mais amplos.*

43. **MONTAR**

- Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer? (*mímica*)

44. **ABELHA**

- ...um inseto que carrega o pólen das flores, que vive em colméias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio?

45. **MEL**

- E o que a abelha fabrica?

46. **BORBOLETA**

- ...Um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?

47. **TEIA**

- ...aquilo que a aranha faz nas paredes?

48. **RATO**

- ...o bichinho que o gato caça?

49. **ELEFANTE**

- ...um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (*mímica*)?

50. **PEIXE**

- O que é que se pesca nos rios, no mar?

51. **CANOA**

- ...uma embarcação feita de madeira ou de tronco de árvore, utilizada para a navegação em rios, principalmente por índios, por pessoas que moram em lugares próximos de rios?

52. **REMANDO**

- Quando se faz assim (*mímica*) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?

53. **FAZENDA**

- ... Uma propriedade grande onde se cria gado, planta café, soja, algodão, milho...
54. **AFTOSA**
- ...uma doença que dá no gado, em geral na boca? Dá uma febre. Se não separar o gado doente, ela pega nos outros. É preciso vacinar o gado para não ter essa doença.
55. **NOITE**
- Quando fica escuro e as pessoas vão dormir é a\_\_\_?
56. **DIA**
- E depois da noite, o que é que vem?
57. **ANO**
- De janeiro a dezembro se diz que se passou quanto tempo? (como se chama o período de doze meses?)
58. **SOL**
- ...aquilo que brilha no céu, de dia?
59. **AMANHÃ**
- ...o dia que vem depois de hoje? (o que não deu para acabar hoje se deixa para \_\_\_?)
60. **SÁBADO**
- ...o dia que vem depois da sexta-feira?
61. **CALOR**
- No inverno faz frio. E no verão?
62. **TARDE**
- Qual é o contrário de cedo?
63. **TRÊS**
- O que é que vem depois do dois?
64. **DEZ**
- O que é que vem depois do nove?
65. **CATORZE/QUATORZE**
- O que é que vem depois do treze?
66. **NÚMERO**
- Quatorze não é uma letra, é o quê?
67. **ESTRADA**
- Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?
68. **POÇA**
- ...aquela água da chuva que fica parada num buraco da rua ou no meio da estrada?

69. **DESVIO**

- Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?

70. **PLACA**

- O que é que se põe nas estradas para indicar as direções, avisar de desvios? O que é que se põe nos pára-choques dos carros para identificar, uma coisa assim (mímica), com números?

71. **BICICLETA**

- Aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?

72. **PNEU**

- Aquilo que o que o carro tem: preto, redondo, se passar por um prego, fura e se esvazia?

73. **VIDRO**

- De que material são feitas as janelas, os pára-brisas dos carros?

74. **SEGURO**

- Quando uma pessoa compra um carro e quer se prevenir de um prejuízo grande (um roubo, uma batida), procura um corretor e faz o quê?

75. **PASSAGEM**

- Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, como se chama aquilo que se tem que pagar para poder viajar?

76. **REAL/REAIS**

- E quanto é que se paga para viajar daqui a \_\_\_\_\_? (dizer o nome de uma cidade próxima)

77. **MUITO**

- Qual é contrario de pouco?

78. **DEVE**

- Você /o (a) senhor (a) pediu emprestado 500 reais a alguém e não pagou. A pessoa vai a você /ao senhor/ à senhora e diz: Fulano, você me \_\_\_\_\_ 500 reais.

79. **OBRIGADO**

- Alguém lhe empresta uma coisa, um dinheiro. Quando o senhor/você vai devolver, você, o (a) senhor (a) agradece. Como é que você diz?

80. **TRABALHAR**

- Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?

81. **EMPREGO**

- Para trabalhar e ganhar dinheiro, é preciso procurar o que? (quando uma pessoa é mandada embora do trabalho, ela perdeu o\_\_\_\_\_?)

82. **INÍCIO**

- Quando uma coisa está terminando, se diz que está no fim. E quando está começando, como é que se diz?

83. **PREFEITO**

- Quem se elege para dirigir uma cidade?

84. **ESCOLA**

- Onde as crianças vão para aprender a ler?

85. **COLEGAS**

- O que as pessoas que trabalham juntas são umas das outras?

86. **GIZ**

- ...aquilo branquinho, assim (mímica), que serve para escrever no quadro, na escola?

87. **BORRACHA**

- ...aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?

88. **RAŞGAR**

- Fazer assim (mímica) em um papel é\_\_\_\_\_?

89. **AZUL**

- Que cor é esta? (mostrar)

90. **BRASIL**

- ...o nosso país?

91. **BANDEIRA**

- ...aquilo que representa o Brasil, que é verde, amarelo, azul e branco?

92. **PERNAMBUCANO**

- Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?

93. **SOLDADO**

- ...a pessoa que usa farda, que vive em quartel? (tem o tenente, o sargento e depois o que é que vem?)

94. **CORREIO**

- Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?

95. **LIQUIDAÇÃO/ LIQÜIDAÇÃO**

- De vez em quando, as lojas querem vender toda a mercadoria para acabar com o estoque, então baixam muito os preços. O que é que elas fazem?

96. **CINEMA**

- Aonde vai para ver um filme?

97. **DEFESA**

- No futebol, os jogadores que não jogam no ataque onde é que jogam? (numa luta, quem não está no ataque está na \_\_\_\_\_ ?

98. **CALÇÃO**

- Os jogadores de futebol aqui (*apontar*) aqui usam camiseta. E aqui (*apontar*) o que é que usam?

99. **UNIÃO**

- Para vencer uma guerra, para fazer uma greve, ganhar um jogo, é preciso que todos fiquem juntos, e preciso que haja o quê? (há um ditado que diz: onde há \_\_\_ há força).

100. **COMPANHEIRO**

- Na escola, em um time de futebol, o que as pessoas são umas das outras? (quando duas pessoas não são casadas e moram juntas, uma é o que da outra?

101. **ADVOGADO**

- Que profissional se pode contratar para defender os interesses na justiça?

102. **QUESTÃO / QÜESTÃO**

- Quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram um juiz para resolver a \_\_\_\_\_? (Quando você /o (a) senhor (a) não quer uma coisa, você /o (a) senhor (a) diz: eu não faço \_\_\_\_\_).

103. **PEGO**

- Um ladrão sai correndo e um policial sai atrás e consegue pegar o ladrão. Você / o(a) senhor)(a) diz: o ladrão foi \_\_\_\_\_ pela polícia.

104. **INOCENTE**

- Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?

105. **CERTO**

- Qual é o contrário de errado?

106. **MENTIRA**

- Uma pessoa lhe conta um fato que você acha que não é verdade. Você diz que é uma \_\_\_\_\_?
- 107. **PROCISSÃO**
  - Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?
- 108. **SANTO ANTÔNIO**
  - ...o santo casamenteiro que se festeja a 13 de junho?
- 109. **PECADO**
  - Deixar de obedecer às leis de Deus é cometer o quê?
- 110. **PERDAO**
  - Quando se comete uma falta grave, o que é que se pede a Deus?
- 111. **COROA**
  - ...Aquilo que os reis colocam na cabeça? (mímica)
- 112. **OLHO** (subst.)
  - ...isto? (*apontar*)
- 113. **PESCOÇO**
  - ...esta parte? (*apontar*)
- 114. **ORELHA**
  - ...esta parte? (*apontar*)
- 115. **OUVIDO**
  - E esta parte aqui dentro (*apontar*) que tem que limpar com um algodão em um palito ou um cotonete?
- 116. **DENTE**
  - E isto? (*apontar*)
- 117. **PEITO**
  - Onde a criança mama na mãe?
- 118. **FÍGADO**
  - ...o órgão que fica aqui (*apontar*), que adocece se a pessoa bebe demais, se teve uma malária?
- 119. **CORAÇÃO**
  - Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?
- 120. **COSTAS**
  - Aqui (*apontar*) é a frente, e aqui é (*apontar*)?

121. **UMBIGO**  
– ...aquele buraquinho que se tem no meio da barriga?
122. **JOELHO**  
– ...e esta parte? (apontar)
123. **FERIDA**  
– Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?
124. **CASPA**  
– ...uma coisinha branca que dá na cabeça da pessoa?
125. **BANHO**  
– Quando se está sujo, suado, o que é que se toma?
126. **DESMAIO**  
– Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?
127. **VÔMITO**  
– O que é que a pessoa faz sair da boca, quando comeu e a comida fez mal?
128. **HOMEM**  
– Adão foi o primeiro ...?
129. **MULHER**  
– Eva foi a primeira ...?
130. **FAMÍLIA**  
– O pai, a mãe e os filhos formam uma ...?
131. **TIO**  
– O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?
132. **GENRO**  
– O pai da esposa é o sogro. E o marido da filha, o que ele é?
133. **ÚNICO**  
– Quando a pessoa só tem um filho, se diz que ele é filho \_\_\_\_\_?
134. **ALTA**  
– O que é que se diz de uma pessoa que mede 1 metro e 90cm de altura?
135. **BAIXA**  
– Qual é o contrário de alta?
136. **LOURA**

- A pessoa que tem cabelos escuros, a gente chama de morena. E a pessoa que tem os cabelos claros e amarelados?
- 137. **VOZ**
  - Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem uma boa \_\_\_\_\_?
- 138. **DOIDO**
  - Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada num hospício?
- 139. **VELHO**
  - Um sapato que não é novo é \_\_\_\_\_?
- 140. **SANDÁLIA**
  - Aquele calçado aberto, trançadinho, usado no verão, que tem uma tira que prende no calcanhar?
- 141. **MEIA**
  - Aquilo que se usa no pé antes de calçar o sapato?
- 142. **BRAGUILHA**
  - ...a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper?  
[se você / o (a) senhor (a) encontra um conhecido com a calça aberta, você diz:  
fulano, fecha a \_\_\_\_\_?
- 143. **ANEL**
  - O que é que usa aqui no dedo? Ou apontar.
- 144. **PERFUME**
  - O que é que se passa no corpo para ficar cheiroso?
- 145. **PRESENTE**
  - Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, eu vem embrulhado?
- 146. **BEIJAR**
  - Dar um abraço é abraçar. E fazer assim? (mímica)
- 147. **SORRISO**
  - Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou se pode dar um \_\_\_\_\_?  
(mímica)
- 148. **DORMINDO**
  - A pessoa que não está acordada, está \_\_\_\_\_? (mímica)
- 149. **ASSOBIQ**
  - Como se chama isto? Assobiar

150. **PERDIDA**  
– Quando não se acha uma coisa, ela fica \_\_\_\_?
151. **ENCONTRAR**  
– Quando se perde uma coisa, se procurar até \_\_\_\_\_?
152. **PERGUNTAR**  
– Quando se quer saber alguma coisa, se vai \_\_\_\_?
153. **SAIR**  
– Qual é o contrário de entrar?
154. **BARULHO**  
– Quando uma criança está dormindo e não se quer que ela acorde, se diz: fale baixo, não faça \_\_\_\_\_?
155. **PAZ**  
– Se a pessoa não quer ser incomodada, a pessoa diz; Me deixe em \_\_\_\_\_.
156. **MEŞMA**  
– Uma pessoa usa roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa \_\_\_\_\_ mesma roupa (Se duas mulheres são casadas com dois irmãos, elas têm a \_\_\_\_\_ sogra.
157. **HÓSPEDE**  
– Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?
158. **ESQUERDO**  
– Este lado é o direito e este (*mostrar*)?
159. **MORREU**  
– Quem não está mais vivo é porque já \_\_\_\_\_?
160. **COMPADRE**  
– O padrinho do filho fica sendo o...
161. **COMADRE**  
– E a madrinha, a...

## 2 – SEMÂNTICO LEXICAL - QSL

### I - NATUREZA

#### 1. ACIDENTES GEOGRÁFICOS

##### 1- CÓRREGO /CORIXO/CORGO/RIACHO

... um rio pequeno e estreito, de uns dois metros de largura?

##### 2- PONTE/PINGUELA

...Tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um (cf. item 1)

##### 3- LAGOA

E o nome de uma grande quantidade de água parada cercada de terra por todos os lados?

##### 4- BAÍA

Extensão de água de forma arredondada, que nunca seca e pode ter uma parte enorme recoberta por vegetação bem verde, uma pequena prainha.

##### 5- AÇUDE

Extensão de água que se forma nas baixadas ou em buracos, construída pelo homem.

##### 6- VAU

O lugar onde se pode atravessar um rio a pé ou a cavalo?

##### 7- CHAPADA/PAREDÃO

Aqueles terrenos planos nos quais, geralmente, se planta soja ou algodão?

#### 2. FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

##### 8- TEMPORAL / TEMPESTADE/ VENDAVAL

...uma chuva com vento forte que vem de repente?

##### 9- CHUVA DE PEDRA

Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

**10- ARCO-ÍRIS**

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas. (*mímica*) Que nomes dão a essa faixa?

**11- GAROA/CHUVISQUEIRO/ CHUVISCO**

Que nome se dá a uma chuva bem fininha?

**12- ORVALHO/ SERENO**

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?

**13- NEVOEIRO/CERRAÇÃO/NEBLINA**

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

**14- ESTRELA D'ALVA /ESTRELA MATUTINA/ VÊNUS/ ESTRELA DA MANHÃ**

De manhã bem cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?

**15- ESTRELA VESPERTINA/ VÊNUS/ ESTRELA DA TARDE**

De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?

**16- ESTRELA CADENTE /ESTRELA FILANTE/ METEORO/ ZELAÇÃO**

De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (*mímica*) e faz um risco de luz. Como chamam isso?

**17- CHUVA DO CAJU/CHUVA DE MANGA / MANGA DE CHUVA**

E a chuva de verão, que dá e passa logo?

### 3. FLORA E FAUNA

**18- TANGERINA/ MEXERICA/ PONKÃ/ MORICOTE**

...as frutas menores que a laranja, que se descascam com as mãos e, normalmente, deixam um cheiro na Mão? Como elas são? (pedir para descrever, para apurar as diferenças entre as designações citadas pelo informante)

**19- PENCAS**

... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/ amadurecer?

**20- BANANA DUPLA / GÊMEAS/ FELIPE**

Que nome se dá àquelas bananas que nascem grudadas?

**21- PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA /UMBIGO / CORAÇÃO**

Como se chama aquela parte roxa que fica na parte de baixo do cacho de bananas?

**22- COGUMELOS**

E aqueles chapeuzinhos que nascem no chão úmido ou nos paus podres?

**23- PERNILONGO/ MOSQUITO**

...aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar o zumbido.*

**24- POTRILHO**

O cavalo bem novinho, como se chama?

**25- LONANCO**

Cavalo que puxa uma perna, porque tem um defeito nos quadris?

**26- ARREIO**

Peça que se coloca sobre o cavalo para montar nele?

**27- BAIXEIRO**

Qual é a peça do arreamento que se coloca embaixo do arreio.

**28- PELEGO**

Qual a peça do arreamento que se usa em cima do arreio para deixá-lo macio?

**29- BALDANA**

Peça de couro macio, usada sobre os pelegos?

**30- CINCHA**

Peça de couro que é passada por cima do arreio e aperta a barriga do cavalo, para firmar o arreio, como se chama?

**31- ARREADO**

Como se diz do cavalo que está pronto para ser montado?

**32- MOCHO**

E o animal sem chifre?

**33- BAGUAL**

E aquele animal que nasceu e se criou no mato, sem nunca vir ao mangueiro?

**34- MALHADOR**

Lugar onde o gado se reúne pra dormir no campo?

## II – HOMEM

### 1 – CORPO HUMANO

#### 35- CÉREBRO

O que se tem dentro da cabeça? Conhece outros nomes para isso?

#### 36- FACE / CARA

Como se chama essa parte do corpo? (apontar) Conhece outros nomes para isso?

#### 37- RAMELA

E aquela bolinha amarela que se forma no canto do olho?

#### 38- MELECA/ TATU/ CEROTO

Que nome se dá àquela sujeirinha dura que as pessoas tiram do nariz com o dedo?

#### 39- RANHO

E aquele negócio que escorre do nariz, quando a gente está com gripe?

#### 40- PÁLPEBRAS/ CAPELA DOS OLHOS

... essa parte que cobre o olho? (apontar)

#### 41- CANINOS/ PRESAS

... esses dois dentes pontudos? (apontar)

#### 42- DENTE DO SISO / DO JUÍZO

...os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?

#### 43- DENTES MOLARES / DENTE QUEIRO

E estes dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos \_\_\_\_\_ (cf. item 36) (mostrar)

#### 44- POMO DE ADÃO

...esta parte alta do pescoço do homem? (mostrar)

#### 45- SEIO

... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

#### 46- ÚTERO

...a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/ bebê antes de nascer?Lugar dentro da barriga da mulher onde fica a criança antes de nascer?

#### 47- NÁDEGAS

Como se chama a parte posterior, carnosa, situada acima da coxa sobre a qual a gente senta?

**48- RÓTULA DO JOELHO**

... o osso redondo que fica na frente do joelho? (mostrar)

**49- BARRIGA DA PERNA**

E esta parte aqui? (mostrar)

**50- TORNOZELO**

E este osso? (mostrar)

**51- CALCANHAR**

E esta parte do pé? (mostrar)

## 2 – DOENÇAS MAIS COMUNS

**52- TERÇOL/ VIÚVA**

...a bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha?

**53- CONJUNTIVITE/ DOR D'OLHOS**

...a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?

**54- MAU-OLHADO**

E a doença que é provocada pelo olhar de certas pessoas?

**55- FURÚNCULO**

Como se chama aquele tumor que sai geralmente nas nádegas ou nas pernas?

**56- BÓCIO/PAPADA**

... Algumas pessoas têm um grande acúmulo de gordura na parte inferior da face e na parte anterior do pescoço. Elas parecem que estão com o pescoço sempre inchado. Que nome você/ o (a) senhor (a) dá a isso?

**57- VERTIGEM**

Quando a pessoa vai desmaiar sente o quê?

## 3 – CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

**58- CAOLHO (ZAROLHO)**

E quem só enxerga com um olho porque perdeu o outro?

**59- VESGO (OLHO TORTO)**

E a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? Completar com um gesto dos dedos.

**60- COXO/RENGO**

E a pessoa que tem defeito numa das pernas e anda com dificuldade?

**61- PERNETA**

E a pessoa que não tem uma perna?

**62- CAMBOTA**

E a pessoa que tem as pernas arqueadas para dentro?

**63- ZAMBETA**

E a que tem as pernas voltadas para fora, os dois pés tortos?

**64- SARACURA**

Mulher que tem as pernas muito finas e compridas?

**65- FANHOSO**

E a pessoa que fala pelo nariz?

**66- DESDENTADO/ BANGUELA**

...a pessoa que não tem dentes?

**4 – CICLOS DA VIDA**

**67- MENSTRUACÃO**

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

**68- DAR À LUZ**

E quando a criança nasce diz-se que...

**69- RESGUARDO**

Que nome se dá àquele período após o parto em que a mulher fica de repouso?

**70- AMA DE LEITE**

Quando a mãe não tem leite e outra pessoa amamenta a criança, como chamam essa mulher?

**71- GÊMEOS**

...duas crianças que nasceram no mesmo parto?

**72- FILHO ADOTIVO**

A criança que não é filha verdadeira do casal, mas que é criada por ele como se fosse?

**73- PRIMOGENITO**

O filho que nasce primeiro, como é chamado?

**74- CAÇULA**

...o filho que nasceu por último?

**75- MENINO/ GURI/ PIÁ/ GAROTO**

Criança pequenininha, a gente fala que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

**76- MENINA/ GURIA/ GAROTA**

E se for do sexo feminino?

**77- FILHO ILEGÍTIMO**

E o filho de pais não casados (fora do casamento) que a mulher nem fica sabendo?

**78- FINADO/ FALECIDO**

Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como se referem a ela?

**5 – CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL**

**79- BURRO / PESSOA POUCO INTELIGENTE**

...a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

**80- PESSOA SOVINA**

Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa necessidades para não gastar?

**81- MARIDO ENGANADO/ CHIFRUDO**

...o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

**82- PROSTITUTA**

...a mulher que se vende para qualquer homem?

**83- XARÁ**

E a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

**84- BÊBADO**

Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

**85- RANZINZA**

E a pessoa que parece estar sempre irritada?

**86- TRAQUINA**

Uma criança que faz artes e mexe em tudo, como é chamada?

**87- FACEIRA**

A pessoa que gosta de se enfeitar e anda sempre bem vestida?

**88- BAJULADOR**

Pessoa que vive adulando os outros?

**89- DISSIMULADA**

Pessoa que na frente da gente age de um jeito e por trás age diferente?

**90- ACOMPANHANTE DOS NAMORADOS**

A pessoa que sai junto com os namorados é o quê?

**91- AMASIADO**

Quando um homem e uma mulher vivem juntos sem serem casados, eles são o quê?

**92- POSSEIRO**

Como se diz para a pessoa que mora e trabalha em terras alheias, sem licença do dono?

**6 – RELIGIÃO E CRENÇAS**

**93- DIABO (OUTRAS DENOMINAÇÕES)**

Deus está no céu, no inferno está o...

**94- FEITIÇO**

O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?

**95- AMULETO/BREVE**

... O objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

**96- BENZEDEIRA**

... Uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

**97- CURANDEIRO**

... A pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

**98- AGOURENTAS**

A presença de certas pessoas ou animais é considerada como sinal de desgraça. Elas são...

## 7 – ALIMENTAÇÃO E UTENSÍLIOS

### 99- CURAU/ CANJICA

Uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?

### 100- CANJICA / MUNGUNZÁ

...aquele alimento feito com milho branco, coco e canela?

### 101- EMPANTURRADO

Quando uma pessoa acha que demais, ela diz: Comi tanto que estou \_\_\_\_\_

### 102- GULOSO / GLUTÃO

...uma pessoa que normalmente come demais?

### 103- BALA / CONFEITO / BOMBOM

Aquele alimento doce, que vem embrulhado em papel colorido que se chupa?

(mostrar).

### 104- CARIBÉU

Qual o nome daquela comida feita com carne e mandioca picadinhos e com muito caldo?

### 105- ARROZ CARRETEIRO

E aquela comida feita com carne seca, cortada em pedacinhos, com arroz?

### 106- PINGA

Corno se chama aquela bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar? Que outros nomes são dados a essa bebida?

### 107- BOTEÇO

Onde vão as pessoas para tomar um traguinho? (lá também se podem comprar outras coisas?)

### 108- BOLICHO

Como se chama a casa de comércio bem simples, construída geralmente à margem das estradas?

### 109- TERERÊ

Como se chama aquela bebida refrescante, feita com erva-mate e água gelada?

### 110- MATE

E se a bebida for feita com erva-mate e água quente?

### 111- MATULA

Como se chama aquela comida que as pessoas levam para comer durante a viagem?

## 8 – VESTUÁRIO E OBJETOS DE USO PESSOAL

### 112- SUTIÃ

...a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

### 113- CALCINHA

... a roupa que a mulher usa debaixo da saia?

### 114- RUGE

...aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?

### 115- GRAMPO

...um objeto fino, de metal, usado para prender os cabelos?

### 116- DIADEMA/ ARCO/ TIARA

...o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? (*Mímica*)

### 117- LEQUE

E aquele objeto que as mulheres usam para fazer vento quando está muito calor?

### 118- CIGARRO DE PALHA

Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

## 9 – HABITAÇÃO

### 119- TRAMELA

... Aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta ou janela?

### 120- VENEZIANA

Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? (mostrar gravura).

### 121- VASO SANITÁRIO/PATENTE

Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

**122- FULIGEM**

...aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?

**123- BORRALHO**

... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?

**124- ISQUEIRO/BINGA**

Para acender um cigarro, se usa fósforo ou...

**125- LANTERNA**

Aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (mímica)?

**126- INTERRUPTOR DE LUZ**

Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?

**127- RANCHO**

Como se chamam aquelas casas bem pobres, construídas de pau-a-pique, cobertas geralmente de capim?

**128- BARROTE**

De que são feitas as paredes dos ranchos?

**129- TAPERA**

Que nome se dá ao rancho ou casa abandonada?

**10 – ATIVIDADES AGROPASTORIS**

**130- CAPATAZ**

Corno se chama a pessoa que cuida da fazenda quando o dono não está (o chefe dos trabalhadores da fazenda)?

**131- ARRENDATÁRIO**

Como se chama a pessoa que aluga a terra para criar ou plantar?

**132- DE A MEIA**

E o trabalho em sociedade, metade para um, metade para outro, como se chama?

**133- BOIADEIRO**

E a pessoa que cuida e conduz o gado?

**134- PEÃO CAMPEIRO**

Pessoa que é paga para realizar o trabalho de campo nas fazendas.

**135- PEÃO PRAIEIRO/ CASEIRO**

Pessoa que é paga para realizar o trabalho em volta da sede de uma propriedade rural.

**136- CHANGUEIRO**

E a pessoa que não tem trabalho fixo realiza um serviço aqui e outro ali?

**137- APARTAÇÃO**

Quando se reúne o gado no mangueiro para vaciná-lo, diz-se que vai fazer o quê?

**138- CARNEAR**

Quando se vai matar a rês gorda para consumo da fazenda, diz-se que vai fazer o quê?

**139- MATULA**

Essa rês como é chamada?

**11 – BRINQUEDOS E DIVERSÕES****140- BOLITA / BOLINHA DE GUDE/ BURCA / BÚRICA**

...as coisinhas redondas, de vidro, com que os meninos gostam de brincar?

**141- BIROCA**

Como se chama o buraquinho que as crianças fazem no chão com as (Cf. item 135)?

**142- ESTILINGUE / BODOQUE / SETRA/ BALADEIRA**

Como se chama aquele objeto feito pelos meninos, com uma forquilha de pau e duas tiras de borracha amarradas nas pontas, usado para atirar pedras em passarinhos?

**143- PIPA / PAPAGAIO**

Que nome se dá àquele brinquedo feito de papel e amarrado numa linha bem comprida, que as crianças, quando está ventando soltam no ar e ficam segurando pela linha?

**144- CABRA-CEGA**

...a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

**145-GANGORRA**

...uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? (*mímica*)

**146-AMARELINHA**

... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerado, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só? (pedir para descrever a brincadeira).

**147-PETECA**

E o brinquedo que é feito de couro, com penas espetadas, que se joga com a palma da mão?

**148-QUEIMADA**

E a brincadeira em que uma turma de crianças fica de um lado e outra fica de outro e tentam acertar umas às outras com uma bolinha?

**12 – VIDA URBANA**

**149-SINALEIRO/SEMÁFORO/SINAL**

Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

**150-LOMBADAS/QUEBRA-MOLAS**

... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?

**151-LOTE / TERRENO / DATA**

...a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?

**152-ÔNIBUS URBANO**

...a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

**153-ÔNIBUS INTERURBANO**

3. ...a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?

**154-SESTA**

Depois do almoço, como se chama aquela hora (aquele momento), em que as pessoas descansam e tiram uma soneca?

**3- SUPERSTIÇÕES, SIMPATIAS E LENDAS****155-SORTE E AZAR**

A s pessoas costumam acreditar em coisas que dão sorte e que dão azar. O que você/ o (a) senhor (a) acha que dá sorte? E azar?

**156- LENDAS E MITOS**

Quais as lendas que conhece?

**157- APARIÇÕES E CAUSOS**

Fale sobre aparições e causos interessantes aqui da região.

#### 4- TEMAS PARA DISCURSOS SEMIDIRIGIDOS

##### 1- RELATO PESSOAL

Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro, etc.)

##### 2- COMENTÁRIO

De que programas de televisão você/ o (a) senhor (a) gosta mais? Por quê?

##### 3- DESCRIÇÃO

Você / o (a) senhor (a) trabalha em quê? Fale um pouco sobre seu trabalho.

##### 4- RELATO NÃO PESSOAL.

Conte um caso / um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha acontecido com um amigo, etc.).

#### 5- PERGUNTAS METALINGÜÍSTICAS

1. Como se chama a língua que você / o (a) senhor (a) fala?
2. Tem gente que fala diferente aqui em \_\_\_\_\_ (*citar a cidade onde está*)? Se houver, identificar os grupos "*que falam diferente*".
3. Poderia dar um exemplo do modo como falam essas pessoas "*que falam diferente*"?
4. E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de \_\_\_\_\_ (*citar a cidade onde está*)?
5. Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?
6. No passado, falava diferente aqui? Como era a cidade antigamente?

## APÊNDICE B - MODELO DA BASE DE DADOS PARA AS CARTAS FONÉTICAS

No DA CARTA	PERFIL	No do QFF	NOME DA CARTA	C VERDE	DOM AQUINO	TESOURO	POXOREU	GUIRATINGA	RONDONOPOLIS	ITIQUEIRA	ALTO ARAGUAIA
1		<b>Onde se constrói uma casa?</b>									
1	H JOV	2	<u>TERRENO</u>	te'xĕnu	te'xĕnu	te'xĕnu	te'xenu	te'xenu	te'xĕngu	te'xĕngu	te'xenu
1	M JOV	2	<u>TERRENO</u>	te'xĕnu	te'xenu	te'xenu	te'xenu	te'xĕnu	te'xĕnu	te'xenu	te'xenu
1	H IDOS	2	<u>TERRENO</u>	te'xĕnju	te'xĕnu	te'xĕnu	te'xĕnu	te'xĕnu	te'xejnu	te'xĕnu	te'xenu
1	M IDOS	2	<u>TERRENO</u>	NR	te'xĕnu	te'xĕnu	te'xĕnu	te'xĕnu	te'xĕnu	te'xĕnu	te'xenu
2		<b>Que nome o (a) senhor (a) dá àquilo assim (mímica), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos no supermercado, mercearia?</b>									
2	H JOV	3	<u>PRATELEIRA</u>	pratʃi'lerĕ	paʃti'lerĕ	paxtʃi'lerĕ	paxti'lerĕ	paxtʃi'lerĕ	paʃʃi'lerĕ	pratʃi'lerĕ	pratʃi'lerĕ
2	M JOV	3	<u>PRATELEIRA</u>	pahtʃi'lerĕ	pratʃi'lerĕ	paxtʃi'lerĕ	paʃʃi'lerĕ	paxtʃi'lerĕ	pratʃi'lerĕ	prate'lejre	paʃʃi'lerĕ
2	H IDOS	3	<u>PRATELEIRA</u>	pratʃi'lerĕ	NR	paxtʃi'lerĕ	paxti'lerĕ	plati'lejre	paʃʃi'lerĕ	paxtʃi'lerĕ	paxtʃi'lerĕ
2	M IDOS	3	<u>PRATELEIRA</u>	paʃʃi'lerĕ	paʃʃi'lerĕ	pratʃi'lejre	paxtʃi'lerĕ	pratʃi'lerĕ	paʃʃi'lejre	prate'lejre	pratʃi'lerĕ
3		<b>Como se chama aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?</b>									
3	H JOV	4	<u>TELEVISÃO</u>	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	NR	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw
3	M JOV	4	<u>TELEVISÃO</u>	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw
3	H IDOS	4	<u>TELEVISÃO</u>	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw
3	M IDOS	4	<u>TELEVISÃO</u>	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw	televi'zĕw
4		<b>Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?</b>									
4	H JOV	5	<u>CAIXA</u>	'kafĕ	'kafĕ	'kafĕ	'kajʃĕ	'kafĕs	'kajʃĕ	'kafĕ	'kajʃĕ
4	M JOV	5	<u>CAIXA</u>	'kafĕ	'kafĕ	'kafĕ	'kajʃĕ	'kajʃĕ	'kajʃĕ	'kajʃĕ	'kafĕ
4	H IDOS	5	<u>CAIXA</u>	'kafĕ	'kafĕ	'kafĕ	'kafĕ	'kafĕ	'kafĕ	'kafĕ	'kafĕ
4	M IDOS	5	<u>CAIXA</u>	'kafĕ	'kafĕ	'kafĕ	'kafĕ	'kafĕ	'kafĕ	'kajʃĕ	'kafĕ

## APÊNDICE C - MODELO DA BASE DE DADOS PARA AS CARTAS LÉXICAS

No da carta	No do QSL	Nome da carta	perfil do inf.	C VERDE	DOM AQUINO	TESOURO	POXOREU	GUIRATINGA	RONDONOPOLIS	ITIQUIRA	ALTO ARAGUAIA
1	1	Que nome você / o(a) senhor (a) dá a um rio pequeno e estreito, de uns dois metros de largura?									
1	1	rio pequeno e estreito	H JOV	corguin	Grota	Grota	Córrego	Córrego	córgo	corgo	Córrego
1	1		M JOV	córquinho	Rego d'água	corgo	riacho	Córrego	Riacho	córrigo	Córrego
1	1		H ID	córgo	Riacho	Córrego	córgo	Córgo	córgo	córrego córgo	córrego
1	1		M ID	riberinho	córgo	córgo	grota	córrego	bica de água	córrego	córgo
2	2	Que nome você / o(a) senhor (a) dá a um tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um (cf. item 1)									
2	2	tronco / pedaço de pau usado para passar por cima de um córrego	H JOV	pinguela	Ponte	Pinguela	Ponte	Ponte	pinguela	Ponte	Pinguela
2	2		M JOV	ponte	Ponte	ponte pinguela	Ponte	Ponte	ponte	pinguela	NR
2	2		H ID	pinguela	Ponte	ponte	pinguela	pinguela	pinguela	passarela	Pinguela
2	2		M ID	ponte	Pinguela	pinguela	ponte	pinguela	pontinha Pinguela	pinguela pontinha	pinguela
3	3	Como se chama uma grande quantidade de água parada cercada de terra por todos os lados?									
3	3	porção de água cercada de terra	H JOV	lagoa	Lagoa	lagoa	Lago	Represas Lagoas	lagoa	Lagoa	lagoa
3	3		M JOV	lagoa	lagoa	Lagoa	lago	Lagoa	Lagoa	lagoa	Lago
3	3		H ID	represa lagoa	Lagoa	lago	lagoa	lagoa	lagoa	Represa lago	lagoa
3	3		M ID	lago	lagoa	lagoua	lagoa	NR	Brejo	lagoa	lagoa
4	4		M ID	lago	lagoa grande	Brejo	Brejo	NR	NR	açude aguapê	mina

**APÊNDICE D**  
**CORRESPONDÊNCIA ENTRE O ALMS E O ALMESEM**  
**CARTAS FONÉTICAS**

Nº da carta no ALMESEM	Título da carta no ALMESEM	Nº da carta no ALMS	Título da carta no ALMS
12	FÓ <u>S</u> F <u>O</u> RO	QFF – 46.a e 46.b	FÓSFORO
18	G <u>O</u> R <u>D</u> URA	QFF 17.a	GORDURA
21	C <u>O</u> L <u>H</u> ER	QFF 44.a e 44.b	COLHER
23	F <u>E</u> R <u>V</u> EN <u>D</u> O	QFF 15.a	FERVENDO
39	T <u>E</u> IA	QFF 29.a	TEIA
45	<u>D</u> IA	QFF 20.a	DIAS
48	C <u>A</u> L <u>O</u> R	QFF 13.a	CALOR
77	C <u>A</u> L <u>Ç</u> ÃO	QFF 14.a	CALÇÃO
80	A <u>D</u> V <u>O</u> G <u>A</u> DO	QFF 07.a	ADVOGADO
84	M <u>E</u> N <u>T</u> IRA	QFF 11.a e 11.b	MENTIRA
85	P <u>R</u> O <u>C</u> ISSÃO	QFF 23.a	PROCISSÃO
86	S <u>A</u> N <u>T</u> O A <u>N</u> TÔN <u>I</u> O	QFF 22.a e 22 b	SANTO ANTÔNIO
90	O <u>L</u> H <u>O</u>	QFF 34.a	OLHO/OLHOS
93	O <u>U</u> V <u>I</u> DO	QFF 35.a	OUVIDOS
96	J <u>O</u> E <u>L</u> H <u>O</u>	QFF 38.a e 38. b	JOELHO
100	H <u>O</u> M <u>E</u> M	QFF 02.a	HOMEM
102	F <u>A</u> MÍ <u>L</u> IA	QFF 01.a e 01.b	FAMÍLIA
103	T <u>I</u> O	QFF. 03.a	TIO
104	G <u>E</u> N <u>R</u> O	QFF. 04.a	GENRO
122	C <u>O</u> M <u>A</u> D <u>R</u> E	QFF 05.a e 05.b	COMADRE

**APÊNDICE E - CORRESPONDÊNCIA ENTRE O ALMS E O ALMESEMT**  
**CARTAS LEXICAIS**

<b>Nº da carta no ALMESEMT</b>	<b>Título da carta no ALMESEMT</b>	<b>Nº da carta no ALMS</b>	<b>Título da carta no ALMS</b>
1	Rio pequeno e estreito	QSL 0008.a	Córrego
4	Extensão de água, de forma arredondada, que nunca seca	QSL 0015.a	Baía
5	Extensão de água, construída pelo homem	QSL 0016.a	Açude
6	Um lugar do rio onde se atravessa a pé ou a cavalo	QSL 0011.a	Vau
9	Chuva com bolinhas de gelo	QSL 0044.a	Chuva de pedra
10	Listas coloridas que aparecem no céu depois da chuva.	QSL 0037.a e QSL. b	Arco-íris
12	O que molha a grama de manhã	QSL 0050.a	Orvalho
13	Fumaça que cobre tudo de manhã.	QSL 0032.a	Nevoeiro/ cerração/ neblina
14	Última estrela a desaparecer de manhã	QSL 00 34.a	Estrela d'alva
16	Estrela que se desloca no céu.	QSL 0032.a	Estrela cadente
17	Chuva que passa logo	QSL 0043.a	Manga de chuva
18	Frutas menores que a laranja, que se descasca com as mãos.	QSL 0077.a	Mexerica
19	Bananas que nascem grudadas	QSL 0083.a	Gêmeas

21	Chapeuzinhos que nascem no chão úmido	QSL 0084.a	Cogumelos
22	Inseto que canta nos ouvidos das pessoas à noite.	QSL 0132.a	Mosquito
23	Um cavalo que puxa de uma perna	QSL 0099.a	Lonanco
27	Peça de couro do arreamento	QSL 0104.a	Baldana
29	Animal que nasceu e se criou no mato	QSL 0112.a	Bagual
31	Bolinha que se forma no canto do olho	QSL 0217.a	Ramela
32	Sujeirinha dura que se tira do nariz	QSL 0147.a	Ceroto
33	Pele acima do olho	QSL 0143.a	Pálpebras
35	Dentes que nascem por último	QSL 0153.a	Siso
38	Parte do corpo da mãe onde fica o nenê	QSL 0277.a	Placenta
39	Parte posterior, carnosa, situada acima da coxa	QSL 0171.a	Nádegas
40	Osso redondo do joelho	QSL 0175.a	Rótula do joelho
41	Parte inferior da perna	QSL 0176.a	Barriga da perna
42	Ossinho entre o pé e a perna.	QSL 0177.a	Tornozelo
46	Quem enxerga só com um olho	QSL 0220.a	Caolho (zarolho)
47	Olhos voltados para direções opostas	QSL 0221.a	Vesgo (olho torto)

48	Pessoa que anda com dificuldade	QSL 0224.a	Coxo/rengo
50	Pessoa que tem as pernas arqueadas para dentro	QSL 0226.a	Cambota
52	Pessoa que não tem dente	QSL 0156.a	Desdentada
54	Mãe em relação ao parto	QSL 0275.a	Dar à luz
55	Período após o parto	QSL 0276.a	Resguardo
58	Criança do sexo masculino	QSL 0291.a	Menino
61	Pessoa que não gosta de gastar	QSL 0260.a	Sovina
62	Marido traído	QSL 0255.a	Chfrudo
63	Mulher que vende o corpo	QSL 0254.a	Prostituta
64	Pessoa que bebeu demais	QSL 0256.a	Bêbado
66	Criança que mexe em tudo	QSL 0251.a	Traquina
71	Casal que moram juntos sem serem casados	QSL 0300.a	Amaziado
72	Pessoa que mora em terras alheias sem licença do dono	QSL 0271.a	Posseiro
73	Quem está no inferno	QSL 0318.a	Diabo
74	Feitiço	QSL 0323.a	Feitiço
84	Comida feita com carne e mandioca picadinhos	QSL 0340.a	Caribéu
85	Carne seca com arroz	QSL 0342.a	Arroz carreteiro

86	Bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar	QSL 0345.a	Pinga
87	Lugar onde se vai para beber	QSL 0348.a	Bolicho
89	Comida que se leva para comer durante a viagem	QSL 0354.a	Matula
90	Produto para deixar o rosto feminino mais rosado	QSL 0389.a	Ruge
91	Objeto usado para prender os cabelos	QSL 0391.a	Grampo
92	Objeto que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos.	QSL 0395.	Diadema
93	Cigarro enrolado à mão	QSL 0398.a	Cigarro de palha
99	Casas construídas de pau-a-pique	QSL 0407.a	Rancho
101	Casa abandonada	QSL 0410.a	Tapera
106	Quem realiza o trabalho de campo nas fazendas	QSL 0454.a	Peão campeiro
107	Pessoa que cuida em volta da sede da fazenda	QSL 0455.a o	Peão praieiro/caseiro
109	Bolinhas de vidro que servem para brincar	QSL 0461.a	Bolita
111	Objeto de pau e borracha para matar passarinho	QSL 0481.a	Estilingue
112	Brinquedo de papel que se segura pela linha e solta no ar	QSL 0466.a	Pandorga
113	Brincadeira na qual se fica com os olhos vendados	QSL 0464.a	Cabra-cega
117	Morrinho atravessado na rua, para os carros diminuírem a Velocidade	QSL 0493.a	Tartaruga/quebra-molas
121	Momento em que se descansa depois do almoço	QSL 0501.a	Sesta